



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
MESTRADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

VAGNA SHIRLEI FELICIO SANTANA VIDAL

**DORIVAL CAYMMI: VIDA, OBRA, PENSAMENTO E ACERVO EM UMA
TEMPORALIDADE DO VERDE E AMARELO.**

Salvador
2015

VAGNA SHIRLEI FELICIO SANTANA VIDAL

**DORIVAL CAYMMI: VIDA, OBRA, PENSAMENTO E ACERVO EM UMA
TEMPORALIDADE DO VERDE E AMARELO.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Ciência da Informação.

Orientadora: Profa. Dra. Zeny Duarte de Miranda.

Salvador
2015

V649d

Vidal, Vagna Shirlei Felício Santana.

Dorival Caymmi: vida, obra, pensamento e acervo em uma temporalidade do verde e amarelo / Vagna Shirlei Felício Santana Vidal. – Salvador, BA, 2015.
154f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Zeny Duarte de Miranda.

Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Ciência da Informação, Salvador.

1. Arquivo privado pessoal. 2. Memória. 3. Dorival Caymmi. 4. Arquivologia contemporânea. I. Duarte, Zeny. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Ciência da Informação. III. Título.

CDU: 025

VAGNA SHIRLEI FELICIO SANTANA VIDAL

DORIVAL CAYMMI: VIDA, OBRA, PENSAMENTO E ACERVO EM UMA TEMPORALIDADE DO VERDE E AMARELO. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial a obtenção do grau de Mestre em Ciência da Informação, defendida e aprovada em 06 de outubro de 2015 pela banca examinadora:

Prof^a. Dra. Zeny Duarte de Miranda - Presidente e orientadora
Doutora em letras e linguística, Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil, 2000.

Prof^a. Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira - Membro externo
Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba, UFPB, Brasil, 2009.

Prof^a. Dra. Maria da Graça de Melo Simões - Membro externo suplente
Doutora em Ciência da Informação, Universidad de Salamanca, USAL, Espanha, 2010.

Prof^a. Dra. Nídia Maria Lienert Lubisco - Membro Interno
Doutora em Documentación, Universidad Carlos III de Madrid, Espanha, 2007.

Prof^a. Dra. Lidia Maria Batista Brandão Toutain - Membro Suplente Interno
Doutora em Filosofia, Universidad de León, Espanha, 2003.

A minha família. A todos aqueles que, de alguma forma,
me ajudaram a colocar as ideias no papel.

AGRADECIMENTOS

A Deus Pai, minha fortaleza e meu refúgio em todos os momentos da vida, principalmente, nas dificuldades encontradas ao longo do desenvolvimento deste trabalho.

A Nossa Senhora de Fátima pela misericórdia maternal.

A minha família, porto seguro sempre, especialmente meus pais Eilas e Normeide, minha primeira professora e companheira de todas as horas.

A meu filho Davi, pela compreensão das minhas ausências e pelo carinho que me dispensou, revigorando minhas forças.

A meu irmão Isaac que tanto se dedicou para que esse momento acontecesse.

A Tarciara Silva de Oliveira pela presteza e companheirismo.

Aos companheiros de oração.

Gratidão à orientadora, Professora e amiga Dra. Zeny Duarte pela competência, entusiasmo, incentivo, disponibilidade e dedicação.

Ao PPGCI, em especial a secretaria da pós-graduação, Marilene Luzia, Saint Clair, Avelino e Karoline, pelo carinho e jeito acolhedor.

A CAPES e ao Programa de pós – graduação em Ciência da Informação (UFBA) pela bolsa de mestrado.

À Dory Caymmi, Renata Ratto e Daniela Amado pelo apoio e colaboração.

Às professoras Bernardina Freire, Graça Simões, Lídia Tutan e Nidia Lubisco, pela gentileza em participar de minha banca examinadora.

Aos colegas do curso, Agnaldo, Maira Salles, Francis Miranda, Noaide Reis, Alexssandra, Zeca, Samir, Sônia Ferreira, Mylene, Gustavo, Paulo e Jader, pela convivência solidária ao compartilhar as apreensões, ansiedades, pelas ricas trocas de experiências e, enfim, pela amizade sólida e verdadeira construída ao longo do percurso.

Aos professores do mestrado em Ciência da Informação dos semestres 2013.1 a 2015.1.

Aos colegas da Pro Reitoria de Pós-graduação - PROPG, Graça, Ebe, Luís, Manuéli, Alexandre, Samir Chamone, Prof Verhine e Prof. Ronaldo.

À equipe pedagógica da APM, aos coordenadores de Ensino, em especial ao Capitão Bernardo, Capitão Vila Nova, Capitão Fernandes pela compreensão e apoio.

Aos amigos Babilon Azevedo, Léa Pereira, Edson Fernando, e Antônio Gouveia, que acreditaram em mim, sempre.

Aos amigos que encontrei na PRODEB, companheiros presentes ao final do percurso.

A todos aqueles que contribuíram de boa vontade fornecendo subsídios para a realização deste trabalho.

Memória

Amar o perdido
deixa confundido
este coração.

Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.

As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão.

Mas as coisas fíndas,
muito mais que lindas,
essas ficarão.

Carlos Drummond de Andrade

MARACANGALHA

SAMBA

TROMBONE

D. CAYMMI

The musical score for Trombone consists of ten staves. The first staff begins with a treble clef, a key signature of one sharp (F#), and a 4/4 time signature. The notation includes various rhythmic values, slurs, and accents. The first staff is marked "Solo" and the second staff is marked "tutti". The third staff features a section with a double bar line and a fermata, followed by a section marked "soli". The score concludes with a double bar line and a fermata. The notation is written in a style typical of mid-20th-century musical publications.

ad lib.

E.E.L. 513-B



Eu vou pra Maracangalha eu vou
Eu vou de uniforme branco eu vou
Eu vou de chapéu de palha eu vou
Eu vou convidar Anália eu vou

Se Anália não quiser ir eu vou só

Eu vou só

eu vou só

Se Anália não quiser ir eu vou só

Eu vou só

eu vou só

Maracangalha (samba, 1956) – Dorival Caymmi

RESUMO

Apresentar-se-á o arquivo de Dorival Caymmi, fonte de informação e pesquisa com possibilidade, não só de compreender uma sociedade através de documentos pessoais, com elementos próprios, como também a construção da trajetória sociocultural e artística do titular do arquivo em estudo. O presente trabalho versa sobre a organização e representação da informação e do conhecimento, com foco nos arquivos digitais do Instituto Antonio Carlos Jobim, tendo a finalidade de analisar a documentação pessoal de Dorival Caymmi, a partir de reflexão teórica da arquivologia moderna, no contexto das tecnologias da informação e comunicação. Esta pesquisa analisa a plataforma digital, o DSpace, com sinalização referente a necessidade da participação do arquivista no processo de organização e descrição de documentos nela depositados. O mencionado *software* serve a uma necessidade específica, como sistema de arquivos digitais, no armazenamento de longo prazo, acesso e preservação de conteúdo dos itens documentais. A análise do arquivo do compositor-poeta, Dorival Caymmi, artista e imortal, permitiu tomar conhecimento de seu rico valor biográfico, reafirmando-o como um legado à cultura baiana e brasileira, neste ato. O trabalho aqui desenvolvido, tratar-se-á de uma revisão teórico-conceitual sobre arquivos pessoais, no âmbito de estudos relacionados ao tratamento dos documentos produzidos e acumulados por pessoa física.

Palavras-chave: Arquivo privado. Memória. Arquivo pessoal. Dorival Caymmi

ABSTRACT

It will be presented the Dorival Caymmi's archives, a source of information and research with the possibility not only to understand a society through personal documents, with its own elements, as well as the construction of socio-cultural and artistic trajectory of the owner of the archives under study. This work deals with the organization and representation of information and knowledge, focusing on the digital archives of the Institute Antonio Carlos Jobim, with the purpose of analyzing the personal documentation of Dorival Caymmi, from theoretical reflection of modern archival science in the context of information and communication technologies. This research analyzes the digital platform, DSpace, with signage regarding the need for participation of the archivist in the process of organization and description of documents there deposited. The mentioned software serves a specific need, such as digital file system, in the long-term storage, access and preservation of documental content items. The analysis of the composer-poet archives, Dorival Caymmi, artist and immortal, allowed aware of its rich biographical value, reaffirming it as a legacy to the Bahian and Brazilian culture. The work developed here will treat a theoretical and conceptual review of personnel archives, in studies related to the processing of documents produced and accumulated by an individual.

Keywords: Private archives. Memory. Personal archive. Dorival Caymmi

LISTA DE TABELA

Tabela 1 – demonstrativo de parte do arquivo de DCyi no mapa do *site* do IACJ 98

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Descrição de Arquivo Permanente	41
Figura 2: Círculo construído a partir de uma vivência pessoal	61
Figura 3: Linha do tempo.	63
Figura 4: Página de acesso ao guia dos arquivos do CPDOC	64
Figura 5: Página de consulta ao acervo do CPDOC	66
Figura 6: Página de serviços disponíveis ao usuário	67
Figura 7: Certidão de Dorival Caymmi	70
Figura 8: Placa em homenagem a Dorival Caymmi	75
Figura 9: Interior do apartamento-museu de Dorival Caymmi	79
Figura 10: Pertences de Dorival Caymmi	81
Figura 11: Estante contendo livros e partituras e documentos pessoais de Dorival Caymmi.	84
Figura 12: Telas expostas na sala do apartamento-museu	84
Figura 13: Recorte de Jornais	85
Figura 14: Santo Dorival Caymmi	86
Figura 15: Portal do Instituto Antônio Carlos Jobim	88
Figura 16: Arquivo digital de Dorival Caymmi	92
Figura 17: Acervo digital de Dorival Caymmi	93
Figura 18: Acervo digital de Dorival Caymmi	95
Figura 19: Acervo digital de Dorival Caymmi	95
Figura 20: Acervo digital de Dorival Caymmi	96
Figura 21: Acervo digital de Dorival Caymmi	97
Figura 22: <i>Site</i> oficial de Dorival Caymmi	100

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AP	Arquivo Pessoal
CI	Ciência da Informação
CONARQ	Conselho Nacional de Arquivos
CPDOC	Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
DCyi	Dorival Caymmi
IACJ	Instituto Antônio Carlos Jobim
MIS	Museu de Imagem e Som
MPB	Musica Popular Brasileira
n.	número
p.	página
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
UFBA	Universidade Federal da Bahia
SOC	Sistemas de Organização do Conhecimento
OC	Organização do Conhecimento
OI	Organização da Informação
ORIA	Organização e Representação da Informação Arquivística
RI	Representação da Informação
RC	Representação do conhecimento

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	20
2.1 REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO E DO CONHECIMENTO EM ARQUIVO	20
2.1.1 <i>Disseminação da informação em redes</i>	27
2.1.2 <i>Arquivo Pessoal no contexto Sociocultural e Artístico</i>	30
2.1.3 <i>Arquivo Pessoal</i>	39
3 PERCURSO METODOLOGICO	49
3.1 ESTRADAR	53
3.2 COLETA DE DADOS	54
4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS: ESCAVAÇÃO EM ARQUIVOS PESSOAIS	58
4.1 FUNDAÇÃO GETULIO VÁRGAS (FGV) E CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)	64
4.2 DORIVAL CAYMMI: DESVENDANDO O TRAÇADO AUTOBIOGRÁFICO ATRAVES DO ARQUIVO PESSOAL	69
4.2.1 <i>Incursão no apartamento-museu</i>	78
4.3 INSTITUTO ANTONIO CARLOS JOBIM: GALERIA DIGITAL	88
4.3.1 <i>Arquivo de Dorival Caymmi hospedado no DSpace do IACJ</i>	90
5 A TÍTULO DE CONCLUSÃO	101
REFERÊNCIAS	104
APÊNDICE	116
ANEXO	150

1 INTRODUÇÃO

Este estudo pretende sinalizar questionamentos para os critérios utilizados na organização e disseminação do arquivo pessoal de Dorival Caymmi ¹(DCyi), encontrando eco nos estudos teóricos sobre arquivo pessoal, tendo como foco central investigar os critérios utilizados para organização e disseminação do citado arquivo, com o propósito de analisar o tratamento arquivístico que esse arquivo pessoal recebeu e os aspectos mais relevantes de sua organização.

O interesse pelo tema surgiu inspirado em hábitos e costumes da Bahia Caymmiana, o artista completo na música, na simplicidade, na pintura, na forma extremamente honesta de ver as coisas e, é claro, em tudo que fosse relacionado à vida, representou a história do pescador singelo, na música “Suíte do pescador” que foi à ponte.

O seu centenário, comemorado em 2014, por toda a Bahia, nos levou a rememorar um passado e familiares mais antigos, a cantarolar canções de Caymmi e a citá-lo como um dos mais importantes compositor e cantor de sua geração. Recordamos, aqui, uma das estrofes mais cantadas de suas músicas, desde então, e até hoje: “Minha jangada vai sair pro mar, vou trabalhar.”

Evidenciaremos estes assuntos, pois a pesquisa é direcionada ao arquivo pessoal daquele que preenchia seu coração ao contemplar o mar. Portanto, a escolha do arquivo desse compositor-poeta ²foi conduzida pelo discurso de um homem livre que não se limitava a condições e enxergava tudo com naturalidade, um arquivo com possibilidades viáveis de uma pesquisa científica, ora apresentada.

Diante desse contexto, para que pudéssemos conhecer o DCyi, foi indispensável compreender seu entorno, sua família, amigos, arquivo pessoal, produções artísticas e suas obras.

O seu molejo e amor telúrio iniciaram nosso percurso, percebemos o valor atribuído à Bahia, ao Brasil, que logo nos remeteu ao Modernismo, na busca pelo moderno, original e polêmico, com o nacionalismo em suas múltiplas facetas. DCyi volta às origens, através da valorização da sua terra, motivo que nos levou a citar, no

¹ A partir daqui, usa-se essa abreviatura.

² Compositor-poeta por ter composto obras musicais comoventes e emocionantes, cumprindo o papel de artista e de poeta. Assim, as relevâncias de excelência em suas obras musicais ficam para gerações futuras.

subtítulo desta dissertação, a expressão tão bem representada: a temporalidade do verde e amarelo.

Ao referenciar as produções do baiano, no contexto em que ela surgiu e se desenvolveu no livro ‘Caymmi: uma utopia de lugar’, o poeta e escritor, Antonio Risério (1993, p.121) observou que a Bahia das músicas de Caymmi, embora idealizada, não era inexistente: “a Bahia de Caymmi é um sonho acordado”, cantou a Bahia colonial, com suas paisagens paradisíacas, gente sensual, coqueiros e pescadores, comidas típicas comercializadas nos tabuleiros das negras baianas, candomblé, samba, capoeira e um ritmo atemporal, onde o compositor, “mesmo em suas referências urbanas à Bahia, destacava a cidade, apagando as partes afetadas pela modernidade” (RISÉRIO, 1993, p. 119). Por esse motivo, cabe no título deste trabalho, a expressão “temporalidade do verde e amarelo”.

Com base nesses pressupostos, dividimos o trabalho em cinco partes. No primeiro capítulo trazemos um apanhado do que seria a nossa pesquisa, o que nos motivou a iniciar esse estudo. No capítulo, fundamentação teórica, contextualizamos o tema, com a apresentação de conceitos e definições de autores de renome nas áreas estudadas, que contribuem para a discussão desta pesquisa. Discorremos sobre a representação da informação e do conhecimento, disseminação da informação, focando no arquivo pessoal, precisamente no contexto sociocultural e artístico.

No terceiro capítulo, apresentamos o percurso metodológico, nossa caminhada, os procedimentos adotados, assim como a coleta de dados. O quarto capítulo, apresentação e discussão dos resultados escavação em arquivos pessoais, versa sobre uma breve descrição dos documentos que DCyi acumulou em seu arquivo, voluntária ou involuntariamente, durante sua vida, representando um legado para a memória sociocultural e artística. Para um melhor entendimento, visitamos o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), situado na cidade do Rio de Janeiro, que é considerado um dos pioneiros na definição de uma metodologia para tratamento de arquivos pessoais no Brasil. Interessa, nesta pesquisa, o arquivo de DCyi que está organizado pelo Instituto Antonio Carlos Jobim, situado na cidade do Rio de Janeiro, hospedado no DSpace. Assim sendo, apresentamos a galeria digital, de acordo com a tipologia e cronologia, sinalizando a necessidade de uma identidade arquivística, observando que, na trajetória de sua vida, foram guardado documentos

como testemunhos de momentos ímpares a desnudar suas relações pessoais, familiares e profissionais. Encerramos com o capítulo denominado a título de conclusão, fazendo um apanhado do que foi tratado, visualizando a relevância da informação para nós pesquisadores, para a instituição, que agrega valores à sua existência, e à sociedade, que enriquece em conhecimento e na construção de sua história.

Portanto, considerando que o valor do arquivo pessoal de DCyi, em estudo, possui grande extensão e encontrava-se sem nenhum método de organização, em mãos de seus familiares, a digitalização apresentou-se como procedimento tecnológico eficaz para a preservação do suporte e a disponibilização do conteúdo informacional.

Estando assim o arquivo de DCyi, objetivamos, nesta dissertação, despertar no leitor o gosto pelas artes dos idos do verde e amarelo, levando em conta o interesse público e social, no propósito de se constituir em uma tentativa de vencer as dificuldades encontradas na realização de estudos, referente o papel do arquivo pessoal na pesquisa sobre vida, obra e pensamento de personagens das artes e cultura do Brasil. Neste caso, as produções artísticas e culturais de DCyi são o foco desta análise, onde se comprova que o arquivo é o homem e o homem constitui, a partir de sua própria vida, o seu próprio arquivo. Compreender o lugar de DCyi na história da Música Popular Brasileira (MPB), suas obras que atravessaram as fronteiras e a perspectiva de conhecer sua trajetória e seu legado, desvendados através do seu próprio arquivo.

Um dos principais resultados deste estudo foi a constatação de que a parcela da documentação do arquivo em foco faz parte de um conjunto documental, que se encontra distribuído entre duas instituições: no Instituto Tom Jobim e no Museu de Imagem e Som, ambos na cidade do Rio de Janeiro.

Como recomendação principal, evidenciamos a conjuntura de que este trabalho mostra que há a possibilidade de acompanhar e registrar o percurso do referido acervo, mesmo com a fragmentação comprovada, devido a falta de uma política na gestão de arquivo.

Salientamos, no final, que o trabalho não tem a pretensão de sanar os entraves relacionados à discursão sobre arquivos pessoais, apenas abre uma oportunidade de diálogo para outras pesquisas, servindo de base para outros trabalhos similares. Acreditamos que a participação na construção desta pesquisa atingiu o objetivo de um

mestrado, podendo, quiçá, no futuro, alcançar nível de doutorado, a partir de estudos mais aprofundados sobre esta temática.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os fundamentos teóricos se formam nos alicerces a partir dos quais nos conduz a análise dos dados coletados sobre o objeto estudado. Este capítulo refere-se à contextualização do tema, com a apresentação de conceitos e definições de autores de renome nas áreas estudadas, que contribuíram para a discussão desta pesquisa.

2.1 REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO E DO CONHECIMENTO EM ARQUIVO

Desde épocas remotas, o homem sempre categorizou os objetos. Posteriormente, com a evolução da humanidade, este hábito foi expandindo. Portanto, a tarefa de organizar e classificar coisas e ideias é essencial ao homem, referindo-se ao sistema mental de agrupamento de elementos com características comuns. Na antiguidade, as unidades informacionais formavam uma mesma entidade, tinham como atividade organizar, preservar e armazenar os documentos.

Conseqüentemente, a representação é um procedimento inerente ao homem. Na idade antiga, representou a informação através da pintura rupestre, a época moderna foi marcada pela invenção da imprensa, da tipografia, portanto, inevitavelmente ocorreu o crescimento exponencial da informação, isso trouxe preocupação para alguns pesquisadores. Sendo assim, com o objetivo de solucionar problemas oriundos da explosão documental, criam novas ferramentas para solucionar questões relacionadas à organização e representação da informação (RI).

Numa dimensão mais prática, Lima (2006) observa que o grande volume de informações, gerado no crescente número de áreas do conhecimento, a partir da revolução técnico-científica, ocorrida após a Segunda Guerra Mundial, passou a ter um nível maior de organização. A organização da informação (OI) assume neste contexto um importante papel no processo de criação do conhecimento. Para Svenonius (2001), o

objetivo principal da OI é agrupar informações semelhantes e separar as informações que são diferentes. Estando relacionada aos documentos, a OI procura ordená-los para torná-los disponíveis. O empenho para realizar esta tarefa se concentra em estabelecer procedimentos para localizar a informação, e é pelo processo de tratamento da informação que estes procedimentos são reconhecidos, contribuindo para a construção de conhecimento e qualificando as ações da ciência da informação (CI) em prol do acesso à informação.

No entanto, Silva (2007) pondera que o tratamento da informação não pode alterar o documento, porém pode criar novas informações a partir dele. Assim, o processo de tratamento da informação é feito a partir de metodologias formalizadas de reconhecimentos temáticos e descritivos do conhecimento inscrito num suporte documental.

Assim, temos a importância do conhecimento produzido pelo profissional da informação no momento de descrever tal documento, trazendo decisões de agrupamento que sinalizam a importância da informação externa ao registro/documento.

Desta maneira, a representação é um processo de modelamento da realidade que visa construir conhecimento, por sua vez, torna-se exemplo de abstração do mundo real construído para determinada finalidade. Segundo San Manuel (2003, p. 395) apud PINHO, (2006, p.25) trata a representação “como uma forma de apreender um objeto ou conceito, tratando-se de uma significação, simbolização ou referência a uma coisa distinta de si mesma, estabelecendo uma relação com aquilo que se representa ou substitui”. Contudo, Dodebei (2002, p. 28) certifica que a representação é assimilada por objetos e propriedades. Sendo os objetos “coisas que queremos representar”, enquanto que as propriedades são “as características dessas coisas”, a representação envolve a descrição física e de conteúdo dos documentos em geral.

De acordo com Cordeiro (1996), a RI é “um processo redutor da informação” na perspectiva positivista. A redução e síntese da informação, por meio de representações, fundamenta-se pelo avanço cada vez maior de objetos informacionais que circulam socialmente. Por isso, a representação é um mecanismo substancial para instrumentalizar e garantir a competência funcional da recuperação através de sistemas e instrumentos de representação da informação.

Todavia, Lima e Alvares (2012, p.33) entendem que “Representar o conhecimento é uma tentativa de se apropriar dos elementos informacionais existentes nas estruturas e processos mentais que compõem o conhecimento individual, para que o saber possa ser socializado”. Percebendo que a RO é objeto antigo de pesquisa na área da CI, Vickery (1986) ressalta sua importância no mundo da documentação desde a sua origem, tomado como base a descrição de que representar traduz o ato de colocar algo no lugar de.

Conforme Dahlberg (2006), a Representação do Conhecimento (RC) pode ser compreendida como a estrutura lógica da representação conceitual e, também, o resultado da identificação de conceitos por termos determinados em função da terminologia utilizada.

A esse respeito, entendemos que a RC na CI possui dois aspectos distintos: o resultado da representação de conteúdo pela identificação de conceitos e a representação da estrutura lógica do conhecimento. Este último, como resultado da atividade. (DAHLBERG, 2006 apud FUJITA, 2008).

A RC materializa-se nos Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC), construídos artificialmente para auxiliar as atividades de gestão e recuperação do conhecimento registrado, servindo de interfaces comunicativas entre produtores e utilizadores da informação. Manifestam-se por meio de sistemas de classificação, taxonomias, tesauros, dicionários, entre outros instrumentos. Segundo Hodge (2000), os SOC englobam todos os tipos de instrumentos usados para organizar a informação e promover o gerenciamento do conhecimento.

Segundo Vickery (1986. p. 145-59), a RC é simbólica e é formada de matéria, e assim inquietando os profissionais da informação, pois, logo que produzidos os registros de conhecimentos constantes nos documentos, eles passam a fazer parte dos arquivos, bibliotecas, sistema de informação, serviços ou centros de documentação/informações, sendo então novamente representados (representação secundária³), visando-se a sua inclusão em sistemas documentais referenciais.

³ Organização conceitual imposta ao documento pelo especialista da informação (FLAMINO, 2006, P.71).

A representação, em vários casos, resulta em um processo cognitivo para alcançar uma representação primária⁴ do conhecimento, identifica informação na área do registro, incluindo as etapas de percepção, identificação, interpretação, reflexão e codificação.

Capurro (1991. p. 82-93) afirma que, de acordo com o paradigma da representação, os seres humanos são conhecedores e observadores da realidade externa.

O pensamento desse autor demonstra que a CI necessita dos estudos sobre Representação da Informação (RI). Nos dias de hoje, a informação é ordenada de forma coerente e com uma finalidade particular de promover o acesso por meio de código aceitável pelas máquinas. Para Silva, Ribeiro, Ramos e Leal (2009, p.26):

A concretização da informação traz consigo uma representação das mensagens, dos dados do conhecimento, através de um veículo, que designamos de signo, os símbolos são um tipo especial de signo, já que representam objetos ideias ou acontecimentos e pressupõe um significado para além de si próprio. Esse significado depende plenamente do grupo social que o utiliza. O sistema de símbolos orais e escritos mais importantes na troca de informação é sem dúvida a língua, os recursos linguísticos são usados para identificar, ordenar e relacionar os signos e os símbolos contidos nos registros de informação (os documentos) e portanto constituintes das mensagens registradas materialmente. O código linguístico não deve ser considerado apenas ao nível da sua manifestação física, mas sobretudo analisado em função do que significa. As palavras tem significado que não pode ser visto individualmente, mas de acordo com a maneira como se associam e do conhecimento que se tem das regras de associação. Dai a importância dada ao estudo da linguística, em relação com os sistemas de informação, a pesquisa de informação e a difusão de informação.

Assim sendo, percebemos que, inseparáveis da língua existem os princípios, representação de ideais que as pessoas tem da realidade, conforme Silva (2002) é possível elaborar uma imagem da realidade para analisar e classificar a informação que recebemos, dessa forma, Furtado (1982, p.28) aponta que a informação, traduz causa e efeito, estratégia e produto; eficiência na organização de recursos e eficácia nos resultados, em seus aspectos de qualidade e êxito, em relação aos anseios e necessidades do ambiente.

⁴ Sistemas representacionais que estabeleçam a confluência entre a organização cognitiva imposta ao conhecimento pelo seu produtor (FLAMINO, 2006, P.71).

A necessidade da Organização da Informação (OI) é primordial e precisa, utilizada como ferramenta de controle e de memorização. Esse fato não é um acontecimento novo na história da humanidade. Desde a invenção da imprensa, que teve como consequência a explosão documental, ou seja, o número de publicações quadruplicou, para controlar o conhecimento registrado os bibliotecários e profissionais de áreas afins, foram desenvolvidos vários instrumentos para controlar, organizar e acesso a produção técnica e científica produzida pela humanidade. (SILVA, 2013).

A RC materializa-se nos SOC, construídos artificialmente para assessorar as atividades de gestão e RC registrados, auxiliando interfaces comunicativas entre produtores e utilizadores da informação. Manifesta-se por meio de sistemas de classificação, taxonomias, tesouros, dicionários.

Segundo Hodge (2000) os SOC englobam todos os tipos de instrumentos usados para organizar a informação e promover o gerenciamento do conhecimento. Incluem os esquemas de classificação que organizam materiais em nível geral (como livros em estantes), cabeçalhos de assunto que provêm acesso mais detalhado e listas de autoridade que controlam versões variantes de chaves de acesso à informação (nomes geográficos e nomes de pessoas). Incluem, ainda, esquemas menos tradicionais, tais como redes semânticas e ontologias.

Ainda que OC é parte da área da CI, uma ciência preocupada em organizar, sistematizar a informação para facilitar a recuperação e disseminação, da informação, motivando pesquisadores da CI a desenvolverem vários métodos no intuito de adequar, socializar o conhecimento produzido.

Na década 90 surge a disciplina OC, como pontua muito bem Garcia Marco (1997, p.8),

[...] na encruzilhada das denominadas ciências cognitivas, no campo de encontro entre as Ciências do Conhecimento Humano (Neurociência, Psicologia e Epistemologia), Ciências da Informação e da Comunicação (incluindo a Semiótica e a Linguística), matemática (incluindo a Lógica e as Linguagens formais) e a Ciência da Computação.

Para Esteban Navarro e Garcia Marco (1999), a OC constitui-se na,

[...] disciplina dedicada ao estudo e desenvolvimento dos fundamentos e técnicas do planejamento, construção, gestão, uso e avaliação de sistemas de descrição, catalogação, ordenação, classificação, armazenamento, comunicação e recuperação dos documentos criados pelo homem para testemunhar, conservar e transmitir seu saber e seus atos, a partir de seu conteúdo, com o fim de garantir sua conversão em

informação capaz de gerar novo conhecimento. Trata-se, portanto, de uma ciência tridimensional, já que se ocupa dos princípios, métodos e instrumentos postos em ação para a gestão do conhecimento humano desde uma tripla perspectiva: sua representação, sua organização e sua comunicação documental. Não obstante, a Ciência da Representação, Organização e Comunicação do Conhecimento, denomina-se de modo mais comum e breve Organização do Conhecimento, devido a que a organização é o elemento mediador entre os outros dois atos; já que, por um lado, a representação se efetua com a finalidade de permitir uma eficaz organização, e, por outro, a comunicação exige uma correta recuperação, cujo êxito depende da qualidade da organização.

O autor ainda propõe, em outro momento, fundamentação e um estreitamento da gestão documental arquivística com os princípios e concepções do subcampo de pesquisa da ORC, com o intuito de consolidar os processos de organização e tratamento da informação arquivística, principalmente no que se refere às atividades de classificação arquivística.

Com esse objetivo, de levar diálogo entre a RC e CI, Esteban Navarro (1995) afirma que a “Organização do Conhecimento apresenta-se como uma plataforma de integração das ciências documentais”. Este *link* estabelecido produz o fortalecimento e estabelecimento do conhecimento arquivístico, com a probabilidade da CI incorporar as características da arquivologia, ora temos a compreensão, juntamente com Bräscher e Carlan (2010, p. 150), que “a organização do conhecimento é um processo de modelagem que visa construir representações do conhecimento.” Portanto, a OC é a disciplina que se ocupa em construir conceitos para descrever a informação.

De acordo com teóricos as OC e OI, a exemplo de Dahlberg (1972) que, distinguiu o conceito e aplicações dos termos organização do conhecimento OC e OI. Para autora citada, OC significa a construção de sistemas conceituais, e OI, o relacionamento de unidades desses sistemas conceituais com objetos de informação.

Então, a OC tem a ver com a cognição e objetiva representar o conteúdo semântico da informação, através da elaboração de resumos, indexação e classificação do objeto informacional. Conforme Brasher e Café (2008, p.6), a organização do conhecimento é o processo que envolve,

[...] análise de domínio e procura refletir uma visão consensual sobre a realidade que se pretende representar. A representação do conhecimento reflete um modelo de abstração do mundo real, construído para determinada finalidade.

De outro modo, a OI tem como função a descrição física e de conteúdo do objeto informacional⁵ vislumbrando a recuperação da informação. A RI se refere ao produto final desta descrição. Como afirmam Brascher e Café (2008, p. 5), para que o processo de OI alcance o êxito desejado faz-se necessário realizar a descrição da informação. A RI é o conjunto de características que identificam o conteúdo de determinado objeto informacional, assim sendo, o objeto da OI é o registro físico da informação. (SILVA, 2014, p.48).

Tanto a OC quanto OI são as responsáveis em facilitar a descrição física e cognitiva do objeto informacional, com o intuito de facilitar a sua recuperação e disseminação.

Referente às metodologias que orientam a Organização e Representação da Informação Arquivística (ORIA), temos abordagens teórico-conceituais que disparam das abordagens utilizadas no domínio da CI, onde o foco de organização e representação tem como base o tema ou assunto unificados nos conteúdos documentais, ou seja, demonstrados, através de assuntos, as diversas manifestações do saber humano. No domínio da Arquivologia, o foco da organização e representação da informação é expresso pelas características estruturais, orgânicas e funcionais que circunscrevem a informação arquivística. Evidenciando-se, como modalidade de uniformização dos arquivos por meio da teoria arquivística distribuída nos países ocidentais⁶, os conceitos da “proveniência e da organicidade” enquanto princípios teórico-conceituais para orientar os fundamentos metodológicos da ORIA. O princípio da proveniência alia e firma na informação arquivística a estrutura e o contexto ao seu produtor, uma vez que a organicidade reverbera a estrutura, funções e atividades da entidade produtora ou acumuladora.

Assim, observamos, confirmando que a intenção da descrição tem sido o de criar a representação dos documentos que sirva à perpetuação da memória da sociedade, de “prover evidência, [...] consulta [...] significação [...] esclarecendo as relações de contexto e a relação interna do documento” (LEÃO, 2006, p.20). García Marco (1995, p.115) aponta a “descrição documental e arquivística” como “la designación de las tareas de representación documental para facilitar el acceso a los fondos de un archivo

⁵ Termo adotado por Café e Brasher para designar a informação registrada, que inclui, dentre outros, textos, imagem, registros sonoros, representações cartográficas e páginas web. (BRASHER; CAFÉ, 2008, p.5).

⁶ Como teoria arquivística compreendemos aqui um *corpus* de conceitos utilizados e debatidos na literatura arquivística a qual temos acesso, seja de língua inglesa, francesa ou portuguesa.

há sido denominada *descripción*". A descrição, ao incorporar o "princípio da proveniência"; a "ordem natural dos documentos" e o "respeito aos fundos" preconiza a ideia de RI, ao considerar no processo de descrição a representação do contexto de produção do documento e suas relações funcionais, orgânicas e estruturais, intermediadas pelas representações documentárias – produtos documentários para possibilitar a organização, acesso e recuperação de conteúdos documentais. Isto é, o resultado da descrição pode ser materializado como linguagens utilizadas no processo de ORIA dos arquivos, provendo os instrumentos de pesquisa: guias, catálogos, inventários, índices, repositório, vocabulários controlados e tesouros funcionais que refletem e representam as ações, atividades e funções de uma instituição, pessoa física ou jurídica. Pode-se aferir que o processo de descrição se apoia nas teorias da representação e nos princípios da classificação e na análise documentária com o objetivo de sintetizar volumes de informação através de índices e resumos.

É por meio da descrição e da classificação que a informação do documento arquivístico é representada. Na visão de Michael Cook, "a descrição tem como base a teoria da representação" (HAGEN, 1998) a teoria da representação é a de que enquanto os arquivos originais devem ser necessariamente armazenados na estante numa determinada ordem e localização física [...], as representações dos originais podem ser multiplicadas e armazenadas em qualquer ordem e em qualquer lugar que seja considerado útil (ROUSSEAU, COUTURE, 1994 apud HAGEN, 1998, p.3).

Em suma ORIA é praticada a partir das operações de identificação, classificação e descrição. Sendo a classificação arquivística de dois tipos: funcional e estrutural. Ambas refletem as relações funcionais, orgânicas e estruturais da informação arquivística.

O que se representa não é a relação de saberes de campos do conhecimento, mas sim a relação de saberes e fazeres inerentes às atividades de uma instituição jurídica ou pessoa física, evidenciados na materialidade de seus documentos, sendo o mais importante a responsabilidade no momento de providenciar a informação composta no tratamento arquivística dos documentos.

2.1.1 Disseminação da informação em redes

Inúmeros são os benefícios da disseminação da informação, observada na perspectiva da transferência de informação diante da reformulação da concepção de cidadão e cidadania, tendo como consequência o benefício do conhecimento.

Lara e Conti (2003) dizem que, “disseminar informação supõe tornar público a produção de conhecimentos gerados ou organizados por uma instituição.” os arquivos são instituição pensada aos serviços de custódia, conservação e divulgação de sua documentação que são responsáveis pela preservação da memória e testemunho (HENRIQUES, 2003). Grogan (1995) demonstra que na Antiguidade uma única mente humana pode apreender todo o saber, mas que no término da Idade Média isso não seria possível. No Século XVI, buscando evitar a censura da Igreja e do Estado, cientistas criaram sociedades científicas nacionais de tradição moderna, nas quais se encontravam literalmente às selecionadas. Desses encontros, surgiu a divulgação científica. (MUELLER; CARIBÉ, 2010).

Demonstra Santos (2014, p.39), que no âmbito de “1436-1536 compreendido 100 anos, estima-se que no mundo a produção média de livros que era de 420, aumentou para 5750 nos 100 anos seguintes, 1536-1636”. Perante o impacto gerado pela produção, comunicação e conseqüente difusão das informações, em 1613, o autor irlandês Barnaby Rich destacou que:

Um dos males destes tempos é a multiplicidade de livros; eles de fato, sobrecarregam de tal modo a gente que não conseguimos digerir a abundância de matéria inútil que, todos os dias, é gerada e despejada no mundo. (KRONIC, 1962 apud MEADOWS, 1999, p. 3).

Na época do conhecimento científico, o ciclo de disseminação legitima grande relevância, uma vez que o seu papel é promover a circulação da informação, completando assim o processo segundo (CAMPELLO; CAMPOS, 1993, p. 17)

O fato de uma informação ser publicada por si só não assegura que ela será conhecida, isto é, que atingirá o objetivo final da comunicação. [Ela precisa ser disseminada.] E a função do profissional da informação é justamente assegurar que, através de mecanismos adequados, a informação seja conhecida e fisicamente acessível.

A disseminação da ciência é facilitada pela troca de informação, através da comunicação científica sobre os trabalhos desenvolvidos, entre especialistas de uma determinada área e também entre as diversas áreas do conhecimento científico. Desta forma, a ação reflexiva é estimulada, abrindo a possibilidade para novas questões. Gomes (1999, p.36-37) salienta que:

[...] a necessidade de tornar comum, de possibilitar o conhecimento dos saberes desenvolvido no seu interior para evidenciar e argumentar ao debate, isso faz com que a comunicação de seus produtos à

comunidade científica e à sociedade como um todo seja também uma de suas prioridades.

A busca e o uso de informação são fundamentais para a atividade científica, pois o processo de construção de conhecimento envolve procurar e usar informações para a resolução de problemas. (CRESPO; CAREGNATO, 2003). Ressalta-se que “[...] a difusão do conhecimento é de fundamental importância para que novos paradigmas sejam conhecidos, possibilitando sua confirmação ou constatação.” (CÔRTEZ, 2006, p. 35).

Logo, a disseminação do conhecimento científico e tecnológico contribui para viabilizar a democratização e a socialização do conhecimento. Carvalho (2001), salienta o ciclo da comunicação científica envolve a produção, a comunicação e a disseminação da informação, faz parte do escopo estudado pela CI e é essencial para o desenvolvimento da ciência.

A noção de disseminação é repetidamente interpretada como compatível à difusão, ou de divulgação, admitindo várias formas, direcionadas ou não, que produzem diversos produtos e serviços, dependendo da visão, levando em conta sua prioridade atribuído às partes ou aos aspectos da informação e dos meios utilizados para sua operacionalização.

Como observa Le Coadic (1997) em sua base existe um centro difusor – o produtor – que, a despeito do controle exercido sobre o que é disponibilizado, não tem garantias quanto aos usuários atingidos, ao sucesso das operações de divulgação e à aplicação efetiva das informações.

Hipoteticamente, pela disseminação, busca-se oferecer informação útil, mas o conceito de utilidade nem sempre é bem estabelecido. No diálogo sobre utilidade e/da internet, tem sido uma aliada ao passo que permite a aproximação da instituição com os usuários em qualquer lugar do mundo, atendendo o interesse social e promovendo o arquivo, por meio da difusão, é necessário “lembrar que a Sociedade da Informação (SI) pressupõe o acesso a conteúdos por meio da internet e instituições arquivísticas que precisam considerar isso na promoção do acesso às informações contidas em seus acervos” (ANDRADE, 2007, p.6). Ainda o mesmo autor diz que, “A criação da web permitiu que conteúdos multimídia armazenados em um local pudessem ser acessados por interessados em qualquer parte do planeta, contando com um dispositivo de acesso à teia” assim, diante do cenário atual a tecnologia da informação possibilita uma

ampliação no universo da disseminação da informação. É válido verificar a maneira da transferência dessa informação e como e ela chega à sociedade.

Nesse âmbito, temos um número significativo de canais de informação à disposição das instituições e do público que não só utilizam o arquivo em seu espaço físico, mas também se utilizam da informação disponível em rede (SÁ, 2005).

À vista disso, a internet, uma ferramenta valiosa para a disseminação da informação. Com o avanço e consolidação da Web 2.2, a utilização de ferramentas colaborativas torna-se uma tendência, que imprime novas características à maneira como as pessoas compreendem e vivenciam temas distintos. No nosso caso, os arquivos, eles são consultados como forma de sanar a necessidade por informação, alinhada a seu conhecimento de forma a enriquecer o interesse do público e garantir que a difusão aconteça.

A este respeito, Jardim (1999), diz que os novos espaços virtuais, rompem com o que vinha acontecendo até então e tornam o espaço de discussão cada vez mais preocupado com o acesso de forma a facilitar a velocidade do fluxo informacional, consequentemente emergindo novos diálogos, que fomentem o acesso à informação como fonte de conhecimento. Alinhado a esse pensamento, Côrtes (2006, p. 35) destaca que “a difusão do conhecimento é de fundamental importância para que novos paradigmas sejam conhecidos, possibilitando sua confirmação ou constatação”.

Logo, a disseminação da informação visa contribuir e proporcionar a democratização, a socialização do pensamento, considerando os benefícios relacionados diretamente às possibilidades de geração de conhecimento.

2.1.2 Arquivo pessoal no contexto sociocultural e artístico

A partir da segunda metade do século XVI, os arquivos foram ampliados em ofício da especialização de diversos órgãos públicos e administrativos para estabelecer o poder monárquico absoluto, surgindo, então, os arquivos do Estado. Contudo, apenas no século XVII, a noção de arquivos públicos começou a receber algumas provocações, porque, até então, não havia distinção entre a concepção de arquivos públicos e arquivos privados no sentido contemporâneo da teoria arquivística.

Consequentemente, foi a partir da Revolução Francesa que os antigos arquivos do Estado passaram a ser conceituados como arquivos da nação. Igualmente, evidencia-se como uma das maiores conquistas dessa Revolução o reconhecimento do mérito dos documentos à sociedade, ocorrendo significativas ações no campo arquivístico.

Portanto, o século XIX demonstrou cuidado referente ao resgate da memória, motivado pelo romantismo conjuntamente com processo de composição das nacionalidades.

Igualmente no mencionado século surge a criação de diversas instituições de memória, resalta Arana (2004, p.201) ao pontuar apenas aquilo que diz respeito a memória é possível identificar que se processam mudanças na percepção do tempo e do espaço que impactam a memória social.

Verificamos que os arquivos pessoais são cada vez mais utilizados como fonte e como objeto de pesquisas nas diversas áreas do conhecimento. O Arquivo Pessoal (AP) nessa perspectiva constitui um incalculável bem cultural na medida em que ele agrega valor ao patrimônio documental e cultural.

Quanto ao conceito de patrimônio documental, a legislação Brasileira é recente. Célia Reis Camargo (1999), diz que a criação das primeiras instituições ligadas à guarda de um acervo documental no Brasil iniciou-se em 1808, com a chegada da Corte Portuguesa no país, parte do poder central do Império e unicamente com o objetivo de “construção da nação”. Naquele período, segundo Camargo (1999, p. 68), a época relacionam-se à questões de territorialidade e de unidade nacional, bases da construção do governo republicano, quando se realizava a construção das identidades regionais e locais.

Contudo, com o Estado Novo, em 1937, que começou a desenhar o formato do modelo político de proteção atribuído à noção de patrimônio. Nessa circunstância, é importante citar a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), que foi desenvolvido com o auxílio dos ideais dos intelectuais modernistas, importante instrumento para a realização das ações relacionadas ao patrimônio.

Quanto aos arquivos, ainda em Camargo (1999), foi somente em 1946, a partir do Decreto-lei nº 8.534, de 02 de janeiro, que determinava ao SPHAN catalogar e proteger arquivos estaduais, municipais, eclesiásticos e particulares, foi na década de 1970, segundo a mesma autora o ano da construção da memória que o SPHAN, alargou sua base conceitual referente ao legado (ação patrimonial) e assim colocando as noções de patrimônio, civilização material e bem cultural, as instituições ligadas ao patrimônio documental e bibliográfico entraram em cena.

Diante disso, “A abertura para sociedade civil, na proteção ao patrimônio histórico, é o primeiro elemento de inovação desse texto” (CAMARGO, 1999, p. 132). Principalmente, em se tratando de patrimônio documental, foi apenas em 08 de janeiro

de 1991, com a Lei nº 8.159 (BRASIL, 1991), que as inovações sobre a política nacional de arquivos públicos e privados apareceram com a configuração concreta, definindo-os da seguinte forma:

Art. 2º Consideram-se arquivos, para os fins desta lei, os conjuntos de documentos produzidos e recebidos por órgãos públicos, instituições de caráter público e entidades privadas, em decorrência do exercício de atividades específicas, bem como por pessoa física, qualquer que seja o suporte da informação ou a natureza dos documentos.

No entanto, é importante considerar outras definições para arquivo a exemplo do Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (2005, p.25), publicado pelo Arquivo Nacional, onde arquivo é definido como: “Conjunto de documentos produzidos e acumulados por uma entidade coletiva, pública ou privada, pessoa ou família, no desempenho de suas atividades, independentemente da natureza do suporte”, ressaltamos que produzidos ou “recebidos” por pessoas físicas e jurídicas, de direito público ou privado, no desempenho de suas atividades.

Posteriormente, é concedida a importância de interesse público e social, no entanto, ainda ligados ao desenvolvimento nacional:

Art. 11 Consideram-se arquivos privados os conjuntos de documentos produzidos ou recebidos por pessoas físicas ou jurídicas, em decorrência de suas atividades.

Art. 12 Os arquivos privados podem ser identificados pelo Poder Público como de interesse público e social, desde que sejam considerados como conjuntos de fontes relevantes para a história e desenvolvimento científico nacional.

Art. 13 Os arquivos privados identificados como de interesse público e social não poderão ser alienados com dispersão ou perda da unidade documental, nem transferidos para o exterior. Parágrafo único - Na alienação desses arquivos o Poder Público exercerá preferência na aquisição.

Art. 14 O acesso aos documentos de arquivos privados identificados como de interesse público e social poderá ser franqueado mediante autorização de seu proprietário ou possuidor.

Art. 15 Os arquivos privados identificados como de interesse público e social poderão ser depositados a título revogável, ou doados a instituições arquivísticas públicas.

Art. 16 Os registros civis de arquivos de entidades religiosas produzidos anteriormente à vigência do Código Civil ficam identificados como de interesse público e social. (BRASIL, 1991).

Torna-se fundamental explicar que a regulamentação citada, ocorreu somente no Decreto nº 4.073, de 03 de janeiro de 2002, que dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados, portanto, esse decreto, dispõe:

Art. 1º O Conselho Nacional de Arquivos - CONARQ, órgão colegiado, vinculado ao Arquivo Nacional, criado pelo art. 26 da Lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991, tem por finalidade definir a política nacional de arquivos públicos e privados, bem como exercer orientação normativa visando à gestão documental e à proteção especial aos documentos de arquivo.

Art. 2º Compete ao CONARQ:

VIII - estimular a integração e modernização dos arquivos públicos e privados;

IX - identificar os arquivos privados de interesse público e social, nos termos do art. 12 da Lei nº 8.159, de 1991;

XII - recomendar providências para a apuração e a reparação de atos lesivos à política nacional de arquivos públicos e privados;

XIII - promover a elaboração do cadastro nacional de arquivos públicos e privados, bem como desenvolver atividades censitárias referentes a arquivos; (BRASIL, 2002).

Nos últimos anos foram instituídos alguns decretos não numerados⁷, que integram como de interesse público e social alguns arquivos privados pessoais, podemos mencionar: o decreto de 07 de abril de 2006, sobre o acervo documental de Glauber Rocha; os decretos de 20 de janeiro de 2009, sobre os acervos documentais de Berta Gleizer Ribeiro e Darcy Ribeiro; o decreto de 16 de abril de 2009, sobre o acervo documental de Oscar Niemeyer; o decreto de 16 de junho de 2010, sobre o acervo documental de Abdias do Nascimento e o decreto de 1º de junho de 2011, sobre o acervo documental de César Lattes.

Consideravelmente, destacamos a criação, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), do Programa Memória do Mundo, em 1992. Este programa que encorajou a consciência internacional sobre a importância do patrimônio documental garantindo a identificação, a preservação e a democratização do acesso a fundos documentais de significância internacional, nacional e regional, assim evidenciado, Edmondson (2002, p. 9) diz que a origem do Programa Memória do Mundo é que o “patrimônio documental mundial pertence a todos, deveria ser

⁷ Estes decretos são editados pelo Presidente da República e possuem objeto concreto, específico e sem caráter normativo.

plenamente preservado e protegido para todos e, com o devido respeito aos hábitos e práticas culturais”, teria que ser disponível de maneira permanente e sem obstáculos.

Com relação ao processo de patrimonialização, Heymann (2009, p.1) analisa arquivos pessoais de maneira detalhada, como sendo espaço ao reconhecimento das trajetórias individuais objetivando a criação de memoriais, fundações e institutos, dirigidos essencialmente para a preservação da memória de um personagem relevante da história local, regional ou nacional. Desse modo, surgem diversos processos de patrimonialização que associam esses arquivos de natureza pessoal à noção de legado. Dessa maneira, a autora diz,

Vistos como os meios de acesso seguro ao passado, os arquivos funcionam como “prova” das trajetórias às quais se busca associar o atributo da exemplaridade e da singularidade, fundamentais à construção da noção de “legado”. Nesse movimento, os acervos são associados à categoria de patrimônio, e passam a ser vistos como material cuja preservação deve ser garantida em nome da memória da coletividade, seja local seja nacional (HEYMANN, 2009, p. 1).

E, segundo Duarte (2005, p.52) o AP “possui marcas específicas, modificadoras e com características peculiares”, quanto mais original, único e pessoal o acervo, mais esclarecedoras são as considerações sobre sua criação e preservação.

Atualmente os arquivos do gênero têm assumido relevante posição no cenário das políticas de preservação do patrimônio documental brasileiro, visto que estes, ricos em informações diversas, contribuem para a difusão do conhecimento demonstrando outras acepções. Desse modo, são de interesse público.

O despertar para os arquivos pessoais se configura através do reconhecimento do titular no contexto sociocultural e, por isso, há uma revalorização da lógica de suas ações, listada em propósito que são escolhas em um campo de possibilidades que possui limites, porém oferece caminhos para que ocorram transformações na história cultural, na nova história política e social.

Diante disso, Gomes reflete a partir da criação do individualismo moderno, onde iniciou a inquietação a respeito da própria vida ou sobre a vida do outro, podemos então elucubrar que a concepção de indivíduo que aqui se deseja explanar, compreende a longa transformação das sociedades tradicionais por oposição às modernas. Um processo de mudança social pelo qual uma lógica coletiva, regida pela tradição, deixa de sobrepor ao indivíduo que se torna moderno, justamente quando postula uma identidade

singular para si no interior do todo social, afirmando-se como valor distinto e construtivo desse mesmo todo (GOMES, 2004, p. 11-12).

Uma característica da modernidade, o homem no centro de tudo, a individualidade, a autocrítica, então, pesquisar arquivos pessoais nos permite analisar o tempo histórico, tendo assim uma sociedade moderna. Dessa maneira o indivíduo moderno começa a estabelecer uma referência com seus documentos, produzindo sua própria identidade através de uma entre várias, práticas culturais, aponta para o seguinte texto, consideradas por Gomes, como práticas de produção de si, (GOMES, 2004, p. 11).

Englobando um diversificado conjunto de ações, desde aquelas mais diretamente ligadas à escrita de si propriamente dita – como é o caso das autobiografias e os diários –, até a da constituição de uma memória de si, realizada pelo recolhimento de objetos materiais, com ou sem a intenção de resultar coleções. É o caso das fotografias, dos cartões-postais e de uma série de objetos do cotidiano, que passam a povoar e a transformar o espaço privado da casa, do escritório, etc. em um “teatro da memória”.

Percebemos o estímulo no campo da memória, memória individual, quando a sociedade moderna começou a revalorizar todo o indivíduo e que concedeu instrumentos que permitam o registro de sua identidade, nos cotidianos, mas não menos fundamentais a partir da ótica da produção de si (GOMES, 2004, p. 13).

Isto posto, atentado a discussão proposta aqui, apura-se que houve uma relação mútua entre o indivíduo e seus documentos, e os arquivos pessoais também constituem uma fonte que contribui, sobremaneira, para o conhecimento da trajetória individual de seu autor, ou melhor, de seu titular. O AP de DCyi, sem dúvida, no contexto sociocultural e artístico, representa fonte fecunda para a pesquisa historiográfica porque a partir deles pode-se entrever a “dinâmica produtiva de determinado bem cultural”(CANTANHEDE; FONTANA, 2013, p. 12). Nesse sentido, estando o arquivo marcado como um bem cultural, cabe ressaltar sua importância para a sociedade da trajetória desse compositor-poeta e homem público, que deixou um legado, mudando as perspectivas de formação dos músicos. Por isso, podemos entender seu AP como parte de um investimento na memória do titular. Assim Heymann (2009, p.75) nos alerta que,

Não se deve perder de vista que os investimentos na memória – projetos institucionais, comemorações, homenagens – visam ancorar no passado as posições que os protagonistas desses investimentos ocupam no presente ou pretendem ocupar no futuro, sejam eles os próprios titulares ou não, estando em jogo não apenas as condições

que permitem criar uma instituição de memória, mas também as estratégias de valorização e comemoração que, continuamente, tomam os arquivos como objeto.

Nesse processo de produção de um legado, é importante que a instituição que recebe o arquivo expresse e ressalte a importância dele, evitando que essa memória seja esquecida pela sociedade. Por isso, a escolha da instituição contemplada com a doação não deve ser ignorada nesse processo de valorização. Heymann (1997) mostra que, na construção dos arquivos como memória dos indivíduos, existe um aspecto que é social e não apenas individual, onde participam o titular e os agentes que posteriormente ajudarão a transformá-lo em legado.

O trabalho com arquivos pessoais tem que levar em conta o caráter aleatório da configuração de cada um deles, dada à independência e variedade das situações em que são gerados e acumulados os diversos documentos que os compõem, além das múltiplas interferências a que estão sujeitos (HEYMANN 1997, p. 45). Para a autora, os arquivos pessoais devem ser analisados nas suas diferentes fases: acumulação, momento em que o titular e seus assessores agregam e, possivelmente, subtraem elementos; após sua morte, quando os familiares interferem no conjunto, selecionando aqueles documentos indesejáveis para compor a imagem do titular – em geral a partir do momento em que há manifestação em prol da doação do arquivo a uma instituição de pesquisa – e, por fim, na ingerência do arquivista ao tomar decisões sobre arranjo e descrição.

Nesse contexto, observa-se que o AP de DCyi se apresenta em benefício da divulgação e valorização sociocultural e artística, “bem como do testemunho histórico”. (BELLOTTO, 2007, p. 14). Dessa maneira, o AP visto como um referente conceitual de arquivos privados dá origem a uma separação comum aos acervos com documentos de valor histórico. Segundo Duarte (2005, p. 39),

[...] antigamente os documentos pessoais eram considerados de índole completamente privada. Por isso eram excluídos dos arquivos públicos. A partir da história contemporânea, os documentos privados adquiriram a qualidade orgânica de documentos públicos. Com frequência, chegaram aos arquivos históricos para que recebam tratamento consoante os princípios arquivísticos.

Mesmo com alguns textos esclarecedores, acerca da concepção de arquivos pessoais, encontramos na literatura arquivística um inevitável conflito terminológico no entendimento referente a AP. Segundo Bellotto (2006, p. 265), ele tem sido assim caracterizado por ser,

[...] constituído por documentos produzidos e/ou recebidos por uma pessoa física (cidadão, profissional, membro de família ou elemento integrante de uma sociedade), enfim, de documentos que, preservados para além da vida dessa pessoa, constituem seu testemunho, como conjunto orgânico, podendo então ser aberto à pesquisa pública.

Podemos analisar, então, que essa singularidade está relacionada também ao fato de os arquivos pessoais não se constituírem como produtos espontâneos, pois são marcados, muitas vezes, pela intencionalidade de um indivíduo que decide o que vai guardar de acordo com o seu universo de significação, percebendo esses arquivos pessoais como conjunto documental carregado de propósito, agregando informação que permeiam seu universo.

Assim a organização do arquivo de DCyi, é relevante para a memória histórica, cabendo, portanto, a reflexão “ por meio de que os documentos, marcas do passado deixam de serem atos pessoais e se tornam fatos sociais” (CUNHA, 2004, p. 295). Nesse caso, o titular declara seu legado sociocultural e traduzidos no caráter informativo de suas produções, suas atribuições como divulgador cultural e sua interação com membros da elite cultural da sociedade carioca.

DCyi também foi representante internacional da nossa cultura popular brasileira. Neste sentido, podemos destacar suas atividades como cantor e compositor-poeta, ainda, no que concerne a atividades de músico e pintor, seu acervo pessoal possui um vasto material, e retrata que DCyi, não era isento de sua função sociocultural, viveu no século 20, passando pelas mudanças políticas e sociais. Possivelmente, comovido pelo círculo da história, ele tenha colaborado com o nosso processo civilizatório, o compositor-poeta nos ensinou a valorizar a cultura popular, sem nunca ter sido etnomusicólogo⁸, mas um criando um novo ambiente a partir da tradição, e a dar à música urbana brasileira uma dimensão de modernidade que depois seria resgatada pela bossa nova.

O antropólogo Antonio Risério chega a dizer que o baiano é talássico⁹, que o mar circunda sua obra por dentro e por fora. Dá motivo para os versos e embala o ritmo das melodias. A natureza praieira do Rio é relativamente recente e na Cidade da Bahia, ela se perde no tempo. Quando a bossa viu passar a garota de Ipanema, Salvador já seguia há séculos o balanço das moças a caminho do mar. A própria relação de DCyi com a bossa nova é mais importante do que se imagina. Percebemos essa relação através dos seus registros. Segundo Duarte (2013, p.15):

⁸ Pessoa que se dedica ao estudo do fenômeno musical entre os vários povos; especialista de etnomusicologia.

⁹ Relativo ou semelhante ao mar.

[...] o registro é uma prática da humanidade desde tempos remotos, comprovada pelos hieróglifos e ideogramas. O ato de registrar o que você vê o que sente e o que faz, ao longo da história possibilitou descobertas científicas, filosóficas, tecnológicas, artísticas e sociais.

É oportuno lembrar que o acúmulo desses registros deu origem aos arquivos, entretanto, é fato que esses arquivos constituem um precioso bem cultural na medida em que agregam relevante valor patrimonial, sendo um músico de grande importância nos séculos XX e XXI, à medida que a ele se atribui o título de grandes compositores e poetas da Música Popular Brasileira. Caymmi, Christopher Laferl ([200?],p.26) revela,

A imagem da Bahia na música de Dorival Caymmi não só é exótica, mas também nostálgica – como já disse Antônio Risério no seu livro Caymmi: Uma utopia de lugar. Caymmi fala de uma Bahia do século passado, ou melhor dizendo, de uma Bahia que não sofre o percurso do tempo. Ele menciona a igreja de Nosso Senhor do Bonfim, a Conceição da Praia, a lagoa do Abaeté, mas ele não fala da Bahia do século XX. Isso o diferencia de outros "poetas" da música popular brasileira, como Luiz Gonzaga ou Waldeck Arthur de Macedo, conhecido como Gordurinha, que sim falam do petróleo ou da usina hidroelétrica de Paulo Afonso¹⁴. Com a exceção da Mãe Menininha, Caymmi evita fazer alusões a personagens reais e concretos, ele não fala nem sequer de Castro Alves ou Rui Barbosa, cujos nomes podem ser encontrados em outras canções deste século sobre a Bahia.

Tido como inspiração de uma concepção referente à produção musical de grande importância atemporal, sua obra, torna-se unânime em afirmar que suas características pessoais ao longo de sua vida, contribuíram para a construção de uma autoimagem de homem nacionalista com uma postura cívica, o que contribuiu para a construção de uma memória que, até hoje, se mantém viva através de seu AP.

É importante destacar o quanto existe de sua própria participação na construção dessa imagem. Entretanto Christopher Laferl ([200?],p.27),

Mas com as suas músicas sobre a Bahia e a sua difusão não só no Brasil inteiro senão também nos Estados Unidos, e com menos intensidade na Europa, Caymmi contribuiu no aceleramento do processo da identificação da cultura brasileira com a cultura negra associada por boa parte à Bahia. Ainda que hoje quase ninguém fora do Brasil saiba onde estão Salvador e a Bahia, a imagem do Brasil difundida por Carmen Miranda tem as suas raízes em parte na cultura baiana. E ainda que quase todo o mundo nos Estados Unidos ou na Europa associe hoje o samba com o Brasil em geral, e talvez com o Rio de Janeiro em particular, uma das raízes do samba se encontra na Bahia. Ao lado de Carmen Miranda e Ari Barroso, Caymmi contribuiu para difundir uma imagem do Brasil que é em boa parte uma imagem que antes se associava com a Bahia, principalmente com a cultura

negra baiana. Este processo de nacionalização de um aspecto da cultura negra se pode ver de maneira muito similar também em Cuba. Nesta ilha do Caribe a imagem do próprio país também se transformou – tanto para o estrangeiro como para a construção interna da identidade – nos anos 30 e 40 de uma maneira inesperada. Tanto Cuba como o Brasil passam a se apresentar no campo cultural como países caracterizados por uma cultura mestiça diferente da europeia.

Sendo assim, não se pode negar que as mudanças ocorridas na construção da história trazem, de modo significativo, a importância do indivíduo para o contexto do seu universo, os arquivos pessoais de DCyi conquistaram seu lugar específico e essencial, agregando assim, significativo valor sociocultural, artístico e consequentemente documental. Sua obra é uma consagração da gratuidade e gentileza, nasceu inteira com ele, para nos tornar mais felizes, como também para engrandecer a poesia retratada por meio de sua escrita e mundividência.

2.1.3 Arquivo Pessoal

Dedicamos este capítulo ao estudo conceitual sobre arquivos e, em especial, o arquivo pessoal (AP), levando em consideração sua origem, especificidade e características. Nessa perspectiva, citaremos autores clássicos da arquivística brasileira e internacional.

Consideremos a origem da denominação arquivo, com o intuito de perceber o AP. Em consonância com Derridá (2001, p.12), o sentido de arquivo advém do termo grego *Arkheion*¹⁰. O autor explana que a casa dos cidadãos detinha o poder de representar a lei onde se depositavam os documentos oficiais, tais cidadãos eram chamados de *arcontes*¹¹ guardiões dos documentos oficiais. Os arcontes, além de serem responsáveis pela segurança física do material, continham ao poder de interpretá-los. Esses documentos, sob a segurança e domínio dos arcontes, de fato a Lei. A referida Lei para ser arquivada precisava de um guardião, nesse caso os arcontes, e de um local, a

¹⁰ Termo grego que deu origem à palavra arquivo, era, na realidade, uma casa, um endereço da pólis grega: a residência dos arcontes, magistrados superiores, detentores do poder que encarnavam a autoridade pública. As suas casas privadas eram também local de armazenamento de documentos oficiais.

¹¹ Arconte - título dos membros de uma assembleia de nobres da Atenas antiga; (gnosticismo) - entidades responsáveis pela ordem da estrutura do Universo Gnóstico; lendário primeiro líder dos eslavos da Lusácia;

casa dos arcontes, contudo não podiam prescindir de suporte, nem de residência. Foi neste âmbito que nasceram os arquivos.

Evidenciaremos algumas reflexões da literatura sobre o termo arquivo que podem ser mencionados tanto a um conjunto de documentos quanto à instituição que o armazena e preserva documentos gerados por pessoa física ou jurídica como prova documental, histórica, corroborando com a literatura, Schelemberg (2006, p.14) diz que,

Os documentos de qualquer instituição pública ou privada que hajam sido considerados de valor, merecendo preservação permanente para fins de referências e de pesquisa e que hajam sido depositadas ou selecionadas para depósito, num arquivo de custódia permanente.

Continuamos com a conceituação acerca do significado de arquivo a partir do dicionário brasileiro de terminologia arquivística (2005, p.19), que o define como “conjunto de documentos produzidos e acumulados por uma entidade coletiva, pública ou privada, pessoa ou família, no desempenho de suas atividades, independentemente da natureza do suporte”. A Lei que dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados, 8.159, de 08 de janeiro de 1991, considera:

Art. 2º Consideram-se arquivos, para os fins desta lei, os conjuntos de documentos produzidos e recebidos por órgãos públicos, instituições de caráter público e entidades privadas, em decorrência do exercício de atividades específicas, bem como por pessoa física, qualquer que seja o suporte da informação ou a natureza dos documentos.

Os documentos de arquivos obedecem aos princípios: da proveniência¹², da organicidade¹³, da unicidade¹⁴, da indivisibilidade¹⁵ e da cumulatividade¹⁶, estes princípios diferenciam o documento de arquivo das outras ciências da informação.

Em se tratando de arquivos privado, a Lei de arquivo nº 8.159, já mencionada, dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados, e conceitua arquivo em seu artigo 11 como “conjuntos de documentos produzidos ou recebidos por pessoas

¹² Princípio básico da arquivologia segundo o qual o arquivo produzido por uma entidade coletiva, pessoa ou família não deve ser misturado aos de outras entidades produtoras. Também chamado princípio do respeito aos fundos (BRASIL, 2005, p. 136).

¹³ Relação natural entre documentos de um arquivo em decorrência das atividades da entidade produtora. (Idem, p.127).

¹⁴ Qualidade pela qual os documentos de arquivo, a despeito da forma, espécie ou tipo, conservam caráter único em função de seu contexto de origem (IBELLOTTO, 2002, p.23).

¹⁵ Característica que deriva do princípio da proveniência, segundo a qual um fundo deve ser preservado sem dispersão, mutilação, alienação, destruição não autorizada ou acréscimo indevido (Idem, p. 24).

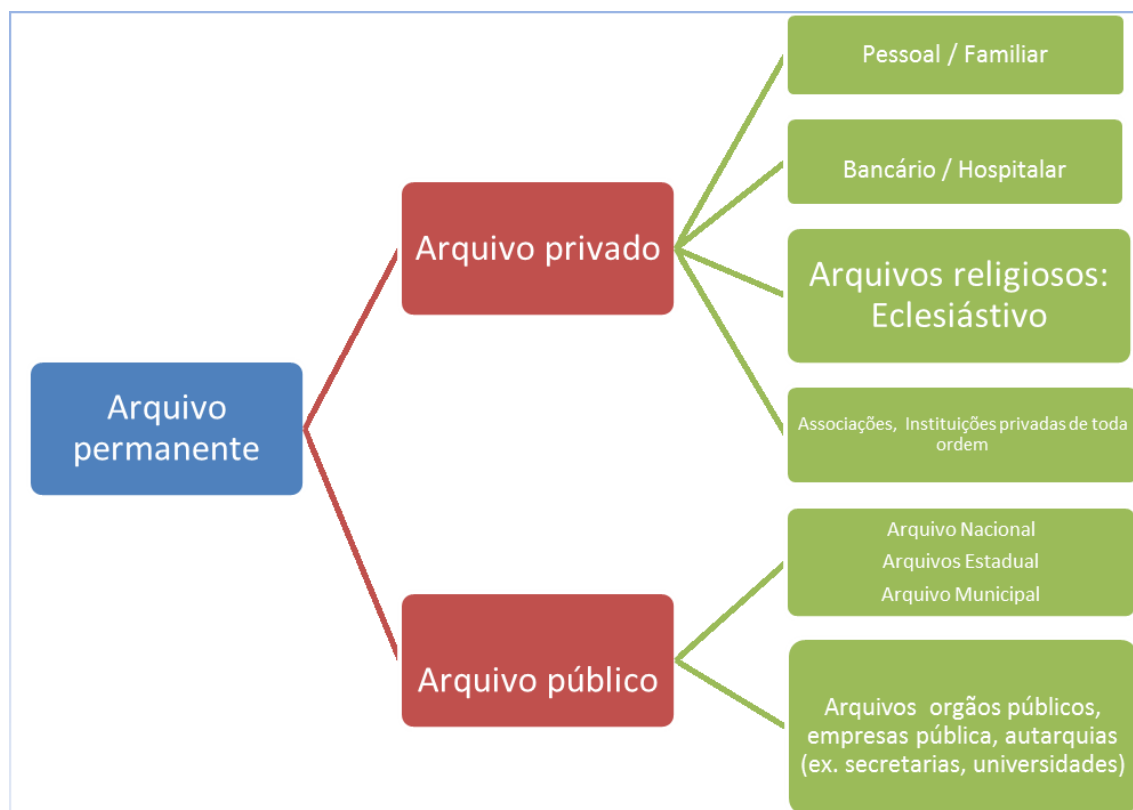
¹⁶ O arquivo é uma formação progressiva, natural e orgânica. (Idem, 2002, p. 21).

físicas ou jurídicas, e decorrência de suas atividade” os artigos 13 e 15, essa mesma lei, considera os arquivos privados de interesse público e social.

Para atestar este ponto de vista, revisitamos o artigo 12º da Lei n. 8.159, de 8 de janeiro de 1991, que diz: “os arquivos privados podem ser identificados pelo Poder Público como de interesse público e social, desde que sejam considerados como conjuntos de fontes relevantes para a história e desenvolvimento científico nacional” (BRASIL, 1991, p. 1).

Os arquivos públicos correspondem aos que recebem e/ou produzem documentos de natureza pública, assim os fundos documentais são formados e estruturados com documentos provenientes de instituições públicas, de órgãos federais, estaduais ou municipais. (PAES, 2006).

Bellotto (2006, p. 164), entende que documentos públicos e privados diferem quanto à jurisdição e custódia. O documento privado refere-se a pessoa física e jurídica de direito privado. Desse modo, os arquivos privados, podem se caracterizar como organismos que tem o objetivo central salvaguardar documentos relacionados à pessoa física ou instituição privada, com a finalidade de disponibilizar os documentos, com vista ao seu caráter probatório ou a sua demanda informacional implícita na documentação que compõe o acervo. Assim, arquivos privados estão divididos em: arquivo de pessoa física e arquivo de pessoa jurídica, apresentado característica própria, sendo indispensável uma peculiaridade.

Figura 1 – Descrição de Arquivo Permanente.

Fonte: Paes (1991, p.05), Bellotto (1991, p. 164)

Conforme Silva (2011), os arquivos privados de pessoa jurídica englobam as instituições privadas com ou sem fins lucrativos, já a de pessoa física dizem respeito apenas a uma única pessoa. Há uma classificação relacionada aos arquivos que remontam três tipos: os pessoais, os familiares e os institucionais. Ainda em referência a arquivos público e privado, Duarte (2005, p.34), certifica que:

A franquia de um arquivo privado ao público por qualquer meio e, especialmente, sua inclusão no acervo de uma instituição de preservação da memória conduzem à sua “publicitação” e, conseqüentemente, à sua caracterização efetiva enquanto arquivo privado público.

Assim a autora encontra certa oposição no que se refere ao público e privado, no sentido de arquivo privado, elucidada: “ A publicização do privado possui interferência tanto da ordem privada quanto pública. Há ambigüidade na definição de abertura pública de acervos de origem do privado (DUARTE, 2005,p.34). Ainda em Duarte (2007,p.144),

Quando se fala de arquivo, associam-se a ele conceitos de documentos e de informação. Essa é a base para o entendimento de seu contexto. Não importa o tipo de informação que foi gerado e não se pode depreciar um dado informacional em detrimento de outro. No final, ter-se-á concebido um documento de arquivo, que deverá receber tratamento a partir dos mecanismos que lhe facilitem o acesso e a recuperação da informação guardada e por ele contextualizada.

Após inúmeras conceituações apontadas por autores especialistas da área, podemos ainda destacar que os arquivos pessoais integram valiosas fontes de pesquisa, seja pela especificidade dos tipos documentais que os caracterizam, seja pela possibilidade que oferecem de complementar informação constante em arquivos de natureza pública. Portanto, arquivos pessoais são,

[...] conjuntos documentais, de origem privada, acumulados por pessoas físicas e que se relacionam de alguma forma às atividades desenvolvidas e aos interesses cultivados por essas pessoas, ao longo de suas de vidas (FGV, 2011, p.2).

[...] papéis ligados à vida familiar, civil, profissional e à produção política e/ou intelectual, científica, artística, de estadistas, políticos, artistas, literários, cineastas, etc. Enfim, os papéis de qualquer cidadão que apresentem interesse para a pesquisa histórica, trazendo dados sobre a vida cotidiana social, religiosa, econômica, cultural do tempo em que viveu ou sobre sua própria personalidade e comportamento (BELLOTTO, 2007, p.256).

Esse tipo de arquivo é formado a partir do acúmulo de documentos. De acordo com o pensamento de Duarte (2005, p.33), “[...] nesses arquivos, é comum encontrarmos documentos que enaltecem a imagem do titular e de seus pares, permanecendo camuflada a avaliação de seus deslizes, falhas, receios, erros e defeitos”. A citada autora faz a seguinte reflexão “o arquivo guarda a memória do titular e a de seu tempo para as gerações futuras, podendo contar muito mais do que imagina” Sendo assim, o AP, é também intitulado de arquivo privado, particular. Além desses, são intitulados também como arquivo privado os arquivos eclesiais, de associações, de sindicatos, entre outros.

Portanto, o propósito de um arquivo, segundo Jean Yves Rousseau e Carol Couture, é de praticamente ser o espelho daquele ou da sociedade que os constitui, os conserva e os explora para fins administrativos, jurídicos, culturais, patrimoniais ou de pesquisa. E esse espelho representa a soma das informações contidas nos arquivos das

organizações privadas, dos órgãos públicos, das famílias, das pessoas que de algum modo revela o indivíduo que está sendo representado por trás dos documentos. Nessa perspectiva (HEYMANN, 2005, p.48) afirma:

A documentação reflete, assim, múltiplas interferências, confirmando a tese de que o arquivo pessoal é, muitas vezes, um projeto coletivo, no qual se sobrepõem várias subjetividades, afastando-se da sedutora imagem de expressão fiel e autêntica da subjetividade de seu titular. Além disso os próprios critérios pessoais variam ao longo do tempo, o que remete a temporalidades distintas que presidem ao processo de acumulação de documentos, tanto do ponto de vista do titular, quanto de seus colaboradores.

Desse modo, percebemos que o AP é um produto de linguagem própria, que deriva de uma pessoa ou de um coletivo e que depende sempre da necessidade de um indivíduo ou grupo social, para que o mesmo seja constituído e passe a externar as transformações em um paralelo, passado e presente. Constituídos por conjuntos documentais, de origem privada, acumulados por pessoas físicas, os arquivos pessoais estão relacionadas de alguma forma às atividades desenvolvidas e aos interesses cultivados por essas pessoas ao longo de suas vidas.

Assim, Souza e Oliveira (2005, p.13) destacam que os arquivos pessoais não revelam apenas o indivíduo, mas tudo que está a sua volta e faz parte, direta ou indiretamente, de sua vida evidenciando sua memória, nesse sentido, fazendo relação da memória com o arquivo, conforme a visão de Nora (1993, p.15), destacando que a memória verdadeira, transformada por sua passagem, dá lugar a uma memória arquivística “à constituição grandiosa do estoque do material daquilo que nos é impossível lembrar”, nessa lógica percebemos o arquivo como dispositivo capaz de armazenar informações, permeadas pela memória, pertencente ao seu AP, torna possível a escrita autobiográfica de seu produtor.

A partir das reflexões apresentadas, nesta pesquisa, passamos aos estudos acerca do perfil do titular com base em seu AP, reforçando a assertiva de observador atento e homem simples de muita sabedoria, DCyi soube focalizar com sagacidade, e até com certo pioneirismo, temas que na sua época não tinham grande visibilidade.

O mergulho nos arquivos pessoais de forma objetiva não só nos mostra as experiências vividas pelo titular do arquivo, como também faz com que nos deparemos, aos poucos, com algumas partes mais íntimas de suas histórias.

Sendo assim, os arquivos pessoais devem receber tratamento arquivístico, para que, haja garantia e possibilidade de acesso. Considerando esse processo, os

documentos que fazem parte do AP de DCyi, foram tratados pelo Instituto Tom Jobim (ITJ).

Os arquivos são templos modernos, templos de memória. Como instituições, tanto como coleções, os arquivos servem como monumentos às pessoas e instituições julgadas merecedoras de serem lembradas (COOK, 1998, p. 143).

Abranger o AP como lugar de memória permite delinear a trajetória de vida de um indivíduo em meio aos diversos papéis que exerce ou exerceu ao longo da vida. Nesse sentido, é pertinente destacar a importância de trabalharmos sobre os arquivos privados e pessoais no campo da memória, sendo esse o motivador por revelar traços sobre o titular do acervo. Segundo Artières (1998, p. 31), “o arquivamento do eu não é uma prática neutra: é muitas vezes a única ocasião de um indivíduo se fazer ver tal como ele se vê e tal como ele desejaria ser visto”.

Destacamos o fato do arquivo de DCyi ser considerado pessoal, pois se trata de documentação gerada por uma pessoa física, transparecendo a vida, obra e as atividades desse cantor-compositor, objeto desta pesquisa.

Assim os documentos contidos no AP, interessam como fonte de pesquisa e são dotados de singularidade, uma vez que foram produzidos ao longo da vida do cantor-compositor, sem a finalidade de serem históricas e culturais, embora adquirissem valores que lhes são inerentes por testemunharem a memória de quem os acumulou ou produziu. Assis (2009, p.51), compreende que a intencionalidade é uma característica comum aos arquivos de caráter pessoal, “um arquivo deste tipo é construído de documentos que não representam apenas função pública do produtor, entram ali documentos que expressam sua visão de mundo, sua vida sentimental, seus hábitos, suas condições financeiras”. Assim o arquivo de DCyi é o resultado de sua vida e obra.

Percebemos que DCyi, guardou sua memória através dos documentos, de seu AP. Segundo Ribeiro (1998, p. 35), esse ato, “visa a guardar a melhor recordação de si próprio, geralmente graças à mediação socialmente aceita de objetos, que ou já se valorizam, ou que um dia irão adquirir maior estima”. Um ato instintivo de fazer sua própria descrição, algo que Swift (1992, 62), relatou como necessidade que o homem tem de deixar atrás de si as denominadas “boias de marcação” e “rastro de percursos” destacando-se o impulso de registrar.

De acordo com Artières (1998, p. 11), “o homem passa a maior parte de sua vida arquivando-se”, porém, não é possível arquivar-se de qualquer modo: todo arquivamento exige escolhas e organização dos acontecimentos que dão sentido a

imagem que se quer transmitir. Por isso, “o que os arquivos pessoais podem atestar, o que o desejo de guardar os próprios documentos pode indicar, será esse anseio de ser, a posteriori, reconhecido por uma identidade digna de nota” (RIBEIRO, 1998, p. 35).

A documentação custodiada por uma pessoa é formada por diversos documentos registrados em diversificados tipos de suporte, objetos, que configuram o estilo de vida social, familiar, profissional, do seu titular. Esse tipo de arquivo é preservado como fonte de testemunho e pesquisa para gerações futuras, assim:

Escreveu Stella Caymmi¹⁷ “bem ao gosto do meu avô, que ama a precisão” (2014, p.17) ao iniciar seus registros de fragmentos numa concepção de história arraigada à ideia de produção e verdade. No entanto, a construção desse tipo de arquivo não é privilégio apenas de pessoas com passados representativos. Todo indivíduo produz e acumula informação dando origem a documentos guardados e organizados para um futuro próximo ou não. Essa prática é revisitada por Artiérs, (1998, p. 11) em seu texto arquivar a própria vida, como um mandamento originário da humanidade, quando diz:

Arquivamos, portanto nossas vidas, primeiro, em resposta ao mandamento "arquivarás tua vida" - e o farás por meio de práticas múltiplas: manterás cuidadosamente e cotidianamente o teu diário, onde toda noite examinarás o teu dia; conservarás preciosamente alguns papéis colocando-os de lado numa pasta, numa gaveta, num cofre: esses papéis são a tua identidade; enfim, redigirás a tua autobiografia, passarás a tua vida a limpo, dirás a verdade.

Artiérs (1998, p. 11) e Silva (2004, p. 77), asseguram ainda, arquivamos nossa própria vida com um único destino: a socialização do mundo individual através da leitura de seus documentos, descortinados pelo próprio titular que o conserva, ou por terceiros autorizados (ou não).

Com referência ao AP de DCyi, a importância da memória sempre foi por ele vista com muito cuidado. Guardava de si um desejo íntimo de ser lembrado a fim de que sua memória fosse preservada, embora não tendo uma organização formal escrevia sua autobiografia. Cuidadoso, acumulava recortes de jornais, agendas, partituras de músicas, fotografias e outros itens documentais, se autoreferenciou, só não sabemos se o conhecemos como gostaria, pois, a escrita como exercício pessoal realizada por si e

¹⁷ Jornalista. Escritora. Biógrafa. Pesquisadora de música popular brasileira. Professora universitária. Neta do compositor e cantor Dorival Caymmi e da cantora Stella Maris. Filha da cantora Nana Caymmi. Sobrinha dos compositores, cantores e instrumentistas Dori e Danilo Caymmi.

para si é [...] uma maneira refletida de combinar a autoridade tradicional da coisa já dita com a singularidade da verdade que nela se afirma e a particularidade das circunstâncias que determinam o seu uso” (FOUCAULT, 1992, p. 133).

Fazendo coro a essa concepção, Gomes (2004), assegura que por meio de práticas culturais, o indivíduo contemporâneo estabelece uma identidade para si, tendo como base seus documentos. Ainda nessa perspectiva, Galdino (2015) ressalta que podemos entender a escrita como uma ‘capa’ capaz de tornar as pessoas visíveis ou invisíveis, pois à medida que ela se reconhece passa também a ser (re)conhecida pelo outro.

Entendemos que ao registrarmos nossas atividades, sonhos, expectativas e labor passamos a evidenciar e a existir juntamente com o outro, levando ao arquivamento. Esse papel seria o mesmo exercido por DCyi pelo olhar do outro. Nas situações de solidão, a escrita seria um possível olhar capaz de constranger, revelador dos movimentos interiores da alma, a escrita funcionaria como um dispositivo de confissão, substituindo o olhar do outro, como uma disciplinadora de nossas ações e pensamentos.

O exercício para o treino de si por si mesmo, tais como a abstinência, e este fenômeno se dá no ato de arquivar documentos pessoais, pelo seu titular, as memorizações, os exames de consciência, as meditações, o silêncio e a escuta do outro foram menos importantes que a escrita. De acordo com Stella Caymmi (2014, p.20) “tão importante que fazia do exercício da memória um estilo de vida” utilizando agendas para registros de acontecimentos diários e músicas como momentos eternizados.

A escrita compõe o elemento importante no treinamento de si, exercendo uma função etopoiética (Plutarco) de transformadora da verdade em éthos. Como exemplos dessa escrita etopoiética dos séculos I e II, Foucault (2004), destaca os hypomnémata e a correspondência. Os hypomnémata eram uma memória de coisas lidas, ouvidas ou pensadas. Eram cadernos de anotações, onde se anotavam trechos de obras lidas, exemplos de testemunhos de ações, reflexões ou pensamentos que eram manuscritos para que não caíssem no esquecimento. Este é o ato de acumular documentos ao AP.

As ideias e pensamentos recolhidos, a princípio disparatados, convergem para uma unificação. A leitura, dos escritos, a releitura e a reflexão contribuem para a constituição de quem escreve.

Assim, como na Escrita de Si, em que o sujeito se revela através do seu texto escrito, a composição do texto não verbal, DCyi cumpriu a função de promover a

reflexão sobre si mesmo, revelando em seu AP aspectos da própria subjetividade, antes desconhecidos ou, pelo menos, não explicitados.

Portanto, trata-se de um arquivo que tem um papel fundamental na reconstituição de fatos marcantes na vida do compositor - poeta¹⁸ e sua temporalidade. Em consonância com essa visão a neta do DCyi Stella Caymmi (2014, p.19) destaca:

Com 40 agendas laboriosamente preenchida por Dorival Caymmi entre as décadas de 60 e 90, aos 22 cadernos cada um com duzentas paginas de recortes de jornais e revistas dos anos 30 ate os dias de hoje) às cercas de 500 correspondências (com Jorge Amado, Tom Jobim e seus remetentes mais constantes), às aproximadamente 3 mil fotografias, a mesma quantidade de elementos iconográficos de todo tipo (cartazes de programas de shows, anotações, partituras, anúncios etc.) os discos e às letras de suas composições que foram revisadas uma a uma por Caymmi - , além de cerca de 2 mil laudas de entrevista em estado bruto.

Uma frase que já denunciava seu gosto por guardar foi registrada por Stella Caymmi (2014, p.74 p.75) em seu livro Dorival Caymmi o Mar e o Tempo “ Eu conheci o arquivo , fui aproveitado lá”.

Dorival Caymmi se escreveu sem intensão, sem malícia, guiado por Iemanjá e o Senhor do Bonfim ele registrava “com mãos criativas, em traços, as comoventes pinturas eram para eles o hábito que lhes oferecia as formas da plasticidade de suas poesias-músicas” (DUARTE, 2014, p. 2).

Com esse entendimento percebemos que a documentação guardada por uma pessoa é formada por vários documentos registrados em diversos tipos de suporte, objetos, que representam o estilo de vida familiar, social e profissional do seu titular, esse tipo de arquivo é preservado como fonte de testemunho e pesquisa para gerações futuras, tornando-se singular como nascedouro de informação e conhecimento.

Dessa forma Ducrot (1998), afirma que os arquivos pessoais constituem valiosas fontes de pesquisas, seja pela especificidade dos tipos documentais que os caracterizam, seja pela possibilidade de oferecer informações.

Os arquivos pessoais podem, como quaisquer outros, lucubrar traços de transações da vida humana, todavia é importante destacar que cada arquivo possui características específicas, é sempre organizado para relatar e criar um pensamento, uma

reflexão, uma história. Possibilitando uma vontade de guardar e tornar público o que é privado, a autora discorre sobre a organização de um AP e enaltece a individualidade do titular, redimensionando o seu lugar nas diversas circunstâncias históricas, refletindo o lugar privilegiado de análise histórica, possibilitando um contato próximo com a trajetória de seu produtor, suas relações pessoais, externados através da sua materialização expressa pela documentação do acervo (VENANCIO, 2003).

Esse é o real sentido com que DCyi construiu sua vida, obra e pensamento, o compositor - poeta produziu mais que letras e canções, representou através delas sua trajetória, a história de uma época, a forma com que compunha e cantava a vida, o consagrou na sociedade, e é essa consagração que veremos no próximo subcapítulo, visualizando seu contexto sociocultural e artístico.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

A realização deste estudo sobre *Dorival Caymmi: vida, obra, pensamento e acervo em uma temporalidade do verde e amarelo*, foi possível mediante o planejamento sistematizado da pesquisa científica que, para Gil (1991, p.42), tem um caráter pragmático por ser um “processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico”.

Destaca-se como objetivo fundamental descobrir respostas para o problema levantado, quais os critérios utilizados na organização e disseminação do arquivo pessoal de DCyi. Esta pesquisa encontra eco nos estudos teóricos sobre AP, tendo como foco central investigar os critérios utilizados para organização e disseminação do citado arquivo, com o propósito de analisar o tratamento arquivístico que esse arquivo pessoal recebeu e os aspectos mais relevantes de sua organização.

Dessa feita, este estudo analisa o estado atual de digitalização desses arquivos, além de pesquisar o arquivo físico de DCyi com o intuito de rever os registros e fontes de informação, desse acervo, possuidor de relevância à sociedade.

Para tanto, utilizamos de procedimentos científicos adequados à realidade da pesquisa e, apresentamos neste capítulo, o procedimento metodológico e, na sequência a coleta de dados realizada.

Seguindo as prescrições do autor supracitado Gil (1995), a escolha da metodologia adotada na pesquisa depende diretamente do objeto em estudo, de sua natureza, amplitude e dos objetivos. Defini-la não é uma tarefa simples devido às

variações da proposta e pelo processo investigativo durante a execução. A característica essencial do método científico é a investigação organizada, o controle rigoroso das observações e a utilização de conhecimentos teóricos.

Para pesquisar precisamos de métodos e técnicas que nos levem criteriosamente a resolver problemas. [...] é pertinente que a pesquisa científica esteja alicerçada pelo método, o que significa elucidar a capacidade de observar, selecionar e organizar cientificamente os caminhos que devem ser percorridos para que a investigação se concretize (GAIO, CARVALHO e SIMÕES, 2008, p. 148).

Segundo Galliano (1986), todas as acepções da palavra “método” registradas nos dicionários estão ligadas à origem grega *methodos* - que significa “caminho para chegar a um fim”. Além da pesquisa bibliográfica, associamos à pesquisa documental, tão bem conceituada por Gil (2002, p. 46), quando diz:

Na pesquisa documental, as fontes são muito mais diversificadas e dispersas. Há, de um lado, os documentos "de primeira mão", que não receberam nenhum tratamento analítico. Nesta categoria estão os documentos conservados em arquivos de órgãos públicos e instituições privadas, tais como associações científicas, igrejas, sindicatos, partidos políticos etc. Incluem-se aqui inúmeros outros documentos como cartas pessoais, diários, fotografias, gravações, memorandos, regulamentos, ofícios, boletins etc.

Assim, procurando ampliar nossa compreensão, cujo entendimento necessita da contextualização histórica e sociocultural, direcionamos nosso olhar à documentação e objetos pertencentes à DCyi, vale ressaltar, que não é nosso objetivo trabalhar com o arquivo pessoal físico e seu acervo em sua totalidade, portanto, esta pesquisa documental, foi reduzida a um corpus de espécie e tipologia documental, voltado “para a lógica orgânica dos conjuntos documentais: a mesma construção diplomática em todos os documentos do mesmo tipo, para que se disponha sobre ou cumpra a mesma função”. (BELLOTTO, 2006, p.52)

Segundo Bellotto (2006, p. 52, 62-63), “a tipologia documental é a ampliação da diplomática na direção da gênese documental e de sua contextualização nas atribuições, competências, funções e atividades da entidade geradora/ acumuladora” da espécie” e “na arquivística, a análise tipológica parte do princípio da proveniência.” Ainda, Bellotto, (2006, p. 48) destaca também que: “a cada tipologia corresponde uma fórmula Diplomática, que dá significado jurídico ao conteúdo” e que:

O tipo documental é a configuração que assume a espécie documental de acordo com a atividade que ela representa” e sobre a espécie diz que “a espécie torna-se tipo quando lhe agregamos a sua gênese, a atividade / função / razão funcional / que lhe gera a aplicação de uma actio em uma conscriptio (a espécie). (BELLOTTO, 2006 p. 57).

Essa análise possibilitou a construção de sua trajetória, assim como o acesso às informações nelas contidas. Todavia, faz-se necessário lembrar que esta fase não dá conta de interpretar de forma mais elaborada o teor que se encontra implícito nos documentos.

Outra justificativa para a realização desta observação é que nos permite acrescentar a dimensão do tempo à compreensão do social, favorecendo o processo de maturação e a evolução do conhecimento.

[...] o documento escrito constitui uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais. Ele é, evidentemente, insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante, pois não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas. Além disso, muito freqüentemente, ele permanece como o único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente (CELLARD, 2008, 295).

Percebemos, conjuntamente na definição de Marconi e Lakatos (1990, p. 78), "a característica da pesquisa documental é que a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias." Ainda reforça Gil (2002, p. 47), a importância da pesquisa documental, ao considerar que os documentos constituem fonte rica e estável de dados. Como os documentos subsistem ao longo do tempo, tornam-se a mais importante fonte de dados em qualquer pesquisa.

Para Marconi e Lakatos (1991, p. 67), definir uma metodologia de pesquisa é um desafio enriquecedor ao pesquisador, que precisa estar atento ao cumprimento de seus objetivos e hipóteses.

Portanto, realizamos o levantamento bibliográfico, concomitantemente com o contato de tudo que se referia a DCyi, suas produções, músicas, homenagens e espetáculos que traziam o autor ao nosso convívio. Selecionamos os autores, o passo posterior, foi leituras e releituras que nos direcionaram à temática e problemática levantada. Em seguida, buscou-se efetivar o cruzamento das ideias constantes para que pudéssemos iniciar a construção do texto dissertativo.

Entretanto, na busca de obtermos informações de interesse para uma boa investigação, com um objetivo definido, utilizamos como instrumento a entrevista.

Segundo Minayo (2007, p.64), a “entrevista é acima de tudo uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador. Ela tem objetivo de construir informações pertinentes para o objeto da pesquisa, [...]” pesquisa exploratória *in locos*, estudos teóricos para fundamentação, essencial para o aprofundamento dos objetivos.

Somadas a essa consideração, as tendências metodológicas das ciências humanas e sociais, em especial das pesquisas descritivas desenvolvidas no contexto da organização da memória e do conhecimento, apontadas pela ciência da informação, traçamos a abordagem e o percurso desta pesquisa.

Considerando nossa compreensão acerca dos caminhos trilhados na metodologia caracterizada como de natureza aplicada, com abordagem qualitativa, utilizando a técnica de levantamento documental, utilizando como instrumentos entrevistas e observações diretas a partir do arquivo provado de DCyi, disponibilizados em rede.

Entretanto, com o intuito de produzir informações inerentes ao objeto desta pesquisa, realizamos entrevista *in loco*, que também possibilitou ter acesso e conhecer o arquivo pessoal físico de DCyi, assim observamos a competência que um arquivo pessoal dessa ordem possui, ao sentir uma sensação única de transporte no tempo e na vida do titular. Esses documentos traduzem a memória, de quem o acumulou, e nos reporta ao documento do homem em facetas e temporalidade.

3.1 ESTRADAR

Uma das etapas desta pesquisa foi a realização de nossa visita ao espaço íntimo e privado do compositor-poeta, sua residência no Rio de Janeiro. Este foi um dos mais marcantes momentos, dando-nos o cabedal de conhecimento sobre a vida e pensamento do entrevistado, o próprio DCyi, seguido das indicações por ele levadas acerca do roteiro posterior a ser percorrido naquela Cidade Maravilhosa, ao encontro dos dados e de outros entrevistados, para a mais valia desta dissertação.

O próximo passo foi a nossa passagem pelo Instituto Antônio Carlos Jobim (IACJ) e, em seguida, o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) e Fundação Getulio Vargas (FGV) ambas instituições localizadas na mencionada cidade.

A elaboração de orientações para construção desta pesquisa se deu por meio da preparação das indicações necessários às quais, obedecem a quatro fases seguidas no planejamento da pesquisa científica. De acordo com Gil (1991) a seguir as referidas fases:

- 1ª Fase: Escolha do tema;
- 2ª Fase: Delimitação do problema;
- 3ª Fase: Formulação do plano da pesquisa (o que deu suporte à execução da pesquisa);
- 4ª Fase: Análise dos dados e das ideias de forma sistematizada (visando à escrita da dissertação).

Depois da escolha do tema, e da delimitação do problema, iniciou-se o levantamento bibliográfico o que facultou a aquisição da informação convertida em conhecimento, elaborando neste percurso a fundamentação teórica da pesquisa, presente no capítulo 2. O estudo bibliográfico possibilitou ainda, a construção do plano de pesquisa e sua execução, caracterizando sua elaboração quanto aos objetivos, justificativa, metodologia, revisão da literatura, análise dos dados, conclusões e recomendações.

A pesquisa foi construída com o enfoque qualitativo, pois foi direcionada ao longo do seu desenvolvimento ao arquivo pessoal de DCyi. Utilizamos sua residência no Rio de Janeiro, bem como o IACJ como fonte direta de dados, buscando, com foco indutivo, o significado que as pessoas envolvidas com o arquivo têm das coisas e da vida do titular .

Sobre o que se entende de pesquisa qualitativa, Sampieri, Collado e Lúcio (2006, p.5), dizem que deve-se “utilizar coleta de dados sem mediação numérica para descobrir ou aperfeiçoar questões de pesquisa e pode não provar hipóteses” em seu processo de interpretação.

Desse modo, faz parte deste estudo, a obtenção de dados descritivos mediante contato direto e interativo com o objeto, caracterizando a pesquisa como descritiva, que segundo Gil (1999), “têm como finalidade principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis”. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas aparece na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados. Esse tipo de pesquisa, de acordo com Selltiz e outros (1965), busca descrever um fenômeno ou situação em detalhe, especialmente o que está ocorrendo, permitindo abranger, com exatidão, as características de um indivíduo, uma situação, ou um grupo, bem como desvendar a relação entre os eventos.

De acordo com Aaker, Kumar e Day (2004), a pesquisa descritiva, normalmente, usa dados dos levantamentos e caracteriza-se por hipóteses especulativas que não especificam relações de causalidade. A elaboração das questões de pesquisa exige um profundo conhecimento do problema a ser pesquisado. Neste Caso, “O pesquisador precisa saber exatamente o que pretende com a pesquisa, ou seja, quem (ou o que) deseja medir, quando e onde o fará, como o fará e por que deverá fazê-lo” (MATTAR, 2001, p. 23).

Entretanto, reforçando a explanação acima, a execução desta pesquisa está reverberada nos estudos teóricos referentes ao arquivo pessoal com o objetivo de investigar quais os critérios utilizados na organização na disseminação do arquivo pessoal digitalizado de DCyi, com a finalidade de analisar os critérios e o tratamento arquivístico que o arquivo recebeu, os aspectos mais relevantes da organização, descrição e formato de disponibilização *online*.

3.2 COLETA DE DADOS

O contato com o arquivo pessoal de DCyi, ocorreu em 02 de dezembro de 2014. Em sua última morada, no ano de 2007 em dezembro, o compositor-poeta mudou-se para o sexto andar do prédio, situada a Avenida Nossa Senhora de Copacabana, Rio de

Janeiro. Nesta visita compreendemos a importância do seu arquivo pessoal, tivemos a alegria de conhecer o homem do mar, o estudioso das ideias prevalentes em sua temporalidade. Por entre, móveis, canções, partituras e telas que produziu, o gosto pelas artes plásticas, à poesia, a melodia boa que não passa com o tempo, vivemos um pouco de sua obra, ainda viva, esse primeiro contato foi essencial, favorecendo ao estudo o entendimento do que seria sua trajetória.

Os documentos acumulados por DCyi ao longo de sua existência assumem uma importância central como fontes para pesquisa. De acordo Duarte (2005, p.34), “o arquivo passa a representar uma espécie de pirâmide. Guarda a memória do titular e a de seu tempo para as gerações futuras, podendo contar muito mais do que se imagina”, são formados por homens e mulheres ao longo de uma vida e adquirem valor testemunhal por um gesto de quem os produziu e/ou de quem os identificou e lhes atribuiu significado sociocultural.

Observamos que a quantidade de documentos era satisfatória, seu estado de conservação era bom, o acervo foi todo tratado pelo IACJ, discorreremos sobre no subcapítulo 4.3, ainda sobre o acervo, encontrava-se exposto de forma doméstica, pois, estavam guardados sobre mesas e bancadas no interior do escritório e da sala principal. Percebeu-se a ausência de métodos de arquivamento, de processo de conservação.

Concomitante a esta atividade, realizamos a pesquisa bibliográfica, considerada uma fonte de coleta de dados secundária, pode ser definida como: contribuições culturais ou científicas realizadas no passado sobre um determinado assunto, tema ou problema que possa ser estudado (LAKATOS, MARCONI, 2001; CERVO, BERVIAN, 2002). Para Lakatos e Marconi, a pesquisa bibliográfica,

[...] abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema estudado, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, materiais cartográficos, etc. [...] e seu propósito é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto. (LAKATOS, MARCONI, 2001, 183)

Em síntese, todo trabalho científico, pesquisa, tem o fundamento e o embasamento na pesquisa bibliográfica, para que não se desperdice tempo com um problema que já foi resolvido e possa chegar a conclusões inovadoras.

O substancial benefício da pesquisa bibliográfica encontra-se no fato de fornecer ao investigador um instrumental analítico para qualquer outro tipo de pesquisa, mas também pode esgotar-se em si mesma.

Elaboramos um roteiro para a realização de entrevista semiestruturada (APÊNDICE B), o qual foi usado como instrumento para coleta de dados. A entrevista semiestruturada tem como característica um roteiro com perguntas abertas e é indicada para estudar um fenômeno, deve haver versatilidade na sequência da apresentação das perguntas ao entrevistado e o entrevistador pode realizar perguntas complementares para entender melhor o fenômeno em pauta. (TRIVIÑOS, 1987; MANZINI, 1995, 2001, 2003).

Assim, decidimos por realizar três entrevistas, para alcançarmos os resultados desta pesquisa. Definimos o uso das letras A, B e C quando da indicação dos entrevistados. Nossa primeira entrevista com o entrevistado A ocorreu na residência de DCyi, a segunda na FGV com o entrevistado B e a terceira no IACJ com o entrevistado C. Ressaltamos que esse dado confirma a hipótese de que a entrevista semiestruturada confere confiança ao pesquisador e possibilita a comparação das informações entre os participantes entrevistados (MANZINI, 2006). Realizamos a entrevista com perguntas abertas, o que possibilitou ao entrevistado responder de forma mais espontânea. A composição do roteiro por meio de perguntas é importante por vários motivos. Primeiro porque é possível preparar a configuração das perguntas e adequá-las para o nível de linguagem do participante. Segundo, é considerável que todas as perguntas, se correlatem a itens e conceitos a serem pesquisados (GÜNTHER, 1999), sejam realmente feitas durante a entrevista, uma vez que a comparação de respostas na entrevista semiestruturada é requerida na análise.

Portanto, durante a entrevista adequamos à linguagem, nível de dificuldade para respondê-las, adaptação na sequência de perguntas no roteiro, verificação da existência de perguntas manipulativas, uso de jargão, dentre outros subsídios. São cuidados necessários para o planejamento que antecede a entrevista propriamente dita (MANZINI, 2003b; 2004).

No que se refere às técnicas de coleta de dados podemos dizer que são um conjunto de regras ou processos utilizados por uma ciência, ou seja, corresponde à parte prática da coleta de dados (LAKATOS, MARCONI, 2001). Durante a coleta de dados, diferentes técnicas podem ser empregadas, sendo mais utilizados: a entrevista, o questionário, a observação e a pesquisa documental.

Para o fim desta pesquisa utilizamos a entrevista. Para Cervo e Bervian (2002), a entrevista é uma das principais técnicas de coletas de dados e pode ser definida como conversa realizada face a face pelo pesquisador junto ao entrevistado, seguindo um

método para se obter informações sobre determinado assunto. De acordo com Gil (1999), a entrevista é uma das técnicas de coleta de dados mais utilizadas nas pesquisas sociais. Esta técnica de coleta de dados é bastante adequada para a obtenção de informações a respeito do que as pessoas sabem, creem, esperam e desejam, assim como suas razões para cada resposta.

O autor apresenta, todavia, algumas desvantagens da entrevista que devem ser consideradas na fase de coleta dos dados, como a falta de motivação e de compreensão do entrevistado, a apresentação de respostas falsas, a incapacidade ou, mesmo, a inabilidade de responder às perguntas, a influência do entrevistador no entrevistado, a influência das opiniões pessoais do entrevistador ((MANZINI, 2003).

As citadas limitações não ocorreram em nosso percurso metodológico, visto que os entrevistados encontram-se envolvidos em outros estudos sobre as memórias de DCyi de maneira relevante. Portanto, foi dedicado uma atenção exclusiva a elaboração das perguntas, considerando a preparação do entrevistador para contornar os problemas apresentados (GIL, 1999), observando uma lista das informações determinada para cada entrevistado, a maneira de perguntar e a ordem em que as questões foram feitas, diversificamos de acordo com cada um, fundamentamos no quadro teórico estudado, focamos nos objetivos e no problema da pesquisa, assim formatamos nossos questionamentos.

Outro instrumento utilizado foi a observação, que segundo Cervo e Bervian (2002, p. 27), consiste em “observar é aplicar atentamente os sentidos físicos a um amplo objeto, para dele adquirir um conhecimento claro e preciso”. Para esses autores, a observação é vital para o estudo da realidade e de suas leis. Sem ela, o estudo seria reduzido a “[...] à simples conjectura e simples adivinhação”. Considerada uma coleta de dados para conseguir informações sob determinados aspectos da realidade, a observação direta nos auxiliou a “[...] identificar e obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento” (MARCONI, LAKATOS, 1996, p. 79). Corroborando com os autores citados a técnica da observação, estimula o pesquisador a ter um contato mais direto com a realidade. Desse modo, ao fazermos a visita à residência de DCyi e o IACJ, realizamos a observação juntamente com a entrevista semiestruturada, lembramos do ponto de vista científico, que essa técnica possui vantagens e limitações que podem ser administradas com o uso concorrente de outras técnicas de pesquisa (MARCONI, LAKATOS, 1996).

Tomando embasamento em Marconi e Lakatos (1996); Selltiz e outros (1965), pode-se concluir que a técnica de observação tem diversas modalidades, aplicáveis de acordo com as circunstâncias. Dentre elas, destacam-se: segundo os meios utilizados: observação assistemática e observação sistemática; segundo a participação do observador: observação não-participante e observação participante; segundo o número de observações: observação individual e observação em equipe; segundo o lugar onde se realiza: observação na vida real e observação em laboratório.

Realizamos a observação sistemática. Para Marconi e Lakatos (1996), este tipo de observação também pode ser denominada de estruturada, planejada e controlada. Essa técnica se utiliza de instrumentos para coleta de dados, diferentemente da observação assistemática. Não sabíamos o que iríamos encontrar, mas sabíamos o que procurávamos, o arquivo pessoal de DCyi, assim já eliminamos o erros da distorção sobre o objeto de estudo.

Após a realização das entrevistas, estas foram transcritas, possibilitando assim, documentar o que foi dito, e fragmentadas no decorrer da construção do texto dissertativo. Depois de transcritas, foram encaminhadas aos entrevistados, para que pudessem realizar alterações a eles convenientes, recebendo deles a autorização de suas falas e intervenções em textos e outros recursos, no todo ou em parte, conforme o termo de autorização (APENDICE C).

4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS: ESCAVAÇÃO EM ARQUIVOS PESSOAIS

“O Dorival é um gênio. Se eu pensar em música brasileira, eu vou sempre pensar em Dorival Caymmi. Ele é uma pessoa incrivelmente sensível, uma criação incrível. Isso sem falar no pintor, porque o Dorival também é um grande pintor“. (Tom Jobim)

Neste capítulo, procedemos a uma breve descrição dos documentos que DCyi acumulou em seu arquivo, voluntária ou involuntariamente, durante sua vida, representando um legado para a memória sociocultural e artística.

Interessa neste trabalho, o arquivo pessoal possuidor de uma série de características particulares, constituído por documentação sobre a vida, obra, pensamento, traçando apenas uma visão possível e capaz de permitir uma contextualização necessária à interpretação da documentação do conjunto documental do titular.

Diante deste entendimento, buscamos, realizar a escavação ¹⁹no arquivo pessoal de DCyi, este singular baiano que nos deixou transparecer sua temporalidade, por meio de documentos por ele acumulados, levando-nos a entender o círculo de relação construído em sua vida, junto aos familiares e amigos, sua memória se apoia na sua história de vida, proporcionando um reflexo de tudo que produziu ao longo de sua existência.

A leitura do círculo construído a partir de sua vivência pessoal sugere a evolução de seu pensamento, nos indica que seu ciclo vital está associado à presença constante de seus contemporâneos, principalmente daqueles que estão vivos em seus arquivos. Duarte (2005, p.77) diz que “essa é uma faceta singular e específica em todas as etapas de sua vida e obra.”. Portanto o plural DCyi, homem do mar que não sabia nadar, mas isso não o impedia de mergulhar, fazia poesias à beira mar, e escrevia na areia seus versos, carregava um charme inteiramente baiano, ministro do Xangô (o mais alto posto civil do terreiro), amante de Iemanjá e devoto do Senhor do Bonfim, utilizava perfeitamente as palavras, conforme ilustra Arthur Nastrovski (2014) em seu depoimento para o programa Mosaico da TV cultura.

[...] em uma frase simples e direta como por exemplo, na canção saudade de Itapuã: Coqueiro de Itapuã, coqueiro. Areia de Itapuã, areia. Parece que nada está sendo dito não tem verbo, não acontece nada, são simplesmente as coisas sendo enumeradas uma depois da outra, mais a relação destas palavras quando são dita com a melodia e com a harmonia transforma isso na forma mais alta de poesia cantada que a gente pode imaginar. (DEPOIMENTO DE NESTROVSKI, 2014)

Nesse sentido, por meio dos documentos produzidos ao longo da vida retrata os sinais dessa musicalidade, percebemos as diversas faces de DCyi, elucidadas por Davi Salles (2014,p.02) em seu poema o “Cantador dos Costumes” ver poema na íntegra no (ANEXO B), afirma que “Dorival era difusor do baianês” e confirma em um dos trechos do poema deste compositor e cantor também baiano:

Dorival Caymmi, cantor, compositor brasileiro
 Da voz grave de veludo
 Cantou o amor, os mistérios do mar e os apresentou ao mundo
 Os nossos costumes, as tradições da Bahia
 A lida dos pescadores, nossas manifestações e valores
 A rotina, o dia a dia se eternizarão,
 Na tônica de suas canções, na sua peculiar poesia
 “O Samba da Minha Terra”a “Marina Morena” que se pintou

¹⁹ Atividade de diagnóstico, utilizada por Foucault.

Mas, Caymmi não gostou
 Entretanto, ele era também pintor
 Dominava o pincel como o seu dom de menestrel
 E no cabo da inchada, ele era coronel. (JORNAL A TARDE, Caderno
 2, 8 de Nov. 2014)

Respaldados na obra do compositor-poeta, evidenciamos suas contribuições sociocultural e artística, dignificando sempre o universo da Bahia de Todos os Santos, além do samba-canção e seus três filhos, nos presenteia com um arcabouço de letras e canções, argumentadas numa leitura da realidade e de transformação social, postura que utiliza na música e na vivência, contribuindo para as transformações de sua vida. A interação representada no círculo abaixo, nos possibilita compreender adentrar a vida e obra de DCyi, tendo em vista a transformação o indivíduo, desenvolvendo cultura, e como diz o compositor poeta, “o amor, porque eu sou um homem alegre e feliz, pode ser melhor” (DORIVAL CAYMMI, 1981).

Alguns amigos o definem como homem simples. Sobre o perfil do pesquisador Severiano (2014), usa três palavras: absoluta tranquilidade e simplicidade e Antonio Risério (2011), acrescenta outras definições ao compositor,

Um mulato ensolarado, em vista de coqueiros e gaivotas, poetizando quase sempre do ponto de vista da praia, quase nunca da proa. Um cantor dos prazeres da comida”, do corpo feminino e da natureza litorânea. O poeta do remelexo. E que não se descola do chão, nem busca ser transcendental. É o cantor das aparências, da experiência imediata, numa poesia a olho nu.

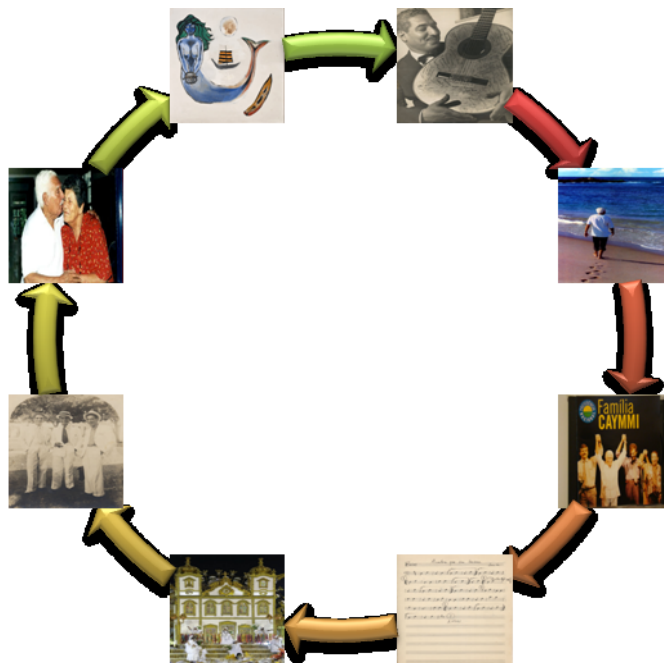
Tom Jobim em depoimento nos 70 anos de Caymmi, faixa nove, disco um, declara que seu amigo é um gênio, Jorge Amado o tem como irmão e declara sua admiração por DCyi no: Especial II- Jorge Amado fala sobre o cantor, gravado pela Rede Globo de Televisão,

O homem do povo pobre da Bahia, que nos enriqueceu imensamente, nos tornou maiores, e nos deu uma dignidade ainda maior, que acrescentou algo a essa civilização baiana, duramente batida no tempo, por homens que vieram da Europa que vieram da África, nos navios de escravos, os homens que aqui se encontraram e que se deram as mãos e que se misturaram para produzir uma nação da Bahia, da qual Dorival Caymmi, meu irmão meu irmãozinho, é o grande poeta, o grande cantor, o grande interprete, ele é a própria Bahia. (MEMÓRIA GLOBO, 1979)²⁰.

²⁰Dorival Caymmi Especial II: Jorge Amado fala sobre o cantor. Este texto foi retirado da URL, disponível em: <http://globo.com/rede-globo/memoria-globo/v/dorival-caymmi-especial-ii-jorge-amado-fala-sobre-o-cantor/3306067/>

Sendo assim, vamos falar no cenário sociocultural e artístico de DCyi e da Bahia, conforme dizia Jorge Amado, em suas falas, “Caymmi é a Bahia”.

Figura 2- Círculo construído a partir de uma vivência pessoal



Fonte: Elaborado pela autora (2015)

Segundo João Paulo (2014), o jornalista do *site* UAI, Dcyi, no campo musical, seus conhecimentos iam da obra de Bach ao jazz de Gershwin. Tinha um talento especial para a música modal (que vinha dos cantos do candomblé) e uma coragem natural em propor harmonias dissonantes, vindas antes da música impressionista que da bossa nova, vindo depois, deve muito a DCyi.

A poesia da canção também é devedora do baiano, confirma o jornalista, João Paulo (2014,p.3)

Se Noel Rosa é o criador da dicção urbana, com letras diretas e coloquiais, pode-se creditar Dorival forneceu uma contribuição que vai além de técnica, sobretudo com suas canções praieiras. Noel, mesmo popular e suburbano, tinha seus preconceitos com as religiões africanas e deixa entrever certo racismo que fazia parte da cultura da época chega a zombar de um despacho e se orgulha de morar no bairro com nome da princesa Isabel. Já em Dorival, o cenário da Bahia aponta outra luz.

Caymmi é solar. Dá motivo para os versos e embala o ritmo das melodias. A natureza praieira do Rio é relativamente recente. Na Cidade da Bahia, ela se perde no

tempo. Quando a bossa viu passar a garota de Ipanema, Salvador já seguia há séculos o balanço das moças a caminho do mar. A própria relação de Dcyi com a Bossa Nova é mais importante do que se imagina.

Um relato significativo de João Gilberto (1970), o criador da bossa, ao lado de Tom Jobim, que foi o responsável pelo que se pode chamar de jeito bossa nova de cantar, um estilo.

Tudo podia ser bossa nova, desde que tocado por João. No entanto, o cantor não precisava alterar em nada as canções de Dorival Caymmi para aproximá-las de sua maneira de tocar e cantar”. E completou “ a bossa estava nelas, antes mesmo de ser inventada.

O compositor-poeta seguiria em outras vertentes, como a do samba-canção, que ajudou a consolidar. O homem que gostava de mulheres parece que desejava que elas fossem felizes, mesmo que para isso ele precisasse confessar que era louco e tinha coração insensato.

Além disso, a feminilidade do samba baiano está também na incorporação da religiosidade, de um certo senso de mistério da vida. Como bem definiu Antônio Risério (1993, p.22) em seu livro Caymmi, uma utopia de lugar,

[...] o misticismo baiano não tira o chão de ninguém. E é essa imanência, essa força grudada na vida, que caracteriza bem o lado feminino das músicas do compositor. E tem mais: as mulheres de Caymmi são alegres e trazem felicidade. O compositor gostava muito das mulheres a ponto de fazer um tipo de samba especialmente para elas. Algo que, na falta de nome melhor, Aldir Blanc chamou de samba Caymmi.

Diante desse contexto, atentamos para o arquivo em estudo rememorando a linha do tempo, (a seguir, cenas de sua cronologia) 1914 a 2008, realizando uma viagem no mar de DCyi.

4.1 FUNDAÇÕES GETULIO VÁRGAS (FGV) E CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)

O Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) é considerado um dos pioneiros na definição de uma metodologia para tratamento de arquivos pessoais, doados à instituição desde 1973. Com a formulação e implementação de uma base de dados Accessus²¹, o CPDOC possibilitou o acesso mais rápido às informações contidas em seu acervo.

O CPDOC é a Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e tem o objetivo de abrigar conjuntos documentais relevantes para a história recente do país, desenvolver pesquisas em sua área de atuação e promover cursos de graduação e pós-graduação. Os conjuntos documentais doados ao CPDOC, que podem ser conhecidos seu próprio Guia dos Arquivos²².

Figura 4 – página de acesso ao guia dos arquivos do CPDOC



²¹ Accessus é uma base de dados constituída com o objetivo de propiciar um acesso mais rápido e eficiente às informações existentes no acervo documental do CPDOC. Composto de manuscritos, impressos, fotos, discos, filmes e fitas, esse acervo está estimado em um milhão e trezentos mil documentos, dos quais cerca de um milhão encontram-se referenciados na base Accessus.

²² O Guia dos Arquivos tem como finalidade fornecer aos usuários do CPDOC uma visão geral sobre cada um dos arquivos que integram o seu acervo. Para cada arquivo aberto à consulta são informados os dados biográficos do titular, incluindo sua formação acadêmica e as principais atividades exercidas ao longo de sua vida pública. Com relação ao acervo apresentam-se os tipos e quantidades de documentos, um breve relato do histórico de sua constituição e uma análise do conteúdo da documentação. A única parcela do acervo do CPDOC que não integra o Guia dos Arquivos nem a base de dados Accessus é a que está reunida na Coleção de Documentos Avulsos (CDA). Trata-se de fontes textuais, visuais, sonoras, ou impressas, de volume bastante reduzido em relação ao conjunto documental do Centro, resultantes de doações eventuais e de prospecções desenvolvidas em instituições diversas por pesquisadores do CPDOC.

Fonte: <http://www.fgv.br/cpdoc/guia/detalhesfundo.aspx?sigla=AZ>

Os conjuntos documentais constituem, atualmente, o mais importante acervo de arquivos pessoais de homens públicos do país integrados por aproximadamente 200 fundos, totalizando cerca de 1,8 milhão de documentos.

Referente a conjuntos documentais, Castro (2008, p.29) afirma que a constituição do conjunto de documentos, que compõe um arquivo, implica diversos processos seletivos. Portanto, o que sobra desses processos seria caracterizado como o que importa guardar. Então, um registro só passa a ser documento histórico após serem incorporados ao arquivo, quando é associado a determinadas concepções de valor, memória e passado. Esse pensamento se respalda em Jacques Le Goff, (1990, p.547) que, analisando a relação entre documento e monumento, afirma:

[...] o documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento [...] que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias.

Entretanto, o perfil do arquivo do espaço memória é o reflexo daquilo que foi selecionado a partir dos documentos reunidos no momento de sua constituição, no qual se decidiu o que poderia ser descartado e o que tinha valor permanente. Assim o entrevistado B relata:

[...] as fotos são organizadas separadas, também recebemos os livros ficamos com os livros, não com a biblioteca do titular do fundo, os livros principais que são produzidos por ele, e os que falam da vida dele, Jornal nós não ficamos, só os alternativos, algo raro. Vale destacar que explicamos pras famílias: não ficamos com recorte de jornais - é caro pra armazenar - não ficamos com cópias, se a família não a quer nós descartamos.

A organização desses arquivos e sua abertura à consulta pública, hoje totalmente informatizada por meio do sistema Accessus franquia, o acesso mais rápido às informações contidas em seu acervo. Segundo o entrevistado B os documentos desse acervo estão sendo progressivamente disponibilizados pela Internet.

Figura 5 - página de consulta ao acervo do CPDOC



Fonte: <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>

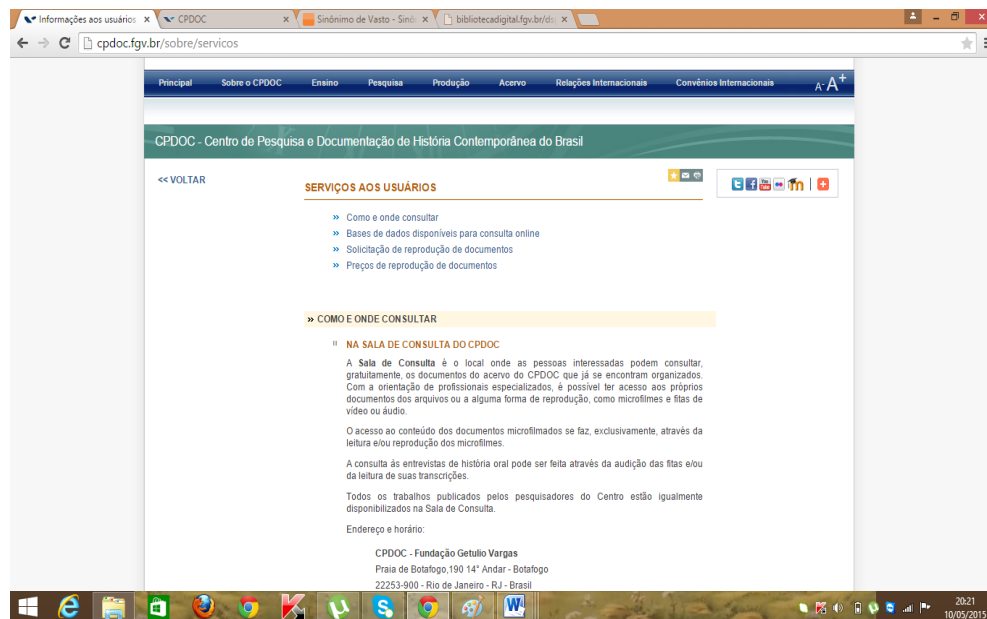
Todo documento que é enviado ao arquivo passa por um registro de entrada e, em seguida, por uma triagem. Sendo considerado apto a ser incorporado ao acervo, ele é catalogado, recebendo um código e uma numeração, que são inseridos no banco de dados, e, finalmente, o documento é agregado ao arquivo.

O entrevistado B, acrescenta ainda a preocupação atual do CPDOC que é de “mudar e publicar uma metodologia nova porque essa metodologia que nós temos publicada está totalmente defasada”, o motivo “ainda fala em ficha não cita o Accessus que é a ferramenta principal desde 2000”, a base de dados do CPDOC, tudo é organizado na base Accessus e constam nas planilhas, “a serem preenchidas para colocar separado o manuscrito, o manuscrito textual fica junto, são os dossiês, as fotos são organizadas separadas, também recebemos os livros ficamos com os livros, não com a biblioteca do titular do fundo, os livros principais que são produzidos por ele, e os que falam da vida dele, Jornal nós não ficamos, só os alternativos”, com a tecnologia da informação da FGV, o Accessus foi desenhado no final dos anos 90 por Sueli Braga e a Adelina Novais (ex-funcionárias da FGV). O sistema foi desenhado pra suprir e atender as necessidades do CPDOC, portanto a FGV é proprietária desse sistema.

O portal do CPDOC²³ está estruturado em várias páginas estáticas e bases de dados, disponível para consulta, portanto atentamos aqui apenas para o entendimento do arquivo *on-line*,

²³ O conteúdo de caráter histórico documental pode ser localizado através do menu superior, no item ACERVO. Há três fontes de consulta disponíveis: documentos de Arquivos Pessoais (Accessus), entrevistas de História Oral e verbetes do Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. Elas podem ser acessadas a partir de um único endereço: <http://www.fgv.br/cpdoc/busca>

Figura 6- página de serviços disponíveis ao usuário.



Fonte: <http://cpdoc.fgv.br/sobre/servicos>

Sabendo que o crescimento em pesquisas sobre arquivo pessoal nas áreas de história da vida privada e história do cotidiano, assim como o interesse crescente pelas análises de tipo biográfico e pelas edições de correspondência escolhida, têm aumentado, a procura por esse tipo de fonte chama atenção para a importância de sua preservação, organização e abertura à consulta pública. Reiterando, consta no sítio do CPDOC, referente a arquivo pessoal:

em virtude de conterem informações fundamentais para a recuperação da memória ou para o desenvolvimento da pesquisa histórica, científica ou tecnológica do país, alguns arquivos pessoais podem ser classificados como "de interesse público e social", por meio de dispositivo legal. Nesses casos, a lei determina que sejam preservados e colocados à disposição dos pesquisadores. Por se tratarem de documentos de natureza privada, os arquivos pessoais reúnem muitas vezes informações cujo acesso pode comprometer a intimidade do seu titular ou de terceiros. O Brasil hoje já dispõe de um corpo de leis regulamentando várias questões na área de arquivos, entre elas, o acesso a informações de natureza privada. Além da lei 8.159, de 1991, conhecida como Lei de Arquivos, que possui um capítulo dedicado aos arquivos privados, o decreto 2.942, de 1999, e a Resolução nº 12, do Conselho Nacional de Arquivos - CONARQ estão voltados para o tema.

Por essas e outras riquezas, é inegável o fascínio que os arquivos pessoais, enquanto fontes de pesquisa exercem sobre o pesquisador, com possibilidades de descobertas infinitas quando nos encontramos perante o imenso mundo desses arquivos,

os olhares e as interpretações se multiplicam simultaneamente como espaço de memória. Para Oliveira (2008, p.39) os arquivos pessoais

[...] trazem em si elementos de traços da personalidade, de juízos de valor, preconceitos, anseios, opiniões sobre assuntos diversos que expressam os interesses e atividades dos produtores dos arquivos e das pessoas com as quais se relacionaram.

Neste caso, um ponto relevante para o CPDOC são as relações que se estabelecem entre pesquisa, pesquisa histórica, arquivo e discussão sobre memória, no que se refere à ideia de indivíduo e coletivo, ou melhor, entre indivíduo e sociedade, de acordo com o entrevistado B, “nossa preocupação e inquietude, é fazer com que o que os arquivos que nós temos aqui na casa cheguem para os pesquisadores, essa é uma constante preocupação, e mesmo assim achamos que demora”, o pesquisador tem ansiedade em ter acesso aos arquivos, então, fazem projetos e vem conosco organizar o arquivo, o critério de organização da equipe do CPDOC é quem chegou primeiro, mas, de acordo com o mesmo entrevistado “acontece que quando fura a fila é que algum pesquisador faz um projeto, capta recurso para fazer a organização de um acervo X e então nós o organizamos, pois o nosso recurso é específico para organizar certa quantidade de fundos”. O CPDOC é interessado em conjuntos documentais, B diz que: “vamos verificamos todo material antes de nos comprometermos em cuidar do acervo em questão respeitamos a lei de sigilo, lembrando que assinamos um contrato”. O Programa de Arquivos Pessoais (PAP) não possui arquivista na equipe, seu pessoal é formado por historiadores e conta com o apoio da Escola de Direito e o Jurídico da FGV.

Percebemos ao visitar o CPDOC que os arquivos pessoais são, de certa forma, um ato de recordar, ou melhor, são as recordações do passado que sobreviveram à seleção da memória, à destruição do tempo e às escolhas dos indivíduos.

Segundo Halbwachs (2006), a memória é individual. No entanto, necessita do outro para tornar-se real, não basta reconstruir pedaço a pedaço, a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança, as memórias são construções dos grupos sociais, são eles que designam o inesquecível e os lugares onde essa memória será preservada, ainda de acordo com o mesmo autor "recordações são essencialmente memórias de grupo e que a memória individual só existe na medida em que esse

indivíduo é um produto de um grupo”. Vale lembrar que não discorremos nesta pesquisa o aprofundamento da memória biográfica, apenas valorizamos o ato imprescindível de recordar, por meio dos arquivos e, discorremos sobre passagens marcantes da biografia deste insigne da música e da cultura da Bahia e Brasil.

Destacamos que durante o processo de investigação os registros em forma de anotações foram de suma importância, auxiliaram na construção deste trabalho colaborando para o entendimento do processo da escrita, por entender não ser fácil mergulhar num arquivo, é que foi realizada a visita no CPDOC, uma aventura prévia de descoberta de novos horizontes, baseados, na verdade, em antigos recortes temporais, um tipo de apropriação pertinente ao pesquisador, com essa perspectiva podemos perceber a dimensão e importância para a sociedade, de um arquivo pessoal organizado.

4.2 DORIVAL CAYMMI: DESVENDANDO O TRAÇADO AUTOBIOGRÁFICO ATRAVÉS DO ARQUIVO PESSOAL

Os arquivos pessoais traduzem muito da ação de seu titular, conforme seus interesses. Procuramos refletir, apresentando a linha do tempo de DCyi, o ressurgimento do indivíduo e sua história, arquivos pessoais e como conquistou seu lugar específico e essencial, agregando assim um significativo valor cultural e conseqüentemente documental.

DCyi nasceu em 30 de abril do ano de 1914, na cidade de Salvador, em uma rua que hoje traz o nome do poeta, jornalista, advogado, defensor dos oprimidos, pobre por opção, o patrono da cadeira nº 15 da Academia Paulista de Letras, Luiz Gama. Veio ao mundo pela parteira da família, Dona Quinquinha, que já havia aparado²⁴ seu pai e seu irmão mais velho, Deraldo. Dorival, batizado na Igreja de Santana, era o quarto filho da família do casal Durval Caymmi e Aurelina Cândida Soares, conhecida como Dona Sinhá. Stella Caymmi (2014, p.34:35).

²⁴Linguajar de Quem Traz a Vida. Segurar aquilo que está caindo,

Seu primeiro sucesso como compositor ocorreu em 1939, na oportunidade da gravação do filme *Banana da Terra*, que tinha a participação especial da atriz e cantora Carmen Miranda. O célebre músico Ary Barroso era um dos compositores que teria seus sambas interpretados pela pequena notável especialmente para o filme. Porém, como Barroso pediu um exagerado valor para autorizar a gravação de seus dois sambas, sendo um deles “Na Baixa do Sapateiro”, o produtor do filme definiu por procurar outra composição, noticiado de que havia uma música especial sobre a Bahia, composta por um músico baiano, principiante, chamado Dorival Caymmi. Embevecido com a possibilidade de ter uma música de sua autoria gravada pela grande Carmen Miranda, cantora que ele estimava, DCyi aceitou a simples oferta e fez participação gravando o coro da música, “O Que é Que a Baiana Tem”, “entrou para o filme e tornou-se um sucesso na voz da pequena notável, com destaque no Rio de Janeiro, em todo Brasil e até no exterior” (CARVALHO, 2013). O sucesso alçou DCyi a um dos principais compositores da época e consagrou parceria com a cantora.

A década de 40 foi marcada como especial para sua carreira musical de DCyi. Época em que o Rio de Janeiro passava por várias mudanças, muitas delas provocadas pela vulnerabilidade internacional que a segunda guerra gerava, Carmen Miranda brilhava nos Estados Unidos e o compositor baiano colhia os frutos do seu primeiro sucesso e se entrosava com a elite intelectual carioca, composta por jornalistas, escritores, músicos, artistas e políticos.

Logo no início da década conheceu um grande amigo e irmão, Jorge Amado, juntos conviviam personalidades como Carlos Lacerda, Ziloca, Samuel e Bluma Wainer, Noel Nuts, Moacyr Werneck de Castro, e outros. Grupo de amigos que, durante um almoço providenciado por Jorge Amado, apresentou a sua noiva Stella Maris.

Os anos 40 foram para DCyi uma surpresa bonita, descobriu um mundo novo, como ele mesmo confirma num documentário apresentado na TV cultura (2014)²⁵ “meu mundo era assim uma rua que desembocava na casa Nice na avenida Rio Branco, Café Nice, cheio de artistas de sucesso: o Lamartine Barros, o Ari Barroso, o Francisco Alves o Silvio Caldas” (DORIVAL CAYMMI, 1972)

²⁵ Publicado em 23 de abril de 2014 o documentário musical revê a trajetória do compositor a partir de diversas imagens do acervo da TV Cultura, com o cantor em apresentações nos programas Especial TV Tupi 1979, MPB Especial 1972, Heineken Concerts 1996, entre muitos outros. O programa trouxe apresentações inéditas de Lado da Lua, Céu, Aloísio Menezes interpretando sucessos do cantor dentro dos estúdios da emissora. Este texto foi retirado da URL, disponível em: <http://tvcultura.cmais.com.br/dorivalcaymmi/videos/mosaicos-a-arte-de-dorival-caymmi>

Nessa descoberta DCyi conheceu, a mãe de seus filhos, num momento sublime, no rádio, em 1940 Stella Maris os dois oficializaram o noivado durante o almoço entre amigos e em 30 de abril de 1940, aos 26 anos de DCyi, se casaram. Stella Maris é esposa e mãe de seus três filhos, Nana, Dori e Danilo.

1941, ano de nascimento de Nana, a primeira filha do casal, Caymmi realizou com sucesso uma turnê pelo nordeste, com apresentações no Ceará, Pernambuco, Alagoas e Bahia, retornando ao Rio em 1942. No ano seguinte, nascia Dori Caymmi, o segundo filho de Dorival e Stella, isso enquanto o renomado grupo Anjos do Inferno gravava Vatapá e Rosa Morena. Ainda no mesmo ano, o músico seria presenteado com o violão Di Giorgio autografado pelos amigos, que logo se tornaria sua marca registrada e faria com que, por onde fosse o compositor-poeta colhesse novas assinaturas dos amigos famosos.

Seu sucesso absoluto ocorreu em 1944, quando estrelaria o espetáculo Jangadeiros no renomado grill-room do Copacabana Cassino Teatro, do famoso hotel Copacabana Palace. O show, organizado especialmente para aquela temporada, contou com grandes nomes da música brasileira do período como o maestro Radamés Gnattali, a cantora Carmen Costa e o cantor Nelson Gonçalves.

Após o término da segunda grande guerra, na segunda metade dos anos quarenta, Paris e outras cidades europeias deixaram de ser exemplo de civilização para o Brasil e cederam lugar à cultura norte-americana que conquistava o país.

Com novo contexto, as composições de DCyi também mudaram. O compositor-poeta descontinuava a fase das canções praieiras, sucessos de início de carreira, para aderir uma musicalidade mais urbana. Surgiu então Marina (1947), Saudade (1948) e Nunca Mais (1949). (STELLA CAYMMI, 2014, p.156).

Foi nessa época que houve o fechamento dos cassinos e conseqüentemente os shows, foram diminuindo, então o cantor – poeta pôde se dedicar com mais tranquilidade a outra paixão, a pintura, DCyi passava grande parte do tempo de folga pintando telas a óleo, vale lembrar que ele não as vendia, com muito gosto presenteava seus amigos e familiares. 1948 nasceu Danilo, o caçula, terceiro filho do casal Caymmi e Stella.

No início da década de 50, adaptado ao novo cenário criado com a mudança do circuito artístico-musical carioca da Lapa e regiões centrais da cidade para a zona sul, onde estavam sendo inauguradas as novas boates e casas noturnas, menores e mais

aconchegantes do que os antigos cassinos, DCyi não foi intimidado encheu as boates Acapulco e Fleir com seu violão e sua voz inconfundível.

O ano 1953 reservou grandes surpresas para Dcyi, se apresentou para o presidente Getúlio Vargas, que reverenciou com entusiasmo suas composições, foi homenageado na sua terra natal, Salvador, quando foi inaugurada a Praça Dorival Caymmi, em Itapuã, com grandes celebridades, artistas e políticos ilustres da Bahia e do restante do Brasil.

Em 1955 DCyi e a família mudaram-se para São Paulo, onde residia alguns dos principais amigos do compositor, tinha uma platéia fiel e apaixonada, entretanto, a família não se adaptou e menos de um ano depois voltaram para o Rio de Janeiro e para Copacabana, enquanto DCyi e seu violão voltavam com sucesso para as boates do famoso bairro. Mesmo bastante curta, a temporada na capital paulista trouxe ao compositor-poeta a composição que se tornaria um de seus maiores sucessos: “Maracangalha”, composta em seu apartamento em São Paulo, enquanto se lembrava de seu colega de infância Zezinho, que costumava dizer “Eu vou pra Maracangalha”. O samba foi gravado no Rio em 1956, quando fez estrondoso sucesso. Com os lucros dos direitos autorais, foi construída uma casa na estrada Rio-Petrópolis, que foi batizada com o nome da cidade baiana que inspirou a canção. No mesmo ano de 1957, enquanto seu samba “Saudade da Bahia” estourava, DCyi fez uma temporada em Portugal, acompanhado de uma comitiva que contava com Odorico Tavares e Dóris Monteiro. (Informação verbal)²⁶

O ano de 1958 marcou o surgimento da Bossa Nova, com o lançamento de “Chega de Saudade”, disco de João Gilberto com arranjos de Tom Jobim e que contava com a canção Rosa Morena, de DCyi. O compositor-poeta foi indicado como uma das grandes influências do movimento que rompia com as canções que faziam sucesso no rádio até então. Dcyi era amigo de Tom Jobim e admirador da bossa de João Gilberto, que por sua vez era bastante amigo da família, principalmente da esposa do compositor.

²⁶ Entrevista concedida por TAL, Fulana de. Entrevista I. [dez. 2014]. Entrevistador: Vagna Felício. Rio de Janeiro, 2014. 1 arquivo .mp3 (60 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

Com o surgimento do novo estilo, a geração de DCyi perdeu progressivamente espaço na televisão e no rádio, embora DCyi tenha sido um dos músicos que menos sentiu os efeitos da ruptura.

Veio a década de 60 que iniciou lucrativa para DCyi, com a gravação de dois LPs: Caymmi e Seu Violão e Eu Não Tenho Onde Morar, ambos lançados pela Odeon. O segundo LP marcou a estreia de sua filha, Nana Caymmi, que gravou Acalanto acompanhada pelo pai (CARVALHO, 2010, p. 1).

A década de 70 foi de vários sucessos e homenagens para o cantor-compositor. Mudou com a família para Salvador, com o apoio do governador da cidade e dos amigos soteropolitanos. Nessa década, quando DCyi e a esposa passaram a frequentar os candomblés do Gantois e o Ilê Opô Afonjá, que o músico compôs a canção Oração de Mãe Menininha, que fez bastante sucesso. Em 1975 um novo sucesso, a música Modinha de Gabriela, gravada na voz de Gal Costa. A canção havia sido composta especialmente para a novela Gabriela, baseada no romance do amigo Jorge Amado, Gabriela, cravo e canela. Em 1979 ele realizou na Bahia o ovacionado show Caymmi em Concerto, dirigido por Hemínio Bello de Carvalho.

Na década de 80 o compositor baiano realizou viagens ao exterior, em Angola, apresentou-se ao lado de outros músicos brasileiros como Chico Buarque, Clara Nunes e Conjunto Nosso Samba, e para a Martinica, onde realizou apresentação individual. Em 1983, chegou a vez da Itália, onde apresentou-se em Roma no Festival Bahia de Todos os Santos. Ao retornar ao Brasil, o compositor-poeta recebeu o Prêmio Shell de Música Brasileira, pela sua obra e carreira artística. Em 1984, ano de comemoração de 70 anos de Dorival, foram realizados inúmeros shows e homenagens. Em Salvador e na Bahia, além dos shows do Festival Caymmi, o compositor-poeta recebeu o honroso título de Doutor Honoris Causa pela Universidade da Bahia, na capital fluminense, o título de Cidadão Honorário (STELLA CAYMMI, 2014, p.351).

Ainda no Rio de Janeiro foi realizada uma nova exposição de suas pinturas, desta vez na Galeria da Funarte. Em São Paulo, um show, organizado pela Funarte, reuniu os filhos do casal Caymmi: Dori, Danilo e Nana, em homenagem ao pai. No exterior, o músico foi comemorado na França, quando participou do Festival de Nice e foi condecorado no Palais Royal pelo ministro da Cultura da França. No ano de 1986, DCyi foi homenageado na Marquês de Sapucaí, a Estação Primeira de Mangueira, Escola de Samba do coração do compositor-poeta, escolheu o baiano como tema para o desfile daquele ano.

A década de 90 trouxe para Caymmi a tranquilidade de um aposentado, se revezava entre suas residências no Rio de Janeiro, Rio das Ostras (RJ) ou em Piqueri (MG), sempre se dedicando à pintura e leituras diversas. Acreditava que ainda não era tempo de deixar de se apresentar. Nos shows, era quase sempre acompanhado pelos filhos Nana e Danilo, de vez em quando por Dori, que morava nos EUA.

A apresentação no Festival de Montreux em 1991 foi um sucesso, assim como o lançamento do *Songbook* de Dorival Caymmi em 1993. Os oitenta anos do compositor foram comemorados com diversos shows e homenagens em 1994. As celebrações da exitosa carreira do músico baiano se estenderam anos dois mil adentro. Em 2006 DCyi recebeu o Prêmio Nacional Jorge Amado de Literatura e Arte.

O compositor-poeta faleceu no dia 16 de agosto de 2008, no Rio de Janeiro, aos 94 anos, vítima de um câncer renal descoberto em 1999. Stella, companheira de DCyi durante 68 anos, estava mal de saúde, internada em abril daquele ano, condição que teria perturbado Dcyi emocional e fisicamente.

Seu corpo foi sepultado no cemitério São João Batista, próximo à sepultura de Carmen Miranda, intérprete que o compositor ajudou a consagrar.

Genuinamente plausível existe no Leblon uma rua com o nome do músico, que foi o baiano mais carioca que o Brasil já viu (FREIRE, 2008, p.1).

Rua Dorival Caymmi, 1914 – 2008, Cantor e compositor brasileiro. Leblon.

Figura 8- Placa em homenagem a Dorival Caymmi.



Foto: Vágna Felício

Merecidamente, DCyi recebeu e recebe várias homenagens, de diversas formas, algumas marcantes, como alguns meses após sua morte, DCyi ganhou uma estátua, feita em bronze, medindo 1,80m pesando cerca de 300 kg, esculpida por Otto Dumovich, inspirada numa fotografia de Evandro Texeira, localizada no calçadão de

Copacabana, Posto 6, na altura da Rua Francisco Otaviano, vizinha da Vila dos Pescadores, uma maneira fiel de homenagear aquele que foi um cantor, compositor-poeta, violonista, pintor e ator. Em 2011, o jornalista Ancelmo Góis escreveu para o jornal O Globo(2011)²⁷,

A Prefeitura retirou ontem a estátua de bronze de Dorival Caymmi do calçadão de Copacabana. Não se trata, naturalmente, de ação política como a que levou o novo governo da Líbia a derrubar a estátua de Kadafi. Caymmi é do bem. Tanto que, hoje mesmo, uma outra escultura do gênio baiano da música estará no lugar. A troca foi iniciativa do próprio Otto Dumovich, artista que esculpiu a obra, em 2008. “Pedi para fazer outra”, diz. “Não gostei do resultado da primeira. Eu tinha feito com muita pressa, e pressa não era com Caymmi.” Dumovich espera que o público goste do novo Caymmi, “mais magro e mais feliz” (GOIS, 2011, p.1).

Lembrando artisticamente como dedicado e preguiçoso, o baiano e brasileiro exemplar, homem simples, sensível, que dedicou sua vida à música e à felicidade, a jornalista Míria Gimenes relatou em uma de suas colunas,

o pintor de notas musicais, como definiu sua neta Stella, a vida existe para ser celebrada. O seu fim não tem de ser criticado. Mas, como dizia à mulher, é o curso. Além de seu legado artístico, fica a receita de sua longevidade: “Gostar de si mesmo, sem egoísmo. Apreciar as pessoas em volta. Cuidar da saúde mental e física. Gostar dos seus horários. Não ficar melancólico, mas guardar na lembrança as melhores coisas da vida. E não abrir mão de ser feliz. A busca da felicidade já justifica a existência”. Como afirmou quem teve a oportunidade de vivenciar a intimidade do baiano – dá para entender por que Tom Jobim gostava de ouvir sua sabedoria –, Caymmi fez valer esta declaração até o último suspiro.

Gostar de si mesmo, sem egoísmo. Apreciar as pessoas em volta. Cuidar da saúde mental e física. Gostar dos seus horários. Não ficar melancólico, mas guardar na lembrança as melhores coisas da vida. E não abrir mão de ser feliz. A busca da felicidade já justifica a existência. (GIMENES, 2014, p.2).

O estradar apresentado em sua trajetória, representa um homem possuidor de arte nas artérias, as obras caymmianas refletem o cotidiano, nos direcionando o compreendermos o caminho percorrido por DCyi, bem como as suas ideologias e atitudes.

Através da história de vida expressa e documentada, temos a possibilidade de compreender os significados atrelados a suas memórias.

²⁷ Este texto foi retirado da URL, disponível em:
<http://oglobo.globo.com/rio/ancelmo/posts/2011/11/22/as-fotos-de-hoje-417809.asp>.

Não trabalharemos, nesta dissertação com o conceito de memória, porém, é importante assinalar que, este discurso sobre arquivos envolvendo, inclusive, a noção de memória como dado flexível privilegiada na arquivologia é abordado em outras esferas, sobre esse contexto Miranda Netto (1982, p. 378) reflete,

Mas não é apenas nas células do ADN que existem arquivos. Também o sistema nervoso do homem é um arquivo. A pitoresca locução ‘fulano é um arquivo’ tem, pois, sua contrapartida em nosso organismo. A memória humana está organizada em fichas e pastas que são os neurônios, onde se grava tudo o que acontece na vida, o despertar da consciência. Dizem os dicionários que ‘memória’ é a faculdade de reter, conservar e readquirir ideias, impressões, imagens e conhecimentos obtidos anteriormente. Exatamente como no arquivo. Em alguns indivíduos, a recuperação se faz facilmente, são as chamadas memórias de elefante ou de anjo, em outros a recuperação se faz lenta ou imperfeitamente, são as memórias de galo. Mas sempre haverá o arquivo completo de toda a vida, utilizável ou não segundo a qualidade da memória.

O corpo como metáfora da memória mostra-se ainda ilustrativo daquilo que alguns a reconhecem no âmbito da qual os arquivos estariam localizados.

Quando se fala em memória, num sentido figurado, quando se empresta a idéia de memória a um fato qualquer, em geral há uma tendência a se tomar isso como ‘juntar’ ou ‘guardar’ alguma coisa, ‘reter’. E isso me parece insatisfatório, eu prefiro o conceito biológico de memória: guardar, reter, para em seguida mobilizar e devolver”. (MAGALHÃES, 1985, p.67).

Dessa forma, Le Goff (1984) sugere algumas proposições a respeito da memória: sua crucialidade, expressa em noções que se remetem mutuamente: tempo e espaço, suporte e sentido, memória individual e coletiva, tradição e projeto, acaso e intenção, esquecimento e lembrança.

Pensando sobre memória que permeia arquivos pessoais, assim, não seria o bastante ligar ao sujeito, mas sobretudo ao sujeito, para Nora (1993, p.15), a memória verdadeira, transformada por sua passagem em história, dá lugar a uma memória arquivística, isto é, à criação Célere e grandiosa do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar.

Afirma nessa perspectiva Le Goff (2003) diz, a memória é a capacidade que o homem tem de reter os fatos e as experiências vividas no passado, e dessa forma, transmiti-los para as novas gerações, podendo assim fazê-lo através dos mais variados suportes, tais como a voz, o livro, a música, um objeto pessoal, entre outros “A memória, portanto, representa a conservação de informações individuais ou coletivas de

determinados fatos, acontecimentos, situações, reelaborados constantemente” (LE GOFF, 2003, p. 423) também percebe a memória como uma representação das experiências vividas pelos homens, enfatizando nesse contexto social.

Lembramos que a memória de DCyi, compreende uma reflexão sobre o homem culto e capaz da mais difícil das artes misturando leveza e sofisticação. Com nitidez, o algoritmo descrito em suas canções é composto exatamente deste aparente paradoxo, conforme mais simples mais princípios elementares eram agregados, portanto nascia a mais verdadeira manifestação de criatividade. Não há nada mais simples que a perfeição.

Acreditamos que sua ligação com a Bahia e o mar talvez seja a mais expressiva marca de sua vida, não sabemos se temos a competência em preservar as belezas musicadas por DCyi. A Bahia está viva, sabemos, o que nos deixa dúvidas é se o mar quando quebra na praia ainda é bonito de ver. DCyi, como se vê, não é referência do que passou, mas do que nos cabe fazer para continuar a merecer suas canções.

4.2.1 Incursão ao apartamento-museu

Motivadas em canções embaladas nas ondas do mar iniciamos nossa excursão ao arquivo pessoal de DCyi, seguimos com o intuito de escavar, descortinar, com objetivo de verificar os documentos que o compõe, que representam os vestígios de sua vida, guardados em sua residência, desvelando sua intimidade.

O acesso ao arquivo pessoal foi garantido pelo seu filho Dori Caymmi, ao pisar no apartamento localizado na Avenida Copacabana número 1098, fomos invadidas por uma energia singular, passamos a perceber aquele lugar enquanto espaço confessional, vivo, capaz de revelar informações que nos remete ao passado, ao tempo em que nos permite reconstruir a trajetória de DCyi.

Figura 9- Interior do apartamento-museu de Dorival Caymmi.



Fonte: Arquivo pessoal de Dorival Caymmi. Fotos: Vágna Felício

No primeiro instante procuramos compreender a lógica do acervo disponível naquele espaço, composto por móveis, pinturas, partituras, documentos iconográficos, textuais e biográficos.

Observamos todo o acervo num contexto de apartamento-museu, aderimos aqui a essa terminologia por se tratar de um ambiente onde há transmissão de conhecimento e valorização do conjunto documental e de informações essenciais que possuem o local onde viveu o compositor-poeta. Vale ressaltar que estamos adaptando um conceito existente em Portugal, o de casa-museu²⁸ tão bem apresentado por Ponte (2007, p. 23).

Em Portugal, considera-se a casa histórica como uma estrutura relacionada com alguma figura pública de relevância nacional, regional ou local, ou com algum acontecimento da história do país ou de um determinado local, sem que, contudo, tenha implícito o trabalho e a função museológica. Não tem inclusivamente de estar aberta ao público. A casa histórica pode evoluir no sentido da casa-museu, pois que ainda não o é. Recentemente, foi possível verificar esta situação, quando se levantou a questão da demolição da casa de Almeida Garrett, em Lisboa. Este imóvel tem interesse histórico, uma vez que esteve, de facto, relacionado com uma das maiores figuras da literatura portuguesa, não sendo, contudo, uma casa-museu, uma vez que nele não se cumprem os requisitos para tal.

²⁸ Termo comumente utilizado em Portugal; apartamento-museu, com base no conhecimento acerca do conceito de casa-museu, adaptamos a este trabalho; alguns exemplos de casa-museu em PT: casa-museu Miguel Torga; casa-museu Abel Salazar; casa-museu José Régio.

António Ponte, ainda descreve com maior clareza as diferenças entre casa-museu e casa histórica, onde afirma que as casas históricas só devem ser consideradas como casas-museu se práticas museológicas forem praticadas no seu interior, e não apenas por constituírem exemplos históricos de residências. Afonso e Serres (2014, p.3) em um de seus artigos esclarecem que:

Casas Históricas, Casas-Museus, ou Museus-Casas como são amplamente conhecidas no Brasil, desvelando aspectos da sua gênese e singularidades enquanto instituição de guarda e locais de memória. Este gênero museal começou a ser amplamente difundido desde o ano de 1998, com a criação de um comitê Conselho Internacional de Museus, o DEMHIST - Comitê Internacional para os Museus de Casas Históricas. O DEMHIST é responsável por auxiliar na institucionalização e gestão desta categoria de museu, a qual abriga registros de uma memória social sempre representada por um (a) personagem de destaque para uma comunidade, independente da sua condição social.

Não cabe aqui discutir tal conceito. Apenas a partir desta perspectiva a casa, neste caso o apartamento, não é mais apenas um objeto arquitetônico, nem um objeto cultural. O apartamento se “transforma em continente de um conteúdo, em suporte de um significado maior” (HORTA, 1997).

A particularidade simbólica do espaço de um apartamento-museu estimula o visitante a investigar os objetos expostos, de uso íntimo, de uma determinada personalidade, referências que remetam às suas próprias lembranças.

Sentimos no apartamento-museu, onde DCyi habitou durante alguns anos, uma energia carregada de ternura, ao olhar o mobiliário, cantos, portas, quadros a partir da observação deixamos para trás lembranças que precisam do titular do ambiente para procurar reviver, conjuntamente com um dos moradores do apartamento, seu filho Dori, que hoje, frequentemente, já não ocupa mais seus cômodos, mas as suas memórias, os seus modos de viver estão presentes e vivos na organização do local e nos objetos e relíquias, a exemplo do seu próprio violão autografado, que muitas vezes se encarregam de contar a temporalidade caymmiana.

Figura 10- Pertences de Dorival Caymmi.



Fonte: Arquivo pessoal de Dorival Caymmi. Fotos: Vágna Felício

Fomos tomados por sensações que remetem lembranças riquíssimas, talvez impossíveis de serem despertadas em outras tipologias documentais. O apartamento-museu possui aspectos que são peculiares da sua vivência. Assim, percebemos que as nossas memórias não são próprias diante desta vivência, mas são, no momento da visita, incorporadas às lembranças do titular.

[...] quando se entra numa casa-museu, para além dos sistemas de vida doméstica, observando os objectos na sua forma original ou próxima dela, penetra-se diretamente na intimidade de alguém, uma pessoa muitas vezes introvertida e que nunca pensou neste espaço para ser fruído por estranhos. [...] A memória pessoal, reflectida no espaço privado, transforma-se em memória colectiva, o espaço pessoal trona-se espaço público, procurado por quem pretender chegar ao íntimo de uma certa personalidade (PONTE, 2007, p. 26).

Antes mesmo da entrevista verificamos a disposição dos objetos que compõem o cenário do apartamento-museu, suas características, exclusivas do titular. Trata-se de intimidade da identidade de cada um da família, revelando-se nos pequenos detalhes, notados ainda na entrada da casa.

Um apartamento-museu nos leva a uma experimentação ímpar, que pode ser sentida, tendo em vista que a residência é o “local de nossas delícias e servidões, de nossos conflitos e sonhos; o centro, talvez provisório, de nossa vida” (PERROT, 2012, p. 7).

Portanto, é relevante a contribuição de Ponte (2007) para o processo de categorização mundial das casas-museu, aqui apartamento-museu, são as classificações regionais que se encontram em expansão. Assim, notamos a pesquisa de António Ponte (2007), a qual entende que as classificações elencadas pelo Comitê Internacional para os Museus de Casas Históricas (DEMHIST) não correspondem à realidade portuguesa, e cria a sua própria classificação para as casas-museus de Portugal. Fundamentado na análise das tipologias existentes em seu país, Ponte (2007, p. 127) institui quatro tipos de classificações de casas-museus:

Casa-Museu Original: Casas-Museu que se localizam no edifício onde residiu o personagem homenageado, por um período de tempo mais ou menos longo. Ela deve preservar o mais fielmente possível a estrutura da casa, assim como a exposição dos objetos de cunho pessoal; Casa-Museu Reconstituída: Instituições que podem ou não localizar-se no edifício original de vivência do homenageado, desde que sejam reconstituídos os ambientes e a decoração original da época de vida dos habitantes; Casa-Estética / Coleção: Casas-Museu q que têm como objetivo homenagear um personagem através das coleções que o homenageado reuniu durante a sua vida. São localizadas nos espaços de vivência do homenageado, sendo que a tônica principal não é posta no conhecimento da personalidade do patrono, mas sim em suas coleções; Casa-Museu de Época “Period Rooms”: Instituições que se organizam nos espaços originais de vivência, ou recriam espaços íntimos do quotidiano do patrono, ou ainda recorrem às coleções ou acervo do homenageado, mesmo que sem referências pessoais específicas. A exposição é organizada com o objetivo de transmitir conhecimentos sobre tipos de decoração ou formas de vida em determinada época.

O reconhecimento da singularidade que compõe uma casa-museu sustenta a gestão e preservação, sendo o agrupamento destes locais um dado relevante para viabilizar estas ações.

Assim, a especificação de apartamento-museu abre um leque para debate entre pesquisadores e gestores, com o objetivo de compartilhar e fomentar métodos de resolução de pendências existentes nestas.

Ao observarmos o arquivo em foco, entendemos que as contribuições de Dcyi para a história da música remetem a uma visão, um olhar crítico, sempre atualizado, não apenas em relação à crítica musical, mas também no que diz respeito ao seu próprio modo de ver a vida. Entretanto, pela vasta quantidade de documentos autobiográficos que estes arquivos possuem, eles também podem ser considerados como uma “produção do eu”.

Segundo Heymann (1997), sobre o processo de acumulação, é necessário que se desnaturalize a identificação entre o arquivo pessoal e a memória/trajetória individual desde os primórdios da acumulação, pois nem todos os momentos ou atividades a que o titular se dedicou mereceram igual investimento quanto à seleção e à guarda de seus registros. Assim,

[...] quando acumula, o titular o faz em diferentes situações, muitas vezes contraditórias, de uma forma que não é evidente no momento mesmo da acumulação. Trata-se, assim, de uma memória particularmente propícia à implosão do indivíduo único e coerente das narrativas autobiográficas, ainda que muitas vezes representativa de um esforço semelhante de produção dessa unidade (HEYMANN, 1997, p. 46).

Ainda segundo a autora, do mesmo modo que as biografias estão sujeitas a revisões e reinterpretações, as autobiografias também, pois estas se apresentam, muitas vezes, como “provisórias”, de maneira a garantir aos indivíduos a possibilidade de se redefinirem em outro momento. Desse modo, o processo de acumulação e organização dos registros documentais presentes nos arquivos pessoais pode ter passado por diversos critérios que podem variar segundo avaliações táticas do tempo presente relativas a projetos significativos em algum período para o titular, ou de suas posições sociais ocupadas (HEYMANN, 1997).

Alguns estudos já realizados mostram como um arquivo pessoal pode demonstrar o interesse de seu titular em construir uma imagem conforme seus interesses.

Este é o caso do arquivo pessoal de DCyi. Neste arquivo, encontram-se documentos de autoria do próprio titular, referentes ao planejamento e à organização de seu cotidiano, além de diversos fragmentos de composições que foram produzidos simultaneamente à sua construção sendo considerada um projeto autobiográfico. “[...] a maneira como seu arquivo foi construído, revela uma tentativa de dar coerência e estruturar seu eu, sua imagem” (FRAIZ, 1994, p. 8).

Figura 11- Estante contendo livros e partituras e documentos pessoais de DCyi.



Fonte: Arquivo pessoal de Dorival Caymmi. Foto: Vágna Felício

Um lugar fascinante, munido de objetos pessoais, coleção de livros, diversas telas, fotografias, conjunto documental, cheio de emoções e marcado por uma temporalidade pode afirmar que encontramos uma imensidão de fonte de informação, que traz consigo o contexto memorial relacionado por meio da vida e obra do titular.

Encontramos a possibilidade de vir a perceber um determinado período histórico à sociedade nele compreendido, importando referências a outros espaços, tempos e significados numa contemporaneidade que é a do apartamento-museu.

Figura 12- Telas expostas na sala do apartamento-museu.



Fonte: Arquivo pessoal de Dorival Caymmi. Foto: Vágna Felício

Notamos que em seu acervo o compositor-poeta acumula telas inéditas, de grande valia, alguns primeiros traços de suas obras, cadernos, agendas, livros raros, a exemplo da primeira versão de Cancioneiros da Bahia, obra que tenta ser o primeiro registro da memória de DCyi, segundo entrevistado A, com relação ao registro de homenagens e títulos todos estão sob guarda da família, embora digitalizados no site do IACJ.

Figura 13- Recorte de Jornais.



Fonte: Arquivo pessoal de Dorival Caymmi. Foto: Vágna Felício

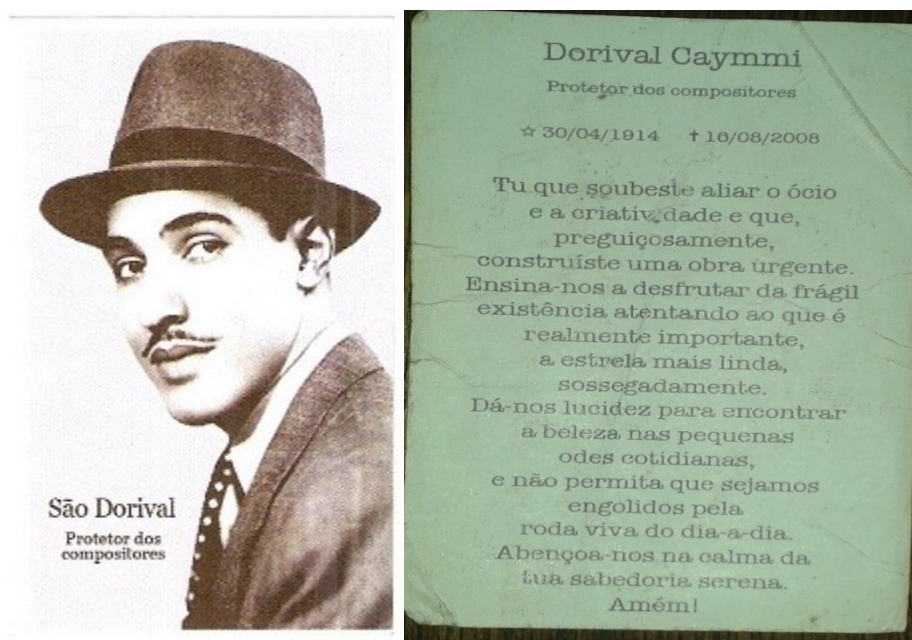
Os recortes de jornais, estão guardados por ordem cronológica, de acordo com os anos de sua publicação. Na composição dessa documentação verificamos matérias publicadas em jornais do Estado da Bahia e do Rio de Janeiro, muito significativo para DCyi, hoje Dori Caymmi, revela que sente muito não ter como salvaguardar esse material, “ tudo isso é jornal (separei porque acaba amarelando) aqui é a parte da Bahia no Bomfim, aqui ... Estado do Rio de Janeiro, festival vale do café, fizeram uma estatueta dele na cadeira de balanço” no apartamento-museu, percebemos a ausência de um arquivista para organizar esses documentos. Fomos revendo seus pertences e ouvindo suas histórias, sendo contadas pelo e através de seu arquivo. Primeiro,

a preocupação que papai tinha, no duro, no duro, ele guardava as coisas e era muito difícil de achar por que ele trancava tudo então a gente nunca teve muito acesso a certas coisas, mais tarde começamos a descobrir coisas que ele escreveu, a partir do arquivo, a partir da memória dele, porque ele era um sujeito que pegava uma agenda, por

exemplo, e não era um simples ... não fazia a agenda como um profissional faz uma agenda, a agenda dele, ele dizia assim: hoje eu acordei e pensei que Stella fosse fazer uma compra mas ela não foi...depois em baixo ele escrevia: recebi um cachê da TV Tupi ... ele começava a anotar... Dori foi no médico e teve que operar o apêndice, estavam presentes fulano, cicrano e beltrano... aí no meio disso tinha assim ... é ... quase todas as letras e músicas de 1947 escritas a mão por ele. (Informação Verbal, 2014)²⁹

Segundo, nos deparamos com uma homenagem singela como relatou sua nora, há um “ caso muito engraçado na Holanda um fã de seu Dorival teve Gêmeos e colocou o nome dos filhos de um Dorival e o outro Caymmi” ainda verificamos santinhos guardados pela atriz Fernanda Montenegro, que “canonizou” DCyi, transformando-o no “santo protetor dos compositores” há uma no verso do santinho a oração a Dorival Caymmi.

Figura 14- Santo Dorival Caymmi.



Fonte: Arquivo pessoal de Dorival Caymmi

Com relação a seu arquivo físico, embora não seja objeto deste estudo, o contato com esses documentos foi essencial, por nos apresentar quase um século de sua grande parte, de expressão artística, manifestada em pinturas, partituras e toda mobília e objetos pessoais, ora encontrados em sua “memória materializada” Duarte (2005).

²⁹ Entrevista concedida por A, Entrevistado. Entrevista I. [dez. 2014]. Entrevistador: Vagna Felício. Rio de Janeiro, 2014. 2 arquivo .mp3 (30 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

Após essa viagem no mar de DCyi, partimos para a entrevista, onde percebemos segundo Duarte (2005), que a pesquisa em arquivos pessoais possibilita melhor rastreamento do percurso de vida construído, vivido ou resgatado pelo titular, caracterizado também pela busca de suas próprias origens (DUARTE, 2005, p. 74:75).

Com bastante presteza e cheio de orgulho o entrevistado A, nos esclareceu que por Stela Caymmi, foi ecoada a importância que Caymmi teve e tem para o nosso país, ele se intitulava um homem feliz e comum, que tem em seu pensamento, obra e vida a legitimação necessária para a preservação de sua memória.

O centenário de DCyi, um baiano que passou a vida celebrando a Bahia e o Brasil. DCyi conta a sua história, através das grandes canções, apesar de não ter uma discografia extensa, é o autor de algumas das maiores obras-primas da música brasileira como: “Eu não tenho onde morar”, “Dora, Acalanto” e “O que é que a baiana tem?”, entre outras.

Em entrevista ao Expresso Lisboa (1990)... Caetano Veloso disse: escrevi 400 canções e Dorival Caymmi 70. “Mas ele tem 70 canções perfeitas e eu não.”

O compositor-poeta esperava que a canção se completasse por si mesma. Compôs 101 canções em mais de 70 anos de trabalho e suas composições consistem basicamente em contemplar a beleza do mundo.

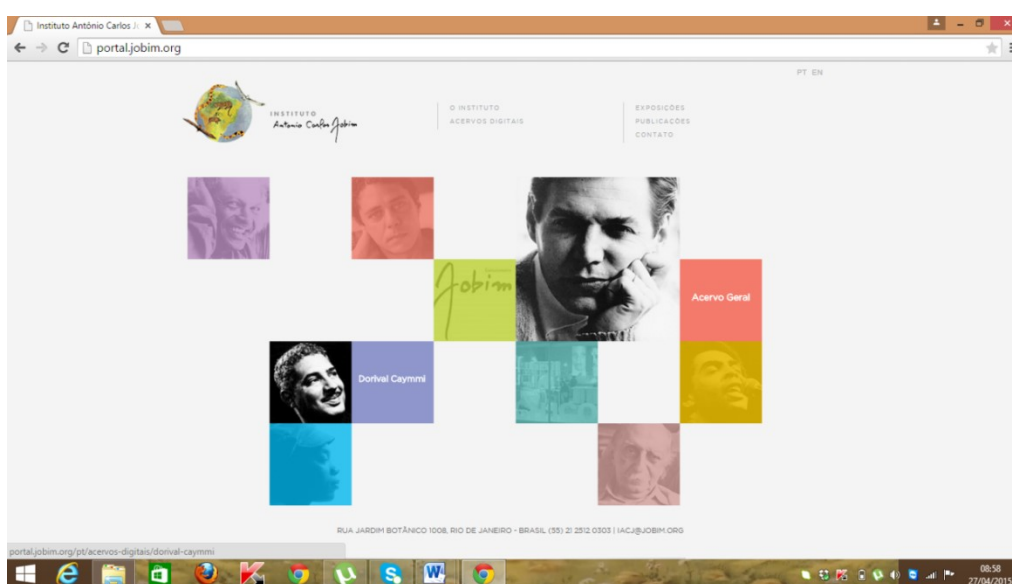
Mostra-se ser um preguiçoso incorrigível, o orgulho dos registros de sua produção musical, nos leva a afirmar que há uma divisão entre o antes de DCyi e depois de DCyi na vida do nosso país, o que é mais gratificante, sem que ele fizesse esforço para isso. E é salutar que assim seja, pois, muito a sociedade ganhou com essas fontes inestimáveis que são os registros pessoais de DCyi, todos eivados de uma imprescindível sinceridade.

Portanto, os arquivos de DCyi, nos apresentam uma leitura de mundo feita por ele, todavia, suas canções e obras comprovam tudo que observamos em sua arte, são documentos produzidos junto a suas obras, complementando seu acervo, apresentando o entrelace com seu titular e revelando seu olhar do mundo exterior e do seu interior, sendo sua própria alma representada em seus pertences.

4.3 INSTITUTO ANTONIO CARLOS JOBIM: GALERIA DIGITAL

O Instituto Antônio Carlos Jobim (IACJ) está localizado no Espaço Tom Jobim, dentro do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Além do acervo pessoal físico e digital de Tom Jobim, o instituto também abriga os acervos de personalidades como, Lucio Costa, Dorival Caymmi, Chico Buarque e Gilberto Gil, Milton Nascimento e de Paulo Moura, resguardando os originais do artista a fim de que as futuras gerações possam da mesma forma, ter o privilégio de conhecê-los.

Figura 15 - Portal do Instituto Antônio Carlos Jobim



Fonte: <http://www.jobim.org/>

A informação contida nos Institutos de Memória vai além das registradas apenas como documentos, de acordo com Bellotto (2007, p. 183):

Se considerarmos com maior abrangência, analisando-a como transmissão cultural, lançada para o futuro através de diferentes documentos grafados em diferentes suportes, ela pode significar muito mais, quando aliada a outros dados/informações oriundos de campos não-arquivísticos.

Isso se dá pelas informações complementares, que escapam do domínio da arquivística, fazendo sentido em conjunto com outros registros. Seus dados biográficos, por exemplo, são fundamentais neste caso. Ainda segundo Bellotto (2014, p.108),

[...] interdisciplinares por excelência, dando motivos a infinitas abordagens e olhares, os arquivos pessoais não tinham

merecido, até duas ou três décadas atrás, a devida atenção no que diz respeito à sua existência, rastreamento, organização e divulgação, nem tinham sido objeto de pesquisa como poderiam e deveriam ser. Hoje a situação é bem outra. Com os arquivos pessoais inspirando e documentando trabalhos acadêmicos e de ficção (literatura e cinema), dando origem a exposições e motivando a publicação de instrumentos de pesquisa, assim como a realização de um seminário do porte deste, estão demonstradas a dinamização e o crescimento dos recolhimentos, da organização e da disponibilização dos documentos de origem privada em entidades especializadas públicas ou particulares.

Os AP são constituídos por uma extensa sucessão de publicações e suportes, variando de itens textuais, manuscritos ou editados, até peças tridimensionais. Portanto, Antônio Carlos Jobim, apaixonado pelos amigos e pelo Jardim Botânico, teve a ideia de construir um local público para abrigar a sua memória e dos seus, assim, seu nome tornou-se sinônimo de preservação do patrimônio ecológico e cultural do país, desde a criação do Instituto, em maio de 2001. Em referência a ideia de local público para hospedar memória, Heymann (2005, p.48), ainda suscita uma importante questão:

A criação de uma instituição desse gênero pode ser vista como um passo estratégico no processo de monumentalização da memória de seu patrono, seja ele seu instituidor, como no caso em questão, seja a instituição produto da ação de herdeiros, após a morte do titular. Nesse último caso, em geral, a justificativa manifesta da instituição é resgatar, preservar e divulgar a memória do personagem, constituindo-se em um espaço para a evocação de sua imagem e atualização de sua trajetória, lembrada e ressignificada em trabalhos acadêmicos, exposições, eventos e comemorações. O acervo do titular, por meio desse processo, é aproximado da noção de legado histórico, inserindo-se no universo dos bens simbólicos reunidos sob a chancela do patrimônio ou da história nacionais.

Com esse objetivo, o IACJ desenvolve projetos de catalogação, conservação e disponibilização de acervos digitais de artistas que, assim como Tom Jobim, representam o Brasil e seus melhores valores. Reiteramos que o arquivo pessoal de DCyi encontra-se virtualmente salvaguardado, em parte, no IACJ e no MIS (ainda em construção), já documentação analógica na residência de DCyi (*in memoriam*). Não estamos em reiterar o valor histórico, literário, político e cultural dessa documentação para sociedade brasileira e internacional.

4.3.1 Arquivo de Dorival Caymmi hospedado no DSpace do IACJ

Após conhecer a vida e obra de DCyi, bem como, perceber de que forma o arquivo cumpre sua função social no IACJ, fica evidente que uma instituição desse porte deve ser estendida, à sociedade que, em sua grande maioria, encontra-se mergulhada na cultura digital, o desenvolvimento de um Instituto, seja ele público ou privado, abre uma nova e promissora oportunidade de crescimento, para os pesquisadores e para a comunidade em geral.

Por certo, esta análise traz inúmeras implicações do tratamento arquivístico em arquivos pessoais, possibilita vários questionamentos quanto a possível elaboração de normas e procedimentos para o tratamento deste tipo de acervo que auxiliem o arquivista. No entanto, este ainda é um caminho a ser pensado e discutido pela área, analisando a real aplicabilidade de tal procedimento investigativo.

De tal modo, esta investigação está diretamente conectada ao progresso de qualquer área de conhecimento, como observam Rousseau e Couture (1998, p. 277), ao afirmarem que “não há verdadeira formação, sem que esta se baseie na investigação”. Investigações sobre o campo do conhecimento de uma ciência. Com essa perspectiva a primeira Reunião Brasileira de Ensino de Arquivologia (Rebrarq), realizada em 1995, que estabeleceu, entre outras, as seguintes recomendações: a ampliação, no âmbito dos currículos de graduação e de pós-graduação, de abordagens quanto à gestão da informação arquivística no ambiente empresarial; e que “a formação de arquivistas esteja referida às demandas sociais e científicas do moderno profissional da informação” (JARDIM, FONSECA, 1999, p. 198).

Portanto, seguramente, este será um caminho a ser trilhado, possibilitando o resgate das memórias oprimidas e esquecidas nos destroços, a serem escavados, é preciso que o arquivo seja analisado com cuidado, para que não seja traçado um caminho que o titular não tenha percorrido. Por conta disso, a equipe do IACJ é bastante diversificada, é composta por músicos, pesquisadores, historiadores, designers e arquitetos, agregando qualidade à catalogação de cada acervo recebido. Segundo o entrevistado C, o IACJ “ nós montamos uma equipe, esse material não é selecionado é um fundo, a ideia de um acervo quando você começa, é justamente dar conta de tudo aquilo que você tem e disponibiliza, o que a família tem guardado e no meio do caminho vão surgindo coisas”. Ao selecionarmos parte do que foi acumulado, acreditando que essa seleção poderá ser realizada por parentes, amigos ou profissionais

capacitados,” nessa abordagem trazemos Ribeiro (1998, p.35.), “o que os arquivos pessoais podem atestar , o que o desejo de guardar os próprio documentos pode indicar, será esse anseio de ser, a posterior, reconhecido por uma identidade digna de nota”. E continua Ribeiro “nos inserimos em tudo que diz respeito de acervo pessoal, tudo que diz respeito ao indivíduo, o indivíduo é que nos interessa”.

Percebemos que esta etapa representou uma relevância imprescindível, pois serviu de base para formular as recomendações que foram propostas, direcionando todo o trabalho de organização dessas informações. De acordo com Calderon e outros (2004, p. 101) “O tratamento da informação, com finalidade de recuperação e uso, supõe conhecimento e aplicação conjunta de teoria, metodologia e prática. É necessário atenção especial no diagnóstico, na constituição, na manutenção, [...]. Todas as tentativas foram dessa teoria, redundarão em pseudo-arquivos onde tudo se acumula e nada se localiza”.

Verificou-se a falta de espaço adequado para a guarda dos documentos em questão, o acúmulo dos mesmos sem tratamento apropriado, a dificuldade para recuperação tanto no âmbito administrativo, judicial e histórico, a falta de um profissional arquivista para organizar os papéis gerados e a quantidade alarmante de cópias de documentos. “É preciso também que se tenha um planejamento de tal forma, que, mesmo uma quantidade exacerbada de documentos gerados, seja possível localizar e utilizar a informação no tempo exato e necessário para uma tomada de decisão”. (CALDERON, 2004, p.101).

A sistematização do AP do titular deve ser preservada ao máximo, garantindo que o arranjo dado pelo proprietário seja mantido. Essa organização explica muito da formação do acervo, representando o raciocínio e as semelhanças dos itens dentro do conjunto.

Segundo o entrevistado C, a retirada de um acervo não é uma simples mudança ou transporte. Quando possível deve-se representar a ordem original. Os cuidados tomados pela equipe do IACJ para o deslocamento de acervos vão desde sinalizações até formação de grupos dos itens, preservando a ordem e sequência do colecionador, além dos cuidados necessários para garantir a segurança física do transporte, muitas vezes realizados com apólices de seguro.

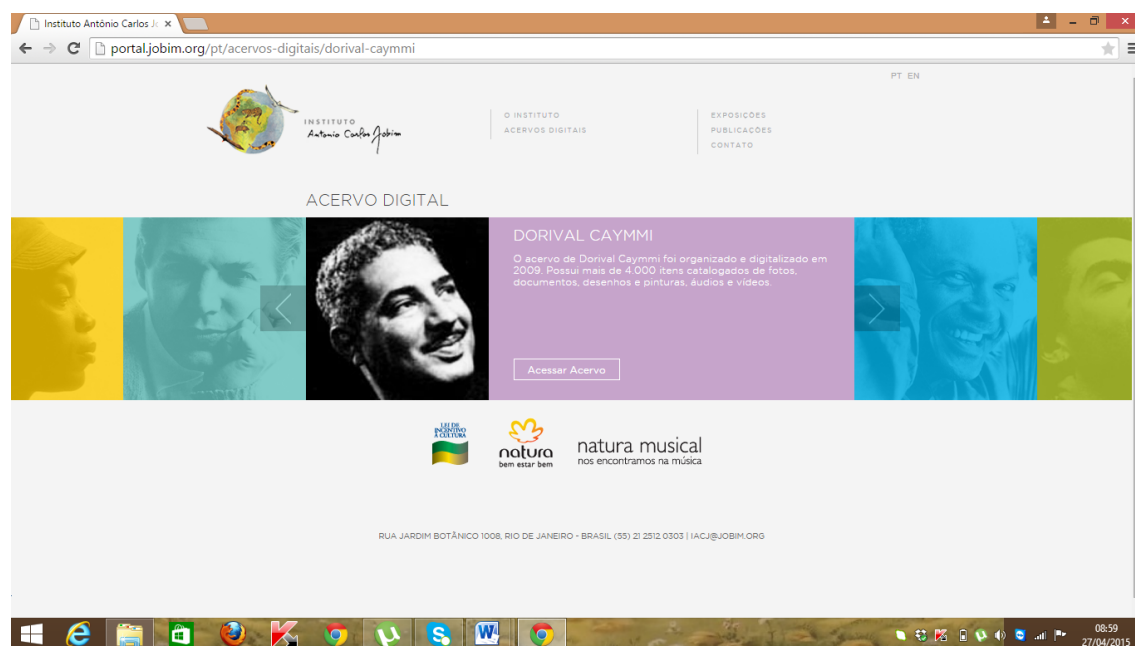
Continua o entrevistado C “não descartamos nenhum item de um arquivo pessoal, se a própria coleção tiver mais de um exemplar do mesmo item, é necessário verificar se existem anotações em um deles ou em ambos”. Eventualmente não

ocorrendo divergências, o item a ser descartado deve ser devolvido ao doador ou seu representante legal, no caso de DCyi não devolveu nada, apenas foi agregado itens ao arquivo pessoal. Segundo Duarte (2005), com o descarte de itens a “coleção perde sua unicidade e características únicas, confundindo ou até mesmo inviabilizando pesquisa a respeito do olhar do colecionador a partir dos itens presentes em seu acervo”.

O IACJ ressalta no seu banco de dados, documentos manuscritos ou dossiês e compêndios, compostos de forma única, que dificilmente poderão ser repostos caso o material seja perdido.

Por isso, em função da redução dos espaços físicos, aprimoramento da pesquisa e o desenvolvimento científico e tecnológico, seguindo o movimento geral das unidades de informação, no âmbito acadêmico, a qual organiza seus acervos, eletrônico ou digitalmente na rede mundial de computadores, buscando à preservação, acesso, uso e disponibilização dos arquivos, o IACJ disponibiliza, para seu público o AP de DCyi através da hospedagem no DSpace (*Software* de código aberto) .

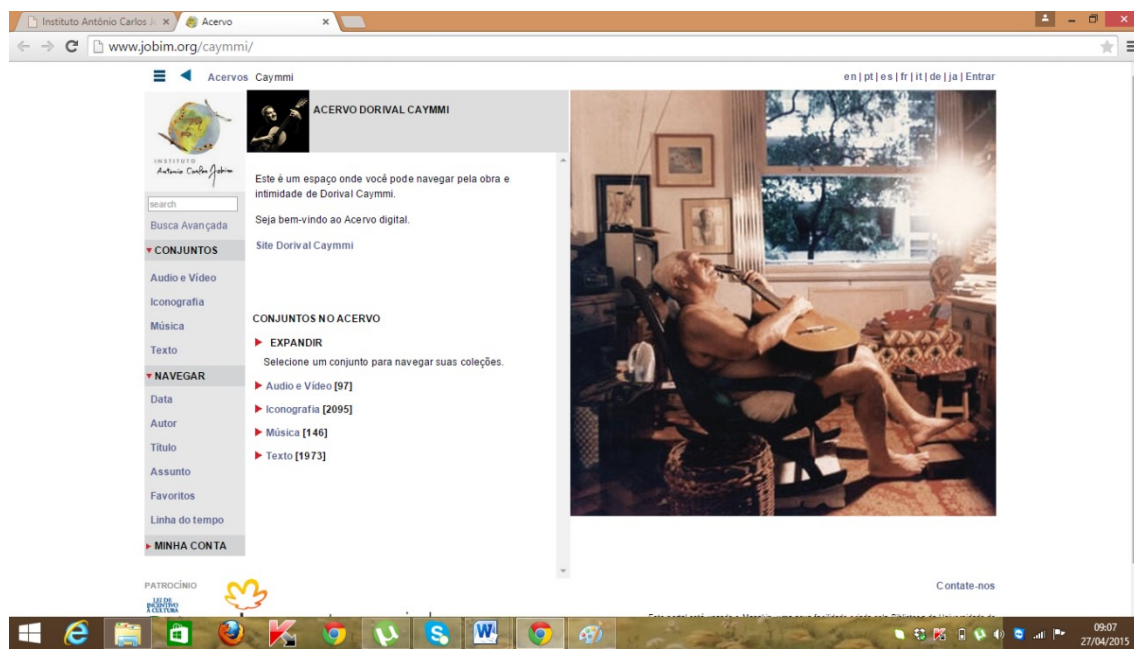
Figura 16- Arquivo digital de Dorival Caymmi.



Fonte: <http://www.jobim.org/>

Trata-se de um arquivo que tem um papel fundamental na reconstituição de fatos marcantes na vida do compositor-poeta e sua temporalidade.

Figura 17- Acervo digital de Dorival Caymmi



Fonte: <http://www.jobim.org/>

A abordagem contextual do arquivo pessoal, de DCyi favorece a aplicabilidade dos mesmos princípios para o tratamento dos arquivos das organizações e das pessoas físicas, conforme figura 16. Partindo do princípio de que a arquivística é a “ciência dos contextos e relações” (CAMARGO, 2007, p. 53), a metodologia desenvolvida procurou criar critérios e ferramentas capazes de garantir a organicidade do conjunto formado por documentos em diferentes suportes.

A partir do sistema DSpace, que possibilita gerenciar os diferentes e complexos recursos no formato digital (padrões de documentos como TIFF, AIFF, XML, ou publicados como especificações PDF, RIFF) para coletar, preservar, indexar e distribuir os itens digitais de ambientes acadêmicos, departamentos, laboratórios, institutos e programas.

Compreendido nos estudos de Andrade (2012), Murakami e Fausto (2013) e Targino, Garcia e Paiva (2014), como sendo o *software* mais utilizado, por grande parte das instituições federais de ensino superior brasileiras para implantação de repositórios institucionais. A adesão ao DSpace por parte do IACJ está apoiado na percepção do IBICT (INSTITUTO, 2010, p. 1), tal software:

[...] foi desenvolvido para possibilitar a criação de repositórios digitais com funções de captura, distribuição e preservação da produção

intelectual, permitindo sua adoção por outras instituições em forma consorciada federada. Os repositórios DSpace permitem o gerenciamento da produção científica em qualquer tipo de material digital, dando-lhe maior visibilidade e garantindo a sua acessibilidade ao longo do tempo.

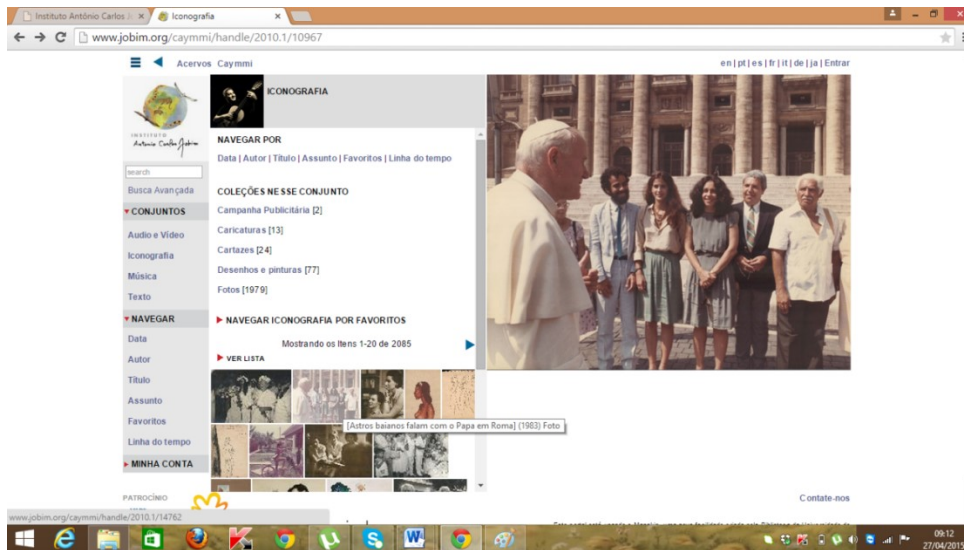
Assim o DSpace , desenvolvido pelo Massachusetts Institute of Technology (MIT) e Laboratórios Hewlett-Packard, é apropriado para a criação e desenvolvimento de bibliotecas digitais e/ou repositórios. Sua estrutura provê um modelo de informação organizacional baseado em comunidades e coleções, o qual pode ser configurado a contemplar todo o conjunto de unidades administrativas de uma instituição. Suporta os mais variados tipos de formatos de arquivos digitais, incluindo textos, som e imagem. (VIANA, MÁRDERO ARELLANO, 2006, p. 4).

Essa abordagem baseia-se no entendimento de que a maioria dos itens que integram o acervo são, em grande parte, resultado das áreas de interesse, das atividades realizadas por DCyi, constituindo, portanto, documentos arquivísticos na medida em que marcam ações ou estão vigentes no acervo em decorrência dessas atividades.

O IACJ utiliza o *software* configurado como repositório institucional de produções de caráter artístico, tecnológico e como organização científica,

A coordenação do Instituto optou pelo uso do DSpace por possuir características de *software* livre, além da arquitetura simples e eficiente, uso de tecnologia de ponta, permite o direcionamento para o acesso aberto, além de ser propositalmente montado para desempenhar a função de repositório, conforme verificamos nas figuras abaixo:

Figura 18- Acervo digital de Dorival Caymmi



Fonte: <http://www.jobim.org/>

De acordo com Leite (2012), o DSpace possui um módulo básico para estatísticas, no qual é possível observar o total de conjuntos, coleções total tornando o mais prático.

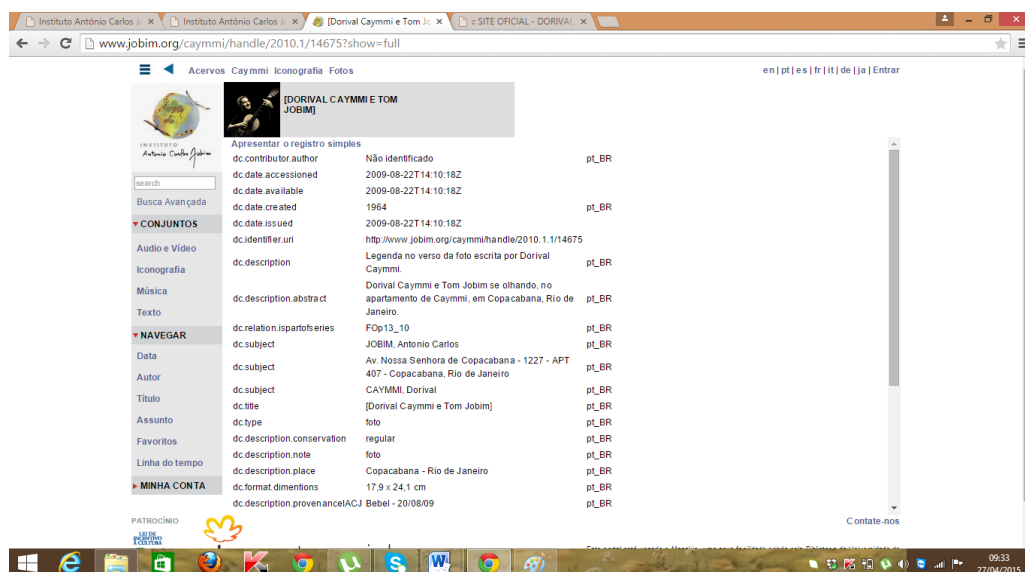
Figura 19- Acervo digital de Dorival Caymmi



Fonte: <http://www.jobim.org/>

Como preservação digital, foi compreendido o conjunto de estratégias e protocolos na unidade da informação que visam à manutenção do banco de dados e dos objetos digitais disponibilizados, devidamente formalizados.

Figura 20- Acervo digital de Dorival Caymmi



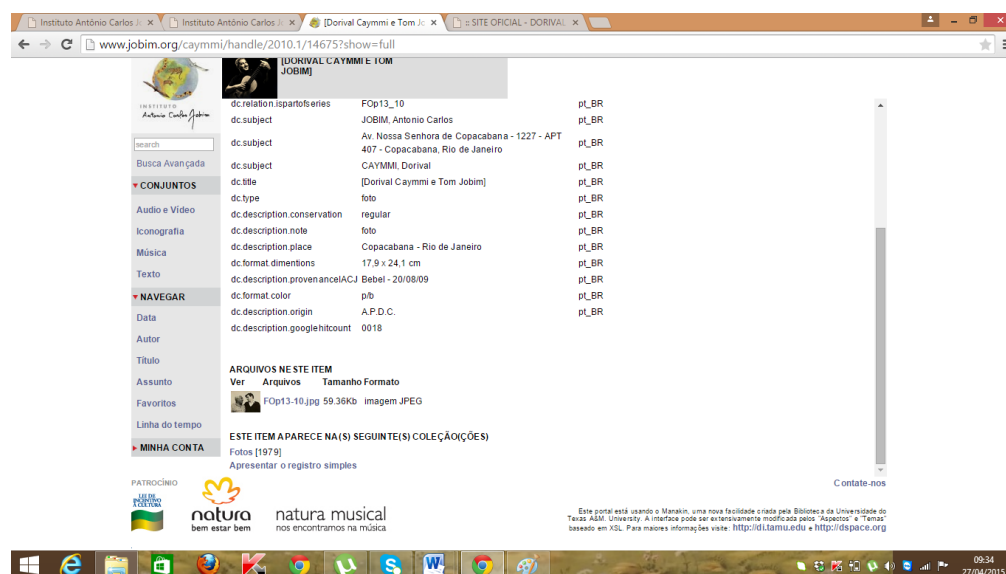
Fonte: <http://www.jobim.org/>

De maneira geral, utilizado nos repositórios, o software que pode ser utilizado livremente, alterado e compartilhado de forma modificada, ou não, assim, o DSpace é desenvolvido e representa o mais completo *software* livre para a criação de repositórios institucionais, sendo amplamente utilizado em mais de 1000 países, Conforme consta na home page do site oficial do DSpace “ open source software is a turnkey repository application used by more than 1000+ organizations and institutions worldwide to provide durable access to digital resources”.

De acordo com Kuramoto (2006), trata-se de um modelo tecnológico que possibilita a interação de vários repositórios, ou sistema de informação de forma a ampliar a divulgação de informação em modelo digital, considerando os repositórios digitais, indica o DSpace como uma das soluções de pacotes de *software* para o desenvolvimento e implantação de bibliotecas digitais e repositórios digitais.

De acordo com Fernando Leite, possui uma grande vantagem de gerenciamento, cria coleções e permite ao usuário do sistema criar e editar comunidades e coleções, classes de documentos digitais, atribuir metadados aos níveis de operação, gerencia a preservação digital de documentos, realizada por qualquer pessoa.

Figura 21- Acervo digital de Dorival Caymmi



Fonte: <http://www.jobim.org/>

Portanto, o DSpace, armazena, preserva, divulga e permite o acesso à produção artística e sociocultural do compositor-poeta. O *DSpace* aceito como protocolo para coleta de metadados, registrado como provedor de dados, parte da Iniciativa dos Arquivos Abertos. De acordo com Marcondes (2005), a vantagem do uso do *Open Archives Initiative Protocol for Metadata Harvesting - OAI-PMH* consiste em permitir a coleta automática de metadados de documentos armazenados em arquivos de publicações eletrônicas.

Os metadados, são informações sobre determinado documento digital, música, imagem etc, são coletados conforme o Dublin Core - DC (padrão internacional), pois é mais específico para informação bibliográfica, sua função é disponibilizar informações por meios eletrônicos (DUBLIN CORE METADATA INITIATIVE, 2008).

Sua influência é fundamentada pela necessidade dos documentos disponíveis estarem codificados em formatos e linguagens de marcação padronizadas, de maneira que venha facilitar a interoperabilidade, o acesso e a manutenção, a recuperação e localização eficaz do acervo digital para o usuário (BLATTMANN; WEBER, 2008, p.7).

Podemos perceber ao navegar no sítio do IACJ que a customização do ambiente online para a disponibilização do acervo, foi preciso ser adaptado para os padrões de acessibilidade da rede mundial de computadores, World Wide Web Consortium - W3C e Acessibilidade Brasil - AAA. Sem estas conversões, além da perda da utilização da

página, pela falta de funcionalidades desejadas, “elas não poderão ser utilizadas pelos softwares leitores de tela, que permitem que os portadores de deficiência consigam acessar as informações” (FREITAS, 2005, p.1150).

Entretanto, esse processo ágil e movimentado, necessita estabelecer fases, estas requerem a participação de toda equipe, funções, atividades, tarefas e prazos para abranger a implementação e desta forma atingir os objetivos propostos. Segundo Ferreira (2007, p.87) analisar e gestar o uso do *software*, capacitando a equipe com tempo para consolidar e fortalecer a infraestrutura pertinente na instituição para implantação do sistema ser essencial.

Os documentos a serem depositados no formato digital podem ser desde artigos, relatórios, manuais, normas, projetos, livros, revistas, fotografias, vídeos, entrevistas, palestras, apresentações de eventos a arquivos de áudio, desde que tenha a função de preservar a memória da organização. Neste caso, o IACJ disponibiliza os documentos do DCyi conforme tabela abaixo.

Tabela 1 – demonstrativo de parte do arquivo de DCyi no mapa do *site* do IACJ

CONJUNTOS	AUDIO E VÍDEO		ICONOGRAFIA	MÚSICA	TEXTOS
	SUBCONJUNTOS NESSE CONJUNTO				
	Discos Caymmi	37			
COLEÇÕES NESSE CONJUNTO					
	Audio	52	Campanha publicitária	Letras	1 Agendas (fechado) 0
	Vídeo	8	Caricaturas	3 Partituras manuscritas	3 Cadernos (fechado) 2
			Cartazes	4 Partituras publicadas	2 Clipagem 8
			Desenhos e pinturas	7	Correspondência 006
			Fotos	979	Documento pessoal 2
					Jornais 55
					Revistas 54
					Roteiros
itens	-	97	085	46	973

Fonte: Elaborado pela autora (2015)

O conteúdo documental do acervo está organizado em conjuntos, que são as entidades administrativas conhecidas como coleções cada conjunto contém um número limitado (por opção) de subconjuntos, cada subconjunto está sob a coordenação de uma área temática, os documentos digitais foram denominados de itens e são agrupados em Coleções. O *software* permite também um número ilimitado de coleções. Os itens encontram-se indexados seguindo os padrões já pré-estabelecidos de metadados do próprio *software*.

Entretanto, as descrições dos metadados de cada coleção foram estudadas e definidas, respeitando-se suas especificidades, formato e suporte, logo, adequando-as a sugestão proposta existente no *software* DSpace, garantindo facilidade nos momentos de atualização, *upgrade* do próprio sistema (FERREIRA, 2007, p.88).

A equipe do IACJ realizou estudo prévio referente ao tratamento dos documentos a serem depositados, buscando a preservação e organização em meio digital. A inserção e disponibilização dos conteúdos foram definidas estrategicamente em função do interesse do Instituto acordado com a família do titular do fundo.

Vale ressaltar que o *site* possui áreas restritas de acesso, onde é necessário o preenchimento do cadastro do usuário interessado, neste caso as agendas de DCyi, requerem, além do cadastro, uma autorização. Na própria plataforma DSpace há formulário modelo para solicitar tal autorização, a gestão e o acompanhamento dessas atividades no sistema são realizados pela direção do Instituto.

Através da navegação no *site* do IACJ encontramos respaldo nos itens que nos oferecem dados cronológicos e sociais, como jornais, revistas, correspondências e anotações em agendas. O acervo possui documentos não planejados, “que complementam as informações e contribuem para a compreensão dos dossiês arquivísticos” Duarte (2005, p.79). Em um universo digitalmente articulado que ubíqua computação e conectividade permanente, por meio da internet e dispositivos móveis, permitem a integração dos arquivos, observa-se que as tecnologias digitais possibilitam o compartilhamento dos espaços de arquivamento, apesar de tais espaços ainda estarem sob o controle de uma única instituição, como esse caso.

Tais tecnologias têm o potencial para permitir o armazenamento e difundir a conexão de registros, no que tange ao IACJ, esse é um fator importante a disponibilização do *site* oficial de DCyi, um espaço onde podemos navegar pela obra e intimidade do compositor-poeta, no mesmo espaço onde se encontra todo o arquivo

peçoal de DCyi. No entanto, sinalizamos para a necessidade da participação de arquivistas nesse processo de alimentação e customização do DSpace.

Figura 22- Site oficial de Dorival Caymmi



Fonte: <http://www.dorivalcaymmi.com.br/>

Os arquivistas têm que começar a pensar nos seus instrumentos de pesquisa na mesma perspectiva que os engenheiros de sistema, e tomar a iniciativa de preservar os conhecimentos por ele produzidos, Dillon (2012). A importância no ato de classificar e descrever os documentos trazendo exemplos relevantes para que se realize tal processo, como apresentado por Duarte (2005, p.57) quando menciona os princípios arquivísticos ressaltando a ordem original e ordem lógica na organização e classificação do arquivo pessoal de Godofredo Filho, a autora diz:

Encontramos no espólio de Godofredo Filho uma ordem baseada na compreensão que ele tinha de seus documentos e um manusear dos dossiês conforme sua pesquisa. Portanto, repetimos a classificação em conformidade com essa ordem.

Foi cuidadosamente observado por Zeny Duarte toda a constituição dos dossiês, sem esquecer as tipologias documentais para a compreensão da ordem original, percebemos que essa construção dá vida ao objeto observado. No livro “O espólio incomensurável de Godofredo Filho” Duarte (2005) respeita o produtor titular do arquivo, e estabelece respeito entre os conteúdos dos documentos e o instrumento de pesquisa (por exemplo catálogo), garantindo o sentido atribuído pelo titular, sem deixar soltos os princípios e normas arquivistas com respeito aos fundos e a ordem original (DUCHEIN, 1998).

Dessa forma, a informação é estruturada, em hierarquia e não pela correspondência temática com outras fontes, conforme é na classificação universal utilizada nas bibliotecas.

Nesse contexto, é que entendemos que o DSpace não proporciona uma uniformidade a respeito da descrição arquivística. Assim, temos a condição de mudar não apenas o “processo de arquivamento, mas também o que é arquivável – a possibilidade de arquivamento” (DERRIDA, 2002, p.46).

Nessa perspectiva, o DSpace tem base na comunicação científica, seu projeto foi embasado na disseminação de literatura científica em formato, principalmente, de artigos que foram publicados anteriormente em periódicos. Portanto, sua organização está intimamente ligada a sua origem acadêmica. Assim, um dos conceitos norteadores do *site* do IACJ, remete à comunicação científica no que tange o processo de envolver as etapas relacionadas à produção, disseminação e uso do conhecimento científico.

Embora seja válido também como iniciativa de recuperação, o DSpace é adaptado pelo IACJ. É um sistema que aos olhos da arquivologia é questionado, por haver fragilidade no segmento do princípio arquivístico. Depois que iniciamos a pesquisa, identificamos uma fragilidade no *software* não seguem as normas da arquivística como por exemplo, não realiza a análise tipológica e diplomática dos documentos.

Aproximando esse conhecimento com arquivos pessoais, procuramos identificar o processo social de construção desses acervos documentais, aplicando a concepção de que eles podem ser lidos como uma escritura. Dessa forma, como qualquer outro registro ou documento, os arquivos não podem anular-se como texto, independentemente de sua classificação, esses arquivos são coadjuvantes da memória, atuando como uma amplificação não-natural da mente. Os documentos em questão funcionam, para nossa sociedade, como extensões da memória que serão adequadas e substituídas em função do seu aprimoramento e da sua eficiência na execução de tarefas.

5 A TÍTULO DE CONCLUSÃO

As inovações tecnológicas, principalmente as ligadas à informação, a todo instante promovem mudanças que atingem o nosso cotidiano e os processos de organização, além de tornarem cada vez mais dinâmico o processo de organização.

A pesquisa teve como objetivo contribuir para a discussão do processo de difusão, organização e valorização da arquivística em arquivos pessoais, buscando identificar os aspectos teóricos a serem considerados durante a pesquisa, bem como verificar as

escolhas das terminologias utilizadas nesse processo especificamente no estudo de caso do arquivo pessoal de DCyi.

Durante a pesquisa, certos pontos observados merecem destaque a escassez na literatura referente ao tema: os arquivos pessoais tornaram-se, ao longo das últimas décadas, um objeto valioso à sociedade, principalmente em função da mudança na história, memória e patrimônio, que passa a ter como objeto de estudo o particular. Como consequência, essa mudança trouxe para os arquivistas a necessidade de tornar os AP objeto de estudo, como a pesquisa em memória, história e a arquivologia, pôde definir os arquivos pessoais como arquivos de memória.

É nítido, em função das novas tecnologias, da necessidade crescente de informatização e acesso online, que a tradicional forma de acesso, somente possível nos próprios arquivos, necessitava ser revista, principalmente no que diz respeito ao *software* DSpace, que é utilizado como instrumento em base de dados. Essa realidade atual trouxe para a prática arquivística um novo desafio, que vai além da definição de uma postura maximalista ou minimalista, O importante é perceber as características de um fundo, analisadas por Duchein (1982), a fim de definir a correta padronização em arquivos pessoais.

A pesquisa também demonstrou que esse assunto ainda é uma questão sensível na área, à orientação pode ser compreendida ao se perceber que a tradição arquivística sempre considerou a descrição como o melhor veículo de acesso à informação nos arquivos.

Após perceber de que forma o arquivo pessoal de DCyi cumpre sua função social, fica evidente que uma instituição como o IACJ, encontra-se mergulhada na cultura digital, possibilitando uma nova e promissora oportunidade de crescimento, para os pesquisadores e para a comunidade em geral.

Por certo, esta análise traz inúmeras implicações do tratamento arquivístico em arquivos pessoais e possibilita vários questionamentos quanto a possível elaboração de normas e procedimentos para o tratamento deste tipo de documento que auxiliem o arquivista. No entanto, este ainda é um caminho a ser pensado e discutido pela área, analisando a real aplicabilidade de tal procedimento investigativo.

Entendemos que o trabalho desenvolvido possa permitir inquietações, possibilitando novas pesquisas, a fim de proporcionar novas descobertas, novas subjetividades, alterando a história dos sujeitos e proporcionando vivências autênticas de produção de si.

REFERÊNCIAS

AAKER, D. A.; KUMAR, V.; DAY, G. S. *Pesquisa de marketing*. São Paulo: Atlas, 2004.

AFONSO, M., M. ; SERRES, J.C.P. Casa-museu, museu-casa ou casa histórica? Uma controversa tipologia museal. *Revista CCCCSS - Contribuciones a las Ciencias Sociales* nov. 2014, Disponível em : www.eumed.net/rev/cccss/30/casa-museu.html. Acesso em: 01 maio 2012.

ANDRADE, R.S. Construção de sistemas web para acesso a representações de informação arquivística permanente: algumas indicações de critérios e componentes. In: SIMPÓSIO BAIANO DE ARQUIVOLOGIA, 1, 2007, Salvador. *Anais...* Salvador: Associação dos Arquivistas da Bahia, 2007. Disponível em: <<http://www.feudo.org/docs/sistemaarquivoweb-RicardoSodreAndrade.pdf>>. Acesso em 30 abr 2012.

ARANA, M. V.M. *Games e geração digital: um discurso da cotidianidade*. 2004. Tese (Doutorado em comunicação e semiótica) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2004.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. Disponível em: <<http://www.arquivonacional.gov.br/Media/Dicion%20Term%20Arquiv.pdf> >. Acesso em: jul./14.

ARTIÉRES, P. Arquivar a própria vida. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998.

ASSIS, A. A. *Um lampião dentro da mala: o arquivo pessoal de Octávio Leal Pacheco - memória e autobiografia*, 2009. Dissertação (Mestrado em letras) - Universidade Federal de São João delRei(UFSJ), São João Del-Rei, 2009. Disponível em: http://www.ufsj.edu.br/portal2repositorio/File/mestletras/DISSERTACOES/um_lampiao_dentro. Acesso em: 22 jun. 2014.

BELLOTTO, H.L. *Arquivo: estudos e reflexões*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001. 477p.

BELLOTTO, H.L. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. 4 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BELLOTTO, H.L. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. 4.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

BELLOTTO, H.L. *Como fazer análise diplomática e análise tipológica em arquivística: reconhecendo e utilizando o documento de arquivo*. São Paulo: Associação de Arquivistas de São Paulo / Arquivo do Estado, 2002. (Projeto Como Fazer).

BELLOTTO, H.L. Tipologia documental em arquivística. *Revista do Arquivo Municipal*. São Paulo, n. 195, p. 9-17, 1982.

BLATTMANN, U. *Modelo de gestão da informação digital online em bibliotecas acadêmicas na educação a distância: biblioteca virtual*. 2001. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

BLATTMANN, U.; WEBER, C. Dspace como repositório digital na organização. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 467-485, jul./dez. 2008. Disponível em: < <http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/593>>. Acesso em: 05 mar. 2014.

BRASHER, M.; CAFÉ, L. Organização da informação ou organização do conhecimento? In: *Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), IX*, São Paulo: ANCIB, 2008.

BRASIL. Conselho Nacional de Arquivos. *Lei nº 8.159*, de 08 de janeiro de 1991. Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências. Brasília: Imprensa Nacional, 1991.

BRASIL. Ministério da Justiça. Arquivo Nacional. Conselho Nacional de Arquivos – CONARQ (2006) . *Modelos de requisitos para sistemas informatizados de gestão de documentos: e-ARQ Brasil*. Rio de Janeiro: CONARQ. Disponível em: <http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/Media/publicacoes/earqbrasilv1.pdf>. ISBN 978-85-60207-90-5. Acesso em : 20 dez. de 2014.

BRASIL. Ministério da Justiça. Arquivo Nacional. *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. 232p.

CALDERON, W. R. et al. O processo de gestão documental e da informação, arquivística no ambiente universitário. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 33, n.3, p.97-104, set./dez. 2004.

CAMARGO, C.R. *À margem do patrimônio cultural: estudo sobre a rede institucional de preservação do patrimônio histórico no Brasil (1838-1980)*. 1999. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, São Paulo, 1999.

CAMPELLO, B.S.; CAMPOS, C.M. *Fontes de informação especializada: características e utilização*. 2. ed. rev. Belo Horizonte: UFMG, 1993.

CANTANHEDE, C.; FONTANA, F. *Projeto memória das artes cênicas: um breve histórico de um acervo das artes cênicas e algumas considerações metodológicas*. Disponível em: http://snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371336800_ARQUIVO_Anpuh2013CaroIrevisado.pdf. 2013

CAPURRO, R. *What is information science for? ; a philosophical reflection*. In: Vakkari, Perti, Cronin, Blaise. *Conceptions of library and information science*. Tempere, Taylor Graham, 1991. p. 82-93.

CARVALHO, B. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas: Edunicamp, 2010.

CARVALHO, C. Q. P.; CARVALHO, R. A de. Construção de políticas para repositórios institucionais: análise da ferramenta do OpenDOAR. *Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*, Rio Grande, v. 26, n. 2, p.105-138, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/biblos/article/view/3450/2211>>. Acesso em: 25 mar. 2013.

CARVALHO, K. Disseminação da informação e informação de inteligência organizacional. *DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, v.2, n.3, jun. 2001. Disponível em: <http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000001238&dd1=0cbce>. Acesso em : 15 jan. 2013.

CARVALHO, M.C.R. *O reuso da informação técnico-científica a partir de um repositório institucional (RI): um estudo exploratório*. 2011. 110 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://www.arca.fiocruz.br/xmlui/bitstream/handle/icict/2828/disserta%C3%A7%C3%A3o_final_conceicao.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20 maio 2014.

CARVALHO, M.C.R.. Bibliotecas universitárias brasileiras e a implantação de repositórios institucionais. *Revista Informação e Universidade*, v. 1, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.siglinux.nce.ufrj.br/~gtbib/site/2009/06/implantacao-de-repositorios/>>. Acesso em: 7 set. 2014.

CASTRO, C. M. *Estrutura e apresentação de publicações científicas*. São Paulo: (incompleta , McGraw-Hill do Brasil, 1980)

CAYMMI, D. *Cancioneiro da Bahia*. Ilustração de Clovis Graciano; Prefácio de Jorge Amado. São Paulo: Martins, 1947.

CAYMMI, Stella. Dorival Caymmi: o mar e o tempo. São Paulo: Editora 34, 2011.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis, Vozes, 2008.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. *Metodologia científica*. 5.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

COOK, T. Arquivos pessoais e arquivos institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno. *Revista Estudos Históricos*. v.11, n. 21, p. 129-149, 1998.

CORDEIRO, R.I.N. Informação cinematográfica e textual: da geração à interpretação e representação de imagem e texto. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 25, n. 3, p. 461-465, 1996.

CÔRTEZ, P.L. Considerações sobre a evolução da ciência e da comunicação científica. In: AGUIAR, D.; WITTER, G.P.; SILVA, J.F.M. (Org.). *Comunicação & produção científica: contexto, indicadores e avaliação*. São Paulo: Angellara, 2006. p. 33-56.

COUTURE, C.; ROUSSEAU, J.Y. *Les archives au XXme. siècle: une réponse aux besoins de l'administration et de la recherche*. Montréal: Université de Montréal, 1982.

COUTURE, Carol; ROUSSEAU, Jean-Yves et al. *Les fondements de la discipline archivistique*. Québec: Presses de l'Université du Québec, 1994.

COUTURE, Carol; ROUSSEAU, Jean-Yves. *Les archives au XXme. siècle: une réponse aux besoins de l'administration et de la recherche*. Montréal: Université de Montréal, 1998.

CRESPO, I.M.; CAREGNATO, S.E. Comportamento de busca de informação: uma comparação de dois modelos. Em *Questão*, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 271-278, jul./dez. 2003. Disponível em: < <http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/73> >. Acesso em: 25 jun. 2008.

CRUZ MUNDET, José Ramón. *Manual de archivística*. 3. ed. Madrid : Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1994.

CUNHA, O.M.G. *Tempo imperfeito: uma etnografia do arquivo*. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132004000200003&lng=en&nrm=iso &tlng=pt [51]. Acesso em: 12 jan. /2010.

DAHLBERG, I. *Knowledge organization: a new science?*. *Knowledge Organization*, v.33, n.4, p.11-19, 2006.

DAHLBERG, I. Teoria da classificação, ontem e hoje. In: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA, Rio de Janeiro, 12-17 de setembro de 1972. *Anais...* Brasília, IBICT/ABDF, 1979. v. 1, p. 352-370. Disponível em: <http://www.conexaorio.com/bit/dahlbergteoria/dahlberg_teoriam.htm>.

DERRIDA, J. *Mal de arquivo: una impresión freudiana*. Madrid: Editorial Trotta S.A., 1997. 105 p.

DERRIDA, J. *Mal de arquivo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DICIONÁRIO de Terminologia Arquivística. São Paulo: Centro de memória da Educação FEUSP/FAPESP, 2005.

DIEHL, Astor Antônio. Introdução. In: _____. *Cultura Historiográfica: memória, teoria e método*. Bauru, SP: Edusc, 2006, p. 23-93.

DUARTE, Z.; FARIAS, L. *O espólio incomensurável de Godofredo Filho: resgate da memória e estudo arquivístico*. Salvador: ICI, 2005. 230 p. il.

DUARTE, Z.; FARIAS, L.; CARVALHO, G. Projeto pedagógico do curso de Arquivologia da Ufba: reestruturação curricular. In: CONGRESSO INTERNACIONAL INTEGRAR, 1. Anais... São Paulo: Febab; AASP, 2002.

DUARTE, Zeny. *O espólio incomensurável de Godofredo Filho: resgate da memória e estudo arquivístico*. Salvador: ICI, 2005. 230 p. il.

DUCHEIN, M. O papel da arquivologia na sociedade de hoje. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, p. 30-36, set./dez. 1978.

DUCROT, A. A classificação dos arquivos pessoais e familiares. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n 21, 1998.

EDMONDSON, R. *Memória do mundo: diretrizes para a salvaguarda do patrimônio documental*. Paris: UNESCO, 2002.

ESTEBAN NAVARRO, M. Á. La representación y la organización del conocimiento en los archivos" en: organización del conocimiento en sistemas de información y documentación. In: _____. *Actas del I Encuentro de ISKO-España*, Madrid, 4 y 5 de noviembre de 1993. Zaragoza: Universidad, Librería General. p. 65-90.

ESTEBAN NAVARRO, M. A.; GARCÍA MARCO, F. J. Las primeras jornadas sobre organización del conocimiento: organización del conocimiento e información científica. *Scire*, v.1, n.1, p.149-157, ene./jun. 1995.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3 ed. totalmente rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, R.S.. Da informação nossa de cada dia à Ciência da Informação: conceitos, história, teorias e questões recentes. *Palavra Chave (La Plata)*, v. 4, n. 1, p.1-19, 2014. Disponível em: <http://www.palavraclave.fahce.unlp.edu.ar/article/view/PCv4n1a01>.

FERREIRA, S.M.S.P. Repositório Institucional em Comunicação: o projeto Reposcom implementado junto à Federação de Bibliotecas Digitais em Ciências da Comunicação. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Florianópolis, n. especial, 2007, p. 77- 94, 2007. Disponível em: < http://www.encontrosbibli.ufsc.br/bibesp/esp_06/bibesp_esp_06_pintoferreira_esp_20071.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2008.

FLAMINO, A. N.; SANTOS, P. L.V. A.C. MARC21 e XML como ferramentas para consolidação da catalogação cooperativa automatizada: uma revisão de literatura. In: VIDOTTI, A.B.G. (coord). *Tecnologia e conteúdos informacionais: abordagens teóricas e práticas*. São Paulo: Polis, 2004. p. 114-138.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. Revisão de Lígia Vassalo. Petrópolis: Vozes; Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1972. 260 p.

FOUCAULT, M. A. *A Hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004b.

FOUCAULT, M. A. Escrita de Si. In: _____. *Ditos e escritos V – ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004a, p.144-162.

FRAIZ, P.M.V. *A construção de um eu autobiográfico: o arquivo privado de Gustavo Capanema*. 1994. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Educação e Humanidades, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.

FREIRE FILHO, E.S. *A trajetória da associação brasileira de educação: 1924-2001*. Rio de Janeiro: Grupo Folha Dirigida, 2008.

FREITAS, H. M. R. Análise léxica e análise de conteúdo: técnicas complementares, sequenciais e recorrentes para exposição de dados qualitativos. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

FUJITA, M. S. L., MARTELETO, R. M., GINEZ DE LARA, M. L. *A dimensão epistemológica da ciência da informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação*. Marília: Editora da UNESP, 2008.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Centro de Pesquisa e Documentação de História. *Procedimentos técnicos em arquivos privados*. Rio de Janeiro: FGV, 1986. 101 p.

FURGERI, S. *Representação da informação e do conhecimento: um estudo das diferentes abordagens entre ciência da informação e ciência da computação*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Campinas. Universidade Católica de Campinas, Campinas (SP), 2006.

FURTADO, João Salvador. Informação e organização. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 11, n. 1, p. 27-33, 1982.

GAIO, R.; CARVALHO, R.B.; SIMÕES, R. Métodos e técnicas de pesquisa: a metodologia em questão. In: _____. (org.). *Metodologia de pesquisa e produção de conhecimento*. Petrópolis, Vozes, 2008.

GALDINO, S.B. Bico de Pena: *A escrita de Si de Nivalson Miranda*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Departamento de Biblioteconomia e Documentação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

GALLIANO, A. Guilherme. *O método científico: teoria e prática*. São Paulo: Harbra, 1986.

GARCIA MARCO, F.J. Avances en organización del conocimiento en España: los II encuentros sobre organización del conocimiento en los sistemas de información y documentación. In: GARCIA MARCO, F.J. (ed.) *Organización del conocimiento en sistemas de información y documentación*. Zaragoza : Librería General, 1997. v.1 p:7-12 (Actas del II ENCUENTRO DE ISKO-ESPAÑA, Getafe, 16-17 nov. 1995).

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, A.C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A.C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1991.

GIMENES, S.M. Proposta musical: aprender e ensinar nas festas populares. In: *Salto para o futuro*. Boletim 06, 2014. Disponível em: < www.tvbrasil.org.br>. Acesso em: 26 de jun. 2014.

GOIS, A. As fotos de hoje. In: *Jornal o globo*, 2011. Disponível em <<http://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/as-fotos-de-hoje-417809.html>> Acesso em: 26 de maio de 2015.

GOMES, A.C. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 121-127, 1998.

GOMES, H.F. Considerações sobre a construção e a comunicação do conhecimento científico. In: SOARES, G.R.; GOMES, H.F.. (Org.). *Ap(re)ndendo o social*. Salvador, 1999. p. 33-44.

GROGAN, D. *A prática do serviço de referência*. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 1995.

GÜNTHER, H. Como elaborar um questionário. In: PASQUALI, L. *Instrumentos psicológicos: manual prático de elaboração*. Brasília: LabPAM, IBAPP, 1999. p.231-258.

HAGEN, A. M.M. Algumas considerações a partir do processo de padronização da descrição arquivística. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 27 n. 3, 1998.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro Editora, 2006.

HENRIQUES, M.L. A dimensão legal do acesso à informação arquivística no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS DE TRADIÇÃO, Ibérica. Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/Media/publicacoes/ibericas/a_dimenso_legal_do_acesso_informao_torre_do_tombo.pdf>. Acesso em: 1 mai 2015.

HEYMANN, L. Q. Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Muller. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 19, 1997. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2041/1180>. Acesso em: 12 de jan. 2015.

HODGE, G. *Systems of Knowledge Organization for Digital Libraries: beyond traditional authorities files*. Washington, DC, the Council on Library and Information Resources. 2000.

HORTA, M.L. P. *A Museologia e o Museu-Casa*. Mesa Redonda. 1997. In: SEMINÁRIO SOBRE MUSEUS-CASA, I, Rio de Janeiro, I, ANO, Rio de Janeiro. *Anais Eletrônico...* Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2012. Disponível em: www.museucasarui Barbosa.gov.br. Acesso em: 09 set. 2012.

JARDIM, J.M. ; FONSECA, M.O. (Org.). *A formação do arquivista no Brasil*. Niterói (RJ) : EdUFF, 1999.

KURAMOTO, H. Informação científica: proposta de um novo modelo para o Brasil. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 35, n. 2, ago. 2006. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/831>>. Acesso em: 22 Ago. 2015.

LAFERL, C. F. O clichê da terra: a Bahia de Dorival Caymmi. São Paulo. [200?]. Disponível em < http://www.geocities.ws/ail_br/oclichedaterra.htm> Acesso em 14 agosto 2014.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Fundamentos metodologia científica*. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M.A. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Atlas, 1991.

LE COADIC, Y.F. *A Ciência da informação*. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1996.

LE COADIC, Y.F. *A Ciência da informação*. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1997.

LE GOFF, J. História e Memória. Campinas, São Paulo, UNICAMP, 1994. Textos Completos: In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA UFG/Jataí, II, 1994, São Paulo. *Anais...* São Paulo: UNICAMP, 1994.

LE GOFF, J. Memória. In: _____. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 2003. p. 419-476.

LE GOFF, J. Memória. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.

LEÃO, F.C. *A representação da informação arquivística permanente: a normalização descritiva e a ISAD (G)*. Dissertação (Mestrado) Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 2006. 81 p.

LEITE, F. C.L. *Como gerenciar e ampliar a visibilidade da informação científica brasileira: repositórios institucionais de acesso aberto*. Brasília: IBICT, 2009. Disponível em: <http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/703/1/Boas%20pr%C3%A1ticas%20para%20a%20constru%C3%A7%C3%A3o%20de%20reposit%C3%B3rios%20institucionais%20da%20produ%C3%A7%C3%A3o%20cient%C3%ADfica.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2015.

LIMA, J.L.O; ALVARES, L. Organização e representação da informação e do conhecimento: In: ALVARES, L.(org.). *Organização da informação e do conhecimento: conceitos, subsídios interdisciplinares e aplicações*. São Paulo: B4 Editores, 2012, p.21-48.

MAGALHÃES, A. *E triunfo? A questão dos bens culturais no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/ Fundação Nacional Pró-Memória, 1985.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. *Didática*, São Paulo, v.26/27, p.149-158,1990/1991.

MANZINI, E. J. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In: MARQUEZINE, M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE; S. (Org.). *Colóquios sobre pesquisa em educação especial*. Londrina: Eduel, 2003b. p.11-25.

MANZINI, E. J. *Formas de raciocínio apresentadas por adolescentes deficientes mentais: um estudo através de interações verbais*. Tese (doutorado). Instituto de Psicologia da USP, São Paulo, 1995.

MANZINI, E. J.; SILVA, J. R. Projetos de pesquisa em educação especial: identificando categorias para análise. In: SIMPÓSIO EM FILOSOFIA E CIÊNCIA, 4, 2001, Marília. *Resumos...* Marília: Unesp, 2001. p.102.

MANZINI, E.J. Análise de artigos da Revista Brasileira de Educação Especial (1992-2002). *Revista Brasileira de Educação Especial*. Marília: Unesp, v. 9, n. 1, p. 13-23, 2003a.

MARCONDES, C.H. Metadados: descrição e recuperação de informação na Web. In: MARCONDES, C. H.; KURAMOTO, H.; TOUTAIN, L.B.; SAYÃO, L. (orgs.). *Bibliotecas digitais: saberes e práticas*. Salvador/Brasília : UFBA/IBICT, 2005. p. 97-113.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração e interpretação de dados*. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MARTINS AFONSO, M.; PRIMON SERRES, J. *Casa-museu, museu-casa ou casa histórica? Uma controversa tipologia museal*. In: *Contribuciones a las Ciencias Sociales*, Noviembre 2014. Disponível em: < www.eumed.net/rev/cccss/30/casa-museu.html>.

MATTAR, F. N. *Pesquisa de marketing*. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MINAYO, M.C.S. (org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 26. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2007. p. 79-108.

MIRANDA NETTO, A.G. Memória, informação, arquivo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ARQUIVOLOGIA, 4, 1979, Rio de Janeiro. *Anais ...* Rio de Janeiro: AAB, 1982.

MUELLER, S.P.M. A ciência, o sistema de comunicação científica e a literatura científica. In: CAMPELLO, B. S; CENDÓN, B. V.; KREMER J. M. (org.). *Fontes de informação pra pesquisadores e profissionais*. Belo Horizonte: UFMG; 2000. cap. 1.

MUELLER, S.P.M.; CARIBÉ, R.C.V. Comunicação científica para o público leigo: breve histórico. *Informação & Informação*, Londrina, v. 15, n. esp, p. 13 - 30, 2010.

NESTROVSKI, A. mosaicos musicais: Tom Jobim e Dorival Caymmi. ago. 2014. Disponível em: <<http://tvcultura.cmais.com.br/dorivalcaymmi/videos/mosaicos-musicais-tom-jobim-e-dorival-caymmi>>. Acesso em: 22 Ago. 2014

NOGUEIRA, O. *Pesquisa social: introdução as suas técnicas*. São Paulo: Ed. Nacional, 1968. p.111-119.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. Projeto História 10. *Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História*. São Paulo: PUC,1993.

OLIVEIRA, L.M.V. Arquivos pessoais e documentos digitais: uma reflexão em torno de contradições. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, v.7, n.1, p.35-48, jan/jun. 2008.

PAES, M.L. *Arquivo: teoria e prática*. 28 ed. Rio de Janeiro: FGV, 1991. p. 33-62.

PAES, M.L. *Arquivo: teoria e prática*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

PAULO, J. O centenário de Dorival Caymmi. Belo Horizonte. 2014. Disponível em: <http://divirta-se.uai.com.br/app/noticia/pensar/2014/05/03/noticia_pensar,154252/professor-dendgo.shtml> Acesso em 14 agosto 2014.

PERROT, M. Maneiras de Morar. In: _____. *História da Vida Privada. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra* 4. Rio de Janeiro: Companhia de Bolso. 2012.

PONTE, A.M.T. *Casas-museu em Portugal: teorias e prática*. 2007. Dissertação (Mestrado em Museologia) - Faculdade de Letras, Universidade do Porto. 2007.

RIBEIRO, R. J. Memórias de si, ou... *Revista de Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 35-42. 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2068>. Acesso em: 14 nov. 2014.

RISÉRIO, A. *Caymmi: Uma utopia de lugar* São Paulo / Salvador, Perspectiva / COPENE, 1993. (Debates, v. 253).

RODRIGUES, A. M. L. Teoria dos arquivos e a gestão de documentos. *Perspectiva Ciência da informação*, Belo Horizonte, v.11, n. 1, p.102-117, jan./ abr.2006.

ROUSSEAU, J.Y.; COUTURE, C. *Os fundamentos da disciplina arquivística*. Lisboa : Publicações Dom Quixote, 1998.

SÁ, I.P. *A face oculta da interface: serviços de informação arquivística na web centrados no usuário*. Rio de Janeiro, RJ: FIOCRUZ, 2005. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca - FIOCRUZ, 2005.

SALLES, D. O cantador de Costumes. *Jornal A Tarde*, Caderno 2, 8 de nov. 2014.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. *Metodologia de pesquisa*. 3. ed, São Paulo: McGraw Hill, 2006.

SANTOS, J.F. *Produção científica e tecnológica dos grupos de pesquisa do IFBA: processo de disseminação no âmbito da instituição*. Salvador: IFBA, 2014. 108 f.: il.

SCHELLENBERG, T. R. *Arquivos modernos: princípios e técnicas*. 6.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

SELLTIZ, C.; WRIGHTSMAN, L. S.; COOK, S. W. *Métodos de pesquisa das relações sociais*. São Paulo: Herder, 1965.

SEVERIANO, J. *Getúlio Vargas e a música popular*. Rio de Janeiro:FGV,2014.

SILVA, A. M. Arquivos familiares e pessoais. Bases científicas para aplicação do modelo sistêmico e interativo. *Revista da Faculdade de Letras, Ciências e Técnicas de Património*. 3, p. 55-84, 2004. Disponível em: <http://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/8111/2/4083.pdf>.

SILVA, A. M. et al. *Arquivística: teoria e prática de uma ciência da informação*. 3.ed. Porto : Edições Afrontamento. 2009.

SILVA, A.M. da et al. *Arquivística: teoria e prática de uma ciência da informação*. Porto: Afrontamento, 1999.

SILVA, F. M. *Organização da informação em sistemas eletrônicos abertos de informação científica & tecnológica: Análise da plataforma lattes*. 2007 163 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Departamento de Biblioteconomia e Documentação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SILVA, M. C. S. M.; GOMES, M. A. Objetos tridimensionais em arquivos pessoais de cientistas. *Arquivo & Administração*. Rio de Janeiro, v.10, n.1, p. 31-48, jan./jun. 2011.

SILVA, S.M.F da. *Arquivo e memória fotográfica: manifestações populares da Bahia no olhar de Sílvio Robatto*. Salvador: Ufba. 2013.

SIMÕES, M. da G.; FREITAS, M. C. V. A classificação em arquivos e em bibliotecas à luz da teoria da classificação: pontos de convergência e de divergência. *Ponto de acesso*. v.7, n.1, p. 81-115, 2013. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/8050/5809>.

SVENONIUS, E. *Intellectual foundation of Information Organization*. Cambridge: Mit Press, 2001

SWIFT, M. Administracion y recursos técnicos. Trad. Espanhol. Bonn. In: X CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARCHIVOS. sep.1992.

TOUTAIN, L. B.; CORDEIRO, R. I.N. Memória da pesquisa, criação e inovação nas IFES: ri para artes híbridas. In: SAYÃO, L.F. et al. (Org.) *Implantação e gestão de repositórios institucionais: políticas, memória, livre acesso e preservação*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 09-21. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/473/3/implantacao_repositorio_web.pdf. Acesso em: 2 maio 2013.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

VENANCIO, G. M. *Na trama do arquivo: a trajetória de Oliveira Vianna*. 2003. 340 f. Tese (Doutorado em História Social) - Rio de Janeiro: UFRJ/Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, 2003.

VIANA, C. L. M.; MÁRDERO ARELLANO, M. A. *Repositórios institucionais baseados em DSpace e ePrints e sua viabilidade nas instituições acadêmico científicas*. Disponível em: http://eprints.rclis.org/8834/1/Trabalho_SNBU_RI_DSpace_EPrints_IES.pdf. Acesso em: 10 jun. 2014.

VIANA, C. L. M.; MÁRDERO ARELLANO, M. A; SHINTAKU, M. *Repositórios institucionais em ciência e tecnologia: uma experiência de customização do DSpace*. Disponível em: http://www.academia.edu/9061036/REPOSIT%C3%93RIOS_INSTITUCIONAIS_EM_CI%C3%84NCIA_E_TECNOLOGIA_UMA_EXPERI%C3%84NCIA_DE_CUSTO_MIZA%C3%87%C3%83O_DO_DSPACE. Acesso em: set. 2014.

VIANA, C. L. M.; MÁRDERO ARELLANO, M. A; SHINTAKU, M. Repositórios institucionais em ciência e tecnologia: uma experiência de customização do DSpace. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE BIBLIOTECAS, Santa Catarina, 2006.

VIANA, C. L. M.; MÁRDERO ARELLANO, M. A; SHINTAKU, M. Repositórios institucionais em ciência e tecnologia: uma experiência de customização do DSpace In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE BIBLIOTECAS DIGITAIS, 3. Anais ... São Paulo: CRUESP, 2005. Disponível em: <<http://bibliotecas-cruesp.usp.br/3sibd/docs/viana358.pdf> . Acesso em: 10 jun. 2013.

VICKERY, D.C. Knowledge representation: a brief review. *Journal of documentation*, v.42, n.3, sep. 1986. p. 145-59.

APÊNDICE A

CESSÃO GRATUÍTA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL
 COMPROMISSO ÉTICO DE NÃO IDENTIFICAÇÃO DO DEPOENTE
INSTITUTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Av. Reitor Miguel Calmon, s/nº Vale do Canela (parte superior)

Campus Universitário do Canela - Canela – Salvador, BA CEP 40110-100

+55 (71) 3283-7751 – 7752 / 8726-4077

www.posici.ufba.br / posici@ufba.br

Pelo presente documento, eu _____, responsável pelo entrevistado(a): _____, Portador do RG: _____, emitido por: ____ / __, domiciliado/residente em: Av./Rua _____, no. __, complemento _____, Bairro _____, Cidade _____, CEP ____-__, declaro ceder a Pesquisadora: _____, CPF _____, RG _____, domiciliado na Rua _____, CEP _____, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que meu tutelado prestou à pesquisadora/entrevistadora, na cidade do Rio de Janeiro/RJ, em ____/____/____, como subsídio à construção de sua dissertação de Mestrado no **Instituto de Ciência da Informação**. A pesquisadora acima citada fica conseqüentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a ressalva de garantia, por parte dos referidos terceiros, da integridade do seu conteúdo. A pesquisadora se compromete a preservar meu depoimento no anonimato, identificando minha fala com nome fictício ou símbolo não relacionados à minha verdadeira identidade.

Salvador , _____ de _____ de _____

APÊNDICE B

PESQUISA DE MESTRADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

MESTRANDA: VAGNA FELÍCIO

ORIENTADORA: Profª. Dra. ZENY DUARTE

Título da dissertação : Dorival Caymmi: vida, obra, pensamento e arquivo em uma temporalidade do verde e amarelo.

Resumo: Apresentar-se-á a realização de pesquisa que se constitui em uma tentativa de vencer as dificuldades encontradas na realização de estudos sobre o papel do arquivo pessoal nas pesquisas sobre vida, obra, pensamento de personagens da intelectualidade brasileira. Neste caso, Dorival Caymmi e suas produções artísticas e culturais as quais são o foco deste estudo onde se comprova que o arquivo é o homem e o homem constitui, a partir de sua própria vida, o seu próprio arquivo como lugar de memória.

Entrevista

Esta pesquisa originou-se, naturalmente, da inquietude de entender como o processo pelo qual os arquivos pessoais foram constituídos, desde as etapas iniciais de acumulação de documentos até a configuração final que assumem quando são organizados e abertos ao público pelas instituições de guarda.

Assim sendo, nos inquieta as seguintes questões:

1. Como ocorreu a participação da família Caymmi na organização do arquivo pessoal do cantor-compositor?
2. Qual era o sentimento de Dorival Caymmi acerca de seu próprio arquivo pessoal? Havia organização implementada por ele próprio?
3. Como se deu a seleção dos documentos para compor o arquivo? Neste caso, quais foram os critérios de seleção adotados?
4. Foi mantida a biografia do Dorival Caymmi na organização do arquivo pessoal do cantor-compositor?

5. O arquivo pessoal de Dorival Caymmi recebeu tratamento com base nos procedimentos arquivísticos?
6. Entendemos que os arquivos pessoais tem a eficácia de revelar fragmentos desconhecidos, até então invisíveis da história social do indivíduo. No caso de Dorival Caymmi isso ocorreu?
7. No processo de constituição do arquivo do artista, a vida, as atividades e suas relações sociais determinaram a maneira de como deveria ser organizado o arquivo em foco?
8. Foi respeitada a individualidade e singularidade orgânica do arquivo pessoal de Dorival Caymmi, sem misturá-lo a documentos de outras origens ou de outras pessoas?
9. Considerando a importância dos arquivos pessoais como patrimônio documental, cultural e fonte de informação para objeto de pesquisas acadêmicas. Assim sendo, o arquivo em foco possui registro de patrimônio mundial e/ou nacional?
10. O arquivo pessoal de Dorival Caymmi traz também um novo olhar sobre aspectos da vida pessoal e intelectual de seu titular corroborando com outras formas da escrita da nossa história social e cultural?
11. Qual a sua concepção acerca do arquivo pessoal de Dorival Caymmi e a relação desse conjunto documental com a família Caymmi?
12. O que acrescentaria a este questionário sobre a vida, obra, pensamento de Dorival Caymmi?

AGRADECEMOS

APÊNDICE C – ENTREVISTAS

Entrevista -1

Entrevistado A

Por:

Vágna Shirlei Felício Santana Vidal

Pedagoga/gestora, Mestranda em Ciência da Informação

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Músico, cantor e compositor brasileiro

Avenida Nossa Senhora Copacabana número 1098. Apt. 602.

Rio de Janeiro - RJ

Parte 1

Iniciamos com uma conversa a partir da apresentação da casa.

A: Tudo isso é jornal (separei porque acaba amarelando). Aqui é a parte da Bahia no Bonfim, aqui ... Estado do Rio de Janeiro, festival vale do café, fizeram uma estátua dele na cadeira de balanço.

Vágna Felício: O material, muito maravilhoso, tem que atentar para o manuseio, para que o arquivo não danifique.

A: Tenho que colocar uns papéis, o problema é que não temos arquivista... já falei com a Nana, a Nana deixa esse apartamento fechado o tempo todo.

Vágna Felício: Eu ia te perguntar agora, esse acervo todo teve um tratamento, passou por um arquivista? Quem é o arquivista?

A: Já está sendo feito, segundo eu sei... acho que tudo foi pro museu. A Stella Tereza é a mais indicada pra dar a informação.

Vágna Felício: Ela é de que área, a Stella?

A: Ela dá aulas na PUC-RJ, é Biógrafa, de letras...

Vágna Felício: De letras?

A: De Letras e Jornalismo, acho que é Filosofia e Jornalismo. Vagna e Zeny, vendo fotos...

Vágna Felício: Você já me disse que esses arquivos já receberam tratamento, nós entendemos que os arquivos todos têm a eficácia de revelar os fragmentos do desconhecido...

A: É porque essa coisa interiorizada dele.

Vágna Felício: Transparece a partir da leitura de cada item documental, a partir do momento que se desvenda um texto, se desvenda o homem, mais uma faceta.

A: Ele era o cara muito quentinho muito pra dentro, conversador essa coisa... com as coisas dele muito particular, então foi isso que aconteceu..., com essa coisa do livro.

Vágna Felício: Ele não deixava ninguém entrar no arquivo dele, pra ler as coisas.

A: Não, normalmente não. Ele solicitava uma neta pra ver coisas pra ele, que fizesse uma coisa pra ele... pra mexer em alguma coisa.

Vágna Felício: ele mesmo organizava. Pra você ter uma ideia, ele recebia os cheques da ASCAP (companhia americana), mandava cheque pra ele, semestral, por exemplo: 800 dólares. Ele deixava aquilo guardado de tal maneira que ele esquecia, um dia passaram-se anos, fizeram o levantamento, ele tinha muitos e muitos dólares que já não podia nem receber que já tinha passado, ele não dava bola, ficava aqueles cheques ali e tal... Um dia minha sobrinha começou a levantar, “tava” tudo já... não valia o cheque, não valia mais. (Zeny e vágna se mostram surpresas com o ocorrido) Ele era assim, um cara desapegado, não tinha muito interesse em nada! A não ser a vida dele, que foi isso, Iemanjá e o Nosso Senhor do Bonfim, a igreja do Bonfim tem uma história muito bonita com ele.

Vágna Felício: Agora ele aqui, longe da Bahia, ele sentia, né, essa ausência.

A: Ele era Baiano, isso não tem a menor dúvida, ele era baiano! Totalmente baiano.

Vágna Felício: A essência dele...

A: É não! Nem tem nem o que discutir isso, ele só não tinha o sotaque muito carregado da Bahia... né, por exemplo...

Vágna Felício: Tinha perdido já, né.

A: Não, ele nunca teve...

Vágna Felício: É um gingado que ele tinha que era bem diferente na música, na fala...

A: Ou ouço, por exemplo, essa moça da bandeirantes... tem uma moça da Bahia, Ticiania, ela apresenta o jornal da noite, eu chego a ficar um pouco irritado, ela fala muito exagerado “porque” “Di noite”, muito exagerado!! A Simone, cantora, também fala muito, muito exagerado, tem uma hora que eu me irrita com esse troço.

Vágna Felício: Mas acho que ele nunca teve nem quando morava lá?

A: Não, não.

Vágna Felício: É uma forma original de ser... eu acho que Dorival é assim na canção, na vida.

A: Mas isso é uma utopia que a gente vive, meu pai que foi criado numa Bahia... que hoje não é nem sombra do que ele viu, eu vi, ainda na década de 50, visitando pela primeira vez, eu via jangadas na praia, jangada mesmo poitada/ancorada, as canoas, a pesca de rede, isso de Itapuã pra Piatã, pra Boca do Rio até Rio vermelho... toda Orla Marítima você via barcos de pesca ancorados, Vilas de pescadores, essa coisa toda, o progresso simplesmente expulsou essa beleza. Hoje eu passei lá, aqueles coqueiros de Itapuã são pouquíssimos, quase não tem coqueiro né, tem progresso. Você quer ver meu pai ficar chateado, ele morou três ou quatro anos na Pedra da Sereia, ali perto de Jorge Amado, ali perto do Rio Vermelho, a Pedra da Sereia era um lugar que tinha mato... assim, uma vegetação uma coisa bem típica da beira da praia da Bahia... um dia ele veio ao Rio de Janeiro pra alguma coisa, quando eles voltaram de férias (era férias escolares das crianças, eles vieram pro Rio), quando eles voltaram, Antônio Carlos tinha colocado

o asfalto, colocado postes de luz. Ele ficou apavorado! Ele ficou... Disse: mas tiraram toda poesia, e quis se mudar, porque essa coisa do progresso contra a beleza natural, ele era uma pessoa muito assim, eu cresci da mesma maneira me espelhando muito nele assim... vendo aquele homem criativo adorando a natureza, essa coisa toda e de repente entrou em conflito, você tem que vir pro Rio de Janeiro e... ele ficou com aquele sonho da Bahia que ele viveu, entendeu? Então ele fez... todas as canções dele são voltadas pra ... eu senti até um ponto de certa mágoa quando ele fez Oração de Mãe Menininha.

Vágna Felício: Nossa aquilo é lindo!

A: É... ele fez, mas o candomblé dele era o outro, era o Axé Opó Afonjá, e a mãe Stella ficou brava.

Vágna Felício: Ciúme.

A: É aí fica uma ciumeira, aquilo que eu falo... agora ele gostava da Mãe Menininha do Gantois.

Vágna Felício: Você viu o poema de Davi Sales?

A: Vi.

Vágna Felício: E ele fala e também no texto a gente põe só que no jornal eles cortaram, fiquei triste porque eles cortaram, muita coisa eles cortaram do poema de Davi Sales. Ele mandou um abraço, Davi Sales. Inclusive ele hoje fez uma mensagem pra mim, dizendo: fale pra Dori que eu já estou escrevendo outro texto sobre Dorival Caymmi.

A: Ah! Que legal! O Riserio Também escreveu Utopia...

Vágna Felício: O Davi Sales também é compositor, mas tá esquecido (risos) aquela coisa da Bahia.

Vágna Felício: Eu trouxe o texto dele.

A: Ah tá, eu quero ler depois.

Vágna Felício: Mas ele é muito também aleijado do processo, ele tem muitas canções que fizeram sucesso, mas que tem que sair de lá pro Rio.

A: Hoje não sai mais pra lugar nenhum.

Vágna Felício: Hoje tá difícil. Só pra complementar, porque fico emocionada com essa coisa de Mãe Menininha, ele (Davi Salles) diz assim:

Dorival era difusor do baianês
Tinha olhos claros, da cor de esmeraldas
Suas joias ficaram aqui, eternizadas e para serem cantadas
Interpretadas pelas vozes saudosas e agraciadas
Caymmi era do Candomblé, de Terreiro
Onde ele fincava o pé
Tinha a proteção, a benção da Mãe Menininha do Gantois
Que por ele tinha muito zelo
No vai e vem das ondas do mar
Ouvia as melodias
O canto das donas das águas, Yara, Iemanjá
Para a partitura, transferia seu toque particular
Foi caixeiro viajante e, do violão logo se tornou um amante
Criou um estilo todo seu
Caymmi e suas canções praieiras
Falavam de embarcações a jangadas
Das partidas e chegadas
Das caboclas apaixonadas
Dos quitutes, das cantigas de roda
Das lavadeiras, benzedeiros bronzeadas
Do abará, carurú, vatapá, acarajé
E o trabalho que dá pra fazer que é.

Caymmi das missangas coloridas, da maresia, das marés
Fitinhas protetoras do Nosso Senhor do Bonfim
Do mingau de carimã, do azeite de dendê
Da moqueca de mariscos
Com leite de côco, dos coqueiros de Itapoã
Sua baianidade era natural, nagô
O que é que a baiana tem?
Caymmi falou e disse.

Desmistificou muitas lendas e crendices de São Salvador
Foi recebido de braços abertos pelo Cristo Redentor
Quando ao Rio de Janeiro chegou
A música de Caymmi embala trilhas sonoras de novelas
E os sonhos de muitas cinderelas
Relatou as curvas da mais formosa Gabriela
A cravo e canela, musa do romance de Amado Jorge, escritor.

E, da árvore de Dorival brotaram frutos cantantes
Vozes como a dele, quão marcantes da música popular brasileira
Suas crias também são bandeirantes
Perpetuadores de sua herança
Dori, Nana e Danilo, também músicos trovadores
Com destino atrelado ao legado do seu mestre inspirador
Dorival hoje habita o céu
Fisicamente aqui não mais está
Sua marca é uma barca
Uma jangada que balança, pra lá e pra cá

E, jamais naufragar!

E, jamais naufragar!

A: Tá muito lindo, o início eu não li não, mas tá muito legal.

A: Vamos às perguntas. Eu tenho um lançamento dum livro hoje do Paulo Cesar Pinheiro. Mas não é agora não, ainda tem tempo.

Vágna Felício: Você falou da questão da individualidade dele do cuidado que ele tinha, você acha que essa individualidade e singularidade orgânica do arquivos foi respeitada? Sem misturar Dorival Caymmi com outras pessoas?

A: Eu acho que foi, principalmente pelo carinho, e a família estava envolvida diretamente, através da Stella e do Danilo... e...

Vágna Felício: E vocês tiveram inserção na hora da seleção.

A: Eu não moro aqui, então essa coisa toda foi feita pela minha sobrinha Stella Tereza e o Danilo através do Instituto do Tom, então foi muito respeitado o pensamento de papai, ele como a obra dele.

Vágna Felício: A originalidade, como ele deixou o arquivo.

A: Exato... não tem nada que ver. Ele nem deixou o arquivo, a gente foi descobrindo coisas, ele não arquivava porcaria nenhuma e arquivava tudo, arquivava pensamentos... arquivava...

Vágna Felício: o pensamento dele dentro da... digamos assim... da própria organicidade.

A: não mexeu, ninguém mexeu na originalidade dele, isso é uma coisa que a gente não deixa acontecer.

Vágna Felício: Isso é ótimo!

A: Eu pelo menos sou o primeiro a não deixar... existem casos, por exemplo, na própria família até de tornar a música dele axé... eu sou absolutamente contra isso, acho que tem que preservar a originalidade dele, e o que importa é Caymmi e seu violão.

Vágna Felício: Esse acervo está registrado como patrimônio Nacional, patrimônio da UNESCO?

A: Não, não.

Vágna Felício: É importante isso, mas vai ser... no momento que o museu chegar aí, eu acho que ...

A: De repente o Museu de Imagem e Som, que é uma coisa, eu não sei é difícil dizer isso vai depender muito da... o que o Rio de Janeiro fez de... e a Bahia fizeram de tributos pra ele, o Brasil inteiro, né ... tem estátua dele no posto 6, tem Rua no Leblon, tem praça na Bahia, tem Avenida na Bahia, então tem a praça em Itapuã, o busto dele do Instituto Gregório de Matos que fizeram... são belíssimas homenagens no Brasil inteiro, como eu disse, ele deu muita sorte de ter três filhos, e a gente divulga demais o trabalho dele, e eu queria que fizesse isso com as outras pessoas também.

Vágna Felício: Mas Dori falou que o museu, vocês sentem necessidade que no museu tivesse espaço para os objetos tridimensionais...

A: O que eles podem ter só documentos e digitalizados.

Vágna Felício: E se a Bahia pudesse ter um espaço? A Universidade Federal da Bahia?

A: Sim, acho ótimo a universidade ter um espaço, inclusive o Danilo entrou em contato com uma pessoa da UFBA que tinha interesse no arquivo escrito do papai, daí eu escrevi as músicas do papai, são 80 e tantas músicas que eu escrevi de próprio punho pra fazer não como objeto de venda, mas como um legado cultural, objeto de uso pelas escolas e sem pensar em lucros... fazer um espiral para os alunos ter como consulta na escola de música, algo didático na mão do músico, não deformar melodicamente. Gal, por exemplo, canta só louco com a melodia errada. Há pessoas que não se preocupam com a melodia. Gostaria que as pessoas respeitassem o que meu pai escreveu referente à melodia, melodicamente.

Vágna Felício: Qual a sua concepção acerca do arquivo pessoal de Dorival Caymmi e a relação desse conjunto documental com a família Caymmi?

A: Nós somos uma família extremamente musical, e às vezes extremamente explosiva, papai sempre foi um homem quase que a parte como pai, porque mamãe era um comandante desses bravos, então ele não tinha muito o que dizer pra nós e ele tinha que trabalhar, então ele fazia a parte dele como artista, tanto que a minha admiração paterna começa a mais ou menos 25 anos atrás, a relação de amigo, de confidente, de participar mais de ouvi-lo, e isso começa quando eu casei com a Helena, porque no primeiro casamento foi um desastre e na cabeça dele ele não aceitava e eu fiquei ilhado, eu sempre... do meu ponto de vista, o que me interessa é a obra do artista, pra mim arquivo o que ele fez... pra mim o importante no Dorival Caymmi é o artista, o que ele compôs, o que ele cantou e o que ele pintou, esse é o artista, e eu nunca tive intimidade de dizer: eu gostaria que você fizesse uma letra pra minha música, eu nunca tive essa intimidade, ele era um ídolo pra mim. Meu irmão é diferente, já fez música com ele e tudo, eu tenho uma visão diferente da família, eu nunca me misturei com meus ídolos, a Nana tem outra visão, eu gosto das canções praieiras, violão e voz esse pra mim é o Dorival Caymmi. A Nana do samba canção e Danilo já gostam de samba, a minha visão sempre foi mais de admiração pela pessoa e compositor, menos paterna e mais o artista, muito

acima do pai, tanto que quando papai morreu foi um choque quando mamãe morreu, foram 2 choques, ela era a comandante... não gostava das noras... não gostava, era ciumenta, era uma mulher primitiva e muito boa, muito prática, ela o chamava de Caymmi.

Não tive a intimidade que o Danilo teve. Por exemplo, um dia uma senhora me ligou e disse: meu marido fez um artigo e gostaria que ele chegasse as suas mão, ele fez uma entrevista com seu pai e ele desenhou seu perfil, foi uma surpresa pois eu não saia como ele me via, fiquei surpreso, tínhamos uma relação muito dura e aquela educação baiana do meu avó e aquela coisa toda, mas o que ele escreve a meu respeito é o contrário, eu me vejo no Dori, ele é um sonhador, sempre tive um respeito de ídolo. Me relacionava bem com a mamãe, mas era confuso, era tudo do jeito dela, a visão da família é complicada, porque cada um tem uma visão... e... fiquei amigo dele quando ele ficou mais velho... na verdade, ele não queria que nós sofrêssemos... a vida dele foi muito dura.

As pessoas comentam que ele gosta de rede, ele não deitava em rede, não tolerava, não entrava no mar com facilidade, a contemplação, o respeito dele com o mar era a Rainha das Águas, Iemanjá, desde criança, então entre Iemanjá e o Senhor do Bonfim é a cabeça do nosso pai enfim...

O que tocava nele e fazia sofrer, pra mim era muito ruim, quando a geração dele começou a perder poder de fogo, quando começou a Bossa Nova e tudo...

Na época era Dorival Caymmi, Silvio Caldas e Elizete Cardoso, eram a frente de batalha da música do Brasil e assim, quando entra o João Gilberto e a minha geração, eles perderam um pouco do poder, Ari Araulfo foi desaparecendo, depois começa o respeito de volta, daí vem Pixinguinha e retorna tudo como exemplo.

Vágna Felício: Tem algo a acrescentar sobre nosso questionário, algo sobre vida, obra ou pensamento dele...?

A: Tenho três compositores da geração dele que são os que mais me agradam, não digo que são os mais importantes, mas eu digo que o Noel Rosa (meu pai chegou no Rio em 38 e Noel morreu em 37, essa é uma das maiores frustrações do papai, não ter conhecido Noel), Ari Barroso, e o papai... um compositor importante é a base... se falar de choro, tem o Pixinguinha e da MPB, tem muitos, Braguinha e... vários... o que eu posso

acrescentar nessa coisa toda é a humildade do meu pai, dentro dessa importância que o papai sempre teve na música do Brasil, ele tinha os heróis dele... se você conserva seus heróis, você se conserva uma pessoa simples...

Entrevista - 1

Entrevistado A

Por:

Vágna Shirlei Felício Santana Vidal

Pedagoga/gestora, Mestranda em Ciência da Informação

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Músico, cantor e compositor brasileiro

Avenida Nossa Senhora Copacabana número 1098. Apt. 602.

Rio de Janeiro - RJ

Parte 2

A reiniciou dizendo:

Adoro o Brasil, tenho afinidade muito grande. A música do meu pai, ao livro do Jorge Amado, a coisa do Carybé, sou baiano por esse lado ai.

Vágna Felício: Nasceu em Bahia mesmo?

A: Não, sou carioca, todos os filhos são cariocas, a Nana nasceu no Grajaú, no subúrbio aqui perto do Central, eu nasci do lado no Andaraí, e o Danilo nasceu no Leblon, já mais chique, papai já tinha assinado ao contrato com chateaubriand, já “tava” melhor de vida, então ele veio... que eles moravam no Grajaú numa casinha tal assim alugada, então a vida deles sempre foi com muito sacrifício apesar do talento assim reconhecido imediatamente, a vida dele foi muito difícil no início... se você for ver a proporção do

Chico Alves, Orlando Silva, Carmem Miranda e um rapaz jovem da Bahia de 24 anos cantando uma música que não tinha absolutamente nada a ver com nada que “tava” acontecendo.

Vágna Felício: Altamente renovadora.

A: E aí cantando uma terra que já tinha sido cantada... algumas vezes por Ari, por alguns outros compositores, Assis Valente, ou estava sendo na época, mas não com essa coisa que... com essa fotografia do mar... principalmente com essa coisa do mar, né... e principalmente essa ligação, que meu pai, se você dividir Dorival Caymmi, ele fica entre Iemanjá e o Bonfim... a coisa dele é a Igreja do Bonfim, e a vida inteira ele pensou nisso e... a Iemanjá que é a Rainha das Águas que ele pinta aqui... (Dori nos mostra a pintura de Iemanjá, pintada por Dorival Caymmi, contemplamos).

Vágna Felício: Esse foi o desenho que utilizei na apresentação.

Vágna Felício: Esse desenho dele é lindo, esse é o desenho que usaram no nosso artigo.

Helena, a esposa, chega e nos cumprimenta.

A: O papai sofreu uma coisa que (essa é minha mulher Helena)... a gente saindo da cidade grande, que é o Rio de Janeiro, o resto é muito provinciano, o Brasil é muito provinciano, quando eu vou pro Nordeste, eu te dou um exemplo disso aí, eu saio daqui pra qualquer outro lugar, você vai comer a melhor moqueca... aí você vai pra Sergipe, você vai comer a melhor moqueca... se você vai ao Maranhão o cara diz você vai comer a melhor moqueca... tudo é o melhor porque nós somos muito... ligados ao Rio de Janeiro, em termos de Cultura Nacional veio todo mundo pra cá, os grandes escritores os grandes Pintores... Papai teve uma cobrança da Bahia muito grande, sempre, por não ter ficado na Bahia, porque e se ele ficasse na Bahia, ele talvez fosse empregado de sapateiro, inclusive o concurso público que ele fez, ele passou em segundo lugar e não deram emprego pra ele e começou entrar gente na frente dele, então já havia uma certa marmelada e porque não um certo racismo né? Porque o brasileiro é um racista enrustido, eu sempre digo isso, porque eu sou... moreno e tal, mas meu pai já é mulato, quando eu estudei em certos colégios assim... por exemplo, Cataguases, meu apelido era São Benedito, sabe tinha sempre uma conotação sempre pro lado racista, é um racismo meio maquiado meio embutido mas ele existe, e principalmente na Bahia, ele existe claramente na Bahia quando a população negra...

Vágna Felício: Se destaca!

A: É impressionante, tá na cara de quem vê, minha senhora... você assiste um jogo de futebol... você dá uma olhada na arquibancada e você vê um branco é uma coisa muito rara, você vê do mulato ao negro uma grande quantidade tanto no Bahia quanto no Vitória e... vários amigos meus e tudo ... eu tenho sangue negro, graças a Deus!

Zeny: Graças a Deus!

A: Até da parte da minha Mãe, meu avó era um homem, o pai da minha Mãe, era um homem branco com olhos azuis assim... seu Candinho .

Zeny: Daí vem os olhos do Dorival?

A: Ah! Mas aí a Mãe da minha Mãe ela era... pais desconhecidos e o cabelo dela já era um cabelo mais...né, é como a família do papai, eles vêm de Italianos que chegaram na Bahia Enrico e já teve Salomé e já juntou com a cor da Bahia com aquele tempero que na Itália não tem, então, daí vem a família do meu pai... então, nós temos italianos, negros e portugueses e uma mistura que dá essa explosão toda.

Zeny: Eu digo que é o liquidificador racial que o Português trouxe pra nós...

A: Eu estava vendo outro dia Darcy Ribeiro falando, o português chegou e misturou com Índio e separou, o produto, depois misturou com negro separou o produto, aí o negro e o índio se juntaram, aí ele falou que esse que era o Brasil.

Zeny: O índio e o negro, era exatamente, o nosso povo se pudesse ter sido assim seria o real mais real da nossa etnia.

A: Eu preferia que nossa colonização, juro por Deus, fosse holandesa pelo menos do ponto de vista organização seria muito melhor do que o português, do ponto de vista miscigenação não, o português é o mais aberto, apesar de hipocritamente ser um calhorda que fica uma coisa escondida sempre se exala e quando eu não quero uso e quando eu não quero vai embora e tal ... e o holandês não, o holandês é mais racista, o que estragaria por esse lado, pelo lado da organização seria maravilhoso, se a gente ficasse com Maurício de Nassau do ponto de vista progresso e tudo naquela época, você viu Recife como ficou...

Zeny: E São Luiz no Maranhão, é bem um exemplo assim... mais forte.

A: Então você vê que por um lado sempre foi uma coisa assim... meu pai é produto disso, chegando jovem no Rio de Janeiro, onde tinha Manoel Bandeira, onde tinha Carlos Drummond de Andrade... onde tinha sabe a pintura Di Cavalcante e Portinari e a Literatura muito forte concentrada do País inteiro de Alagoas do Maranhão e José Lins do Rego e mais não sei quem, então, o Rio de Janeiro era a capital da República, era um centro cultural muito importante, né! E aí... papai veio pra cá e aqui ele se tornou Dorival Caymmi, eu me lembro aí começou um pouco de cobrança, aquela coisa de... que baianidade? O Antônio Carlos Magalhães fez muito isso com o papai, eles eram amigos até, quando papai recebeu Coimbra...

Zeny: Como também Jorge Amado, o ACM teve essa coisa linda de fazer amigos, amigos como Dorival Caymmi, como o próprio Jorge, como o Carybé.

A: Carybé e todo mundo era amigo dele...

Zeny: Isso foi bom do ACM.

A: É, ele era do Odorico Tavares, que ele era do Jornal da Tarde.

Zeny: Isso Odorico Tavares, Godofredo Filho ... tinha um grupo.

A: Ele era assistente do Odorico no Jornal A Tarde, quando o meu pai foi representar, foi receber homenagem em Coimbra dos estudantes, Odorico foi junto pra...

Zeny: Odorico também deu muito apoio aos...

A: O grande baiano que não era baiano, tem vários desses assim, Hanses Bahia, tem Carybé, tem vários homens desse tipo assim... que se encantaram.

Zeny: Por isso que agente escreveu essa coisa do... Dorival Caymmi e Godofredo Filho, coincidências de gesto e de vida.

A: Engraçado pelo seguinte, eu não entendi, eu não conheci o Godofredo.

Zeny: Pois é... esse é o grande problema na Bahia.

A: É, ele tá escondido, o cara... pelo texto que você escreveu.

Zeny: Ah! Poderia ter trazido o meu livro pra ele. A minha tese de doutorado foi sobre Godofredo Filho, eu poderia ter escrito sobre Dorival Caymmi, mas caiu nas minhas

mãos o arquivo de Godofredo, sem nenhum tratamento, a família não deu conta disso... a importância e terminou que...

A: O paralelo estabelecido aqui, pra mim é engraçado pelo seguinte porque...

Zeny: Eles não se conheceram... não tiveram essa ligação.

A: É, mas o que eu acho mais estranho era o seguinte... papai era um homem sem um nível superior de escolaridade, e ele era um cara extremamente escolarizado, né.

Zeny: É, ele foi seminarista.

A: E a poesia dele, eu li alguns, que eu não conhecia, alguns sonetos que até o português é um português que não se usa, né?

Zeny: Não, ele era completamente latinizado.

Dori: Ele era completamente diferente do meu pai nesse ponto, eu questiono você por quê...

A: Mas estão muito próximos da questão do gesto e de vida.

Dori: Mas é engraçado que são duas linguagens.

A: Com certeza, duas linguagens. Mas que reverenciam...

Dori: Eu nunca ouvi falar. Aliás, eu perguntei ao Paulo Cesar Pinheiro, que é poeta e lê todos os poetas, e ele me disse assim: não me é estranho esse nome. Mas ele não lembra de ter lido. Pra você ver, Paulinho lê todos os poetas que você imaginar.

Zeny: Nossa! Eu preciso mandar meu livro pra A, pra i divulgar.

Zeny: Pois é, vou mandar o meu livro pra poder divulgar.

A: Pois é, ele não conhece.

Zeny: Inclusive, Godofredo fala de Dorival em alguns momentos. No arquivo dele, ele cita Dorival Caymmi, como um dos mais importantes ou talvez um dos mais... o mais que mais reverencia... ele fala em algumas declarações dele, porque ele escrevia e lia sobre tudo da Bahia, tudo, ele estava em sintonia, ele podia não estar ligado pessoalmente com...

A: Talvez por ser de Feira de Santana, porque Feira de Santana é uma hora e meia de Salvador, mas...

Vágna Felício: Mas ele foi pra Salvador muito cedo, ele foi seminarista...

A: Digo assim o que você deu de currículo, o que agente viu e inclusive leu no google... Helena entrou no pra saber a biografia, essa coisa toda, ele tem um nível de escolaridade que meu pai não teve, meu pai não chegou a fazer curso superior.

Vágna Felício: Mas a paixão pela Bahia pelas coisas simples da Bahia é o que toca de gesto e vida.

A: Mas a gente precisa conhecer isso, porque o linguajar dele não é um linguajar simples.

Vágna Felício: Ele era um homem estilizado, né.

A: Ele era completamente diferente de meu pai.

Vágna Felício: Nesse sentido, sim.

A: A visão baiana dele é uma outra visão.

Vágna Felício: A coisa que é igual é a escrita, o manuscrito, os desenhos, o gesto e comportamento de época, a questão por exemplo de reverenciar o Brasil, de trazer o verde e amarelo, ele teve uma inserção no movimento na semana de Arte moderna... sem que ele mesmo soubesse, e o Dorival, ele está muito forte nessa passagem também, e os dois recebem também homenagens da Universidade Federal da Bahia.

A: Mas eu nunca tomei conhecimento, é um negócio estranho, vocês escreverem uma coisa que eu não sabia, papai não sabia... talvez papai soubesse.

Zeny: E ele recebeu em vida (a homenagem).

A: Quando o Jorge propôs há uns anos atrás (mamãe até ficou zangada e tenho impressão até que ela saiu da Bahia por isso), o Jorge veio com uma história do papai primeiro... ser da Escola de letras... da Academia de Letras da Bahia, por exemplo, o que eu li de... faz muito mais sentido o Godofredo Filho ser da Academia de Letras da Bahia do que meu pai, papai era uma linguagem muito mais direta muito mais popular, ele usa adjetivos e palavras que eu tenho que consultar o dicionário, tem palavras do

Godofredo Filho que eu não consigo identificar, é o português que eu não falo, é o português fora de uso, então é uma coisa muito difícil de você estabelecer essa... e nem a pintura dele não, eu não conheço...

Zeny: A pintura tem muita similaridade com a de Dorival, é incrível!

A: Não conheço, não. Tem algum livro dele de pintura?

Zeny: Tenho que te mandar, tenho que mandar, olha foi uma grande falha da minha parte, porque eu já escrevi já um livro sobre Godofredo filho, minha tese de doutorado foi sobre o acervo dele e ele...

A: Mas onde está esse acervo?

Zeny: Está na Universidade Federal da Bahia, lá a gente organizou, fez um banco de dados (tá bem interessante) e tem também um livro de Godofredo que foi a única coletânea que ele conseguiu fazer, irmã Poesia.

A: Ele estava nessa premiação que houve agora da Cultura da Bahia?

Zeny: Não, ele foi esquecido, aleijado, né, assim, foi muito, muito mesmo. Ele era amicíssimo de Odorico Tavares, de José Silveira...

A: Ele era Jornalista também?

Zeny: Não, ele, engraçado, assim como Dorival Caymmi ele não tinha o nível superior e chegou a ser professor de livre docência e entrou na Universidade pela sapiência dele e por notório saber e foi pra Academia ser professor da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas junto com Isaias Alves, Eugênio Gomes etc... que eram os grandes doutores, e ele nem Universidade tinha feito, mas pela sabedoria e pelo conhecimento ele se tornou professor da Universidade, mas ele não tinha o nível superior, ele foi 38 anos o diretor do IPHAN na Bahia junto com Rodrigo Melo Franco de Andrade, eram muito amigos... mas foi esquecido, a Bahia não lembra dele.

A: É, você pega em termos de notoriedade, se você estabelecesse uma comparação, por exemplo, Caymmi e Jorge Amado na minha cabeça faz um sentido danado, até pela linguagem dele pra mim é muito difícil estabelecer algum sentido.

Vágna Felício: Com certeza, tem muita coisa muito próxima de Godofredo e Dorival...

A: Eu li, por exemplo, e tem um soneto inclusive no... entre parênteses, ele coloca assim: obra prima. A linguagem é uma linguagem tão diferente do papai que eu não sei como é que vocês conseguiram ter essa... é preciso estudar muito afundo.

Vágna Felício; É o modo, gosto e vida. Eu vou te passar o livro de Godofredo.

A: Essa entrevista é para estabelecer... algo entre os dois?.

Vágna Felício: Não, é só Caymmi.

Dori: é É porque eu não conheço o Godofredo.

Vágna Felício; O Godofredo surgiu agora por conta da sua curiosidade. Na verdade, o trabalho é sobre Caymmi. Vagna está fazendo mestrado e a dissertação do mestrado dela é sobre Caymmi Vida obra pensamento e arquivo, acervo pessoal. O acervo dele, então o acervo de Dorival a gente percebeu, ao contrário da maioria dos acervos, graças a Deus, a gente percebeu que o acervo está muito organizado, está lá no Instituto Jobim, muito bom, isso pra gente foi uma coisa maravilhosa.

A: Vocês chegaram a ir lá.

Vagna e Zeny: Não, queremos ir lá amanhã, se o Dori puder intermediar isso, a ida, porque quinta-feira a gente volta.

A: Eu vou ligar pra Paulinho então.

Zeny: O nosso mestrado se chama Ciência da Informação, então nós lidamos com a informação, tudo que tem a ver com informação e comunicação esta no nosso mestrado e no nosso doutorado e Vagna ficou muito interessada sobre a vida obra e pensamento de Dorival Caymmi, no foi só por conta do centenário não, surgiu mesmo essa uma vontade dela, daí ela traçou esse projeto que foi aprovado, eu sou orientadora dela, terminei ficando porque tenho essa linha de trabalho de pesquisa de homens que fizeram a Bahia como Ildázio Tavares, Godofredo Filho, Wilson Lins, Olirio Gomes... eu tenho estudado muito esses homens, o próprio Jorge Amado a gente trabalhou muito nos acervos dele e agora a gente vai se debruçar, com ela, que é autora do trabalho eu vou ficar só na orientação a ideia foi como é que se estabeleceu essa relação de Dorival Caymmi com seu próprio acervo? Como a família vivenciou? Daí fizemos um roteiro.

Roteiro lido

Título da dissertação : Dorival Caymmi: vida, obra, pensamento e arquivo em uma temporalidade do verde e amarelo.

Resumo: Apresentar-se-á a realização de pesquisa que se constitui em uma tentativa de vencer as dificuldades encontradas na realização de estudos sobre o papel do arquivo pessoal nas pesquisas sobre vida, obra, pensamento de personagens da intelectualidade brasileira. Neste caso, Dorival Caymmi e suas produções artísticas e culturais as quais são o foco deste estudo onde se comprova que o arquivo é o homem e o homem constitui, a partir de sua própria vida, o seu próprio arquivo como lugar de memória.

Entrevista

Esta pesquisa originou-se, naturalmente, da inquietude de entender como o processo pelo qual os arquivos pessoais foram constituídos, desde as etapas iniciais de acumulação de documentos até a configuração final que assumem quando são organizados e abertos ao público pelas instituições de guarda.

Assim sendo, nos inquieta as seguintes questões:

1. Como ocorreu a participação da família Caymmi na organização do arquivo pessoal do cantor-compositor?

A: Isso começa com a minha sobrinha a filha da Nana, Stella Tereza, que a uns anos atrás começou a entrevistá-lo e começou a pensar em termos de biografia dele e biografia da família e fez um livro enorme super completo é ele é difícil de achar, é um livro grande, depois foi relançado o resumo mas também foi muito grande mas de qualquer maneira é um livro muito completo, ela entrevistou várias pessoas e trabalhou com vários amigos nas entrevistas e coisas e tal a partir daí houve um interesse, já estava havendo um certo interesse da fundação do Tom né, que não é fundação é Instituto Tom Jobim, de arquivar coisas assim, papai e tom Jobim eram grandes amigos, assim Tom se guiava muito pelas coisas do papai as vezes ele passava de carro levava ele pra passear pra filosofar por aí pelo Rio de Janeiro nas praias nas montanhas e tal e então começou a haver um interesse até do museu de imagem do som e do Instituto Jobim então foi feito um arquivo e eu não sei o nome porque sou um retrógrado com essas coisas ante progresso, o arquivo digital, e aí foi feito esse arquivo digital que eu

tenho impressão que ele vai ser mais completo ainda no museu de imagem do som, mais é muito completo, agora o MIS que está com Sucman, Sucamn é o curador do museu é um jornalista aqui do Rio de Janeiro que era Critico de Musica e tal, enfim...

A preocupação que papai no duro no duro ele guardava as coisas e era muito difícil de achar por que ele trancava tudo então a gente nunca teve muito acesso a certas coisas mais tarde começamos a descobrir coisas que ele escreveu, a partir do arquivo, a partir da memória dele, porque ele era um sujeito que pegava uma agenda, por exemplo, e não era um simples... fazia a agenda como um profissional faz uma agenda, a agenda dele ele dizia assim: hoje eu acordei e pensei que Stella fosse fazer uma compra mas ela não foi...depois em baixo ele escrevia recebi um cachê da TV Tupi... ele começava a anotar... Dori foi no médico e teve que operar o apêndice, estavam presentes fulano, cicrano e beltrano... ai no meio disso tinha assim... é... quase todas as músicas de 1947 escritas a mão por ele as letras pra começar o cancionero da Bahia, que é a primeira tentativa de se fazer um arquivo do meu pai é um livro chamado Cancioneiros da Bahia, ai é que parte tudo, Jorge Amado fez o prefácio desse livro.... - o minha filha (Helena) você pega uma dessas 4 edições que tem ai na estante pra mostrar - as ilustrações do Clóvis Graciano um amigo dele de São Paulo, um pintor muito bom e Jorge escreveu o prefácio que foi editado pelo editor do Jorge naquela época que era da editora Martins e esse livro foi de 47 por ai, esse foi o primeiro passo, depois de muitos anos do papai muito da dele e a gente... e a mamãe e esse retrato que ele pintou dela por exemplo... a mamãe era isso ai (nos mostra o retrato exposto na parede), meio sai da frente, ele mandava a gente sair de perto e deixava ele funcionar da maneira que ele tinha que funcionar, se ele tinha que compor, se ele tinha que ficar sozinho a gente tava sempre a parte do troço...

Ah! Esse é o livro, mas esse já uma edição mais recente, mas tem defeito e ele corrigia, tem um deles ai que ele escreveu a mão... ele corrigia coisas que estavam faltando... eu não sei... enfim... esse é o início da preocupação até do Jorge Amado (se não me engana) de fazer uma... por causa dessa admiração mútua Jorge disse assim que não se pode perder essa coisa nova da Bahia que está nascendo que é a musica do Caymmi que é a música da terra, que a musica de Iemanjá que tem o candomblé que tem Nosso Senhor do Bonfim essa coisa que tem na Bahia que é uma mistura..

Vágna Felício: Ele que trouxe... Caymmi que trouxe.

Dori: Papai levou esse troço até pro mundo porque várias vezes eu toquei na Europa nos Estados Unidos e aparece duas três pessoas e diz assim: eu vim achando que era seu pai, você não é o Dorival Caymmi? – não eu sou filho. Ai falam assim: Ah! Que eu vi seu pai em 1900 e não sei quanto e tal....

Então essa preocupação do arquivo dele começou assim com esse livro, a memória dele começa ai que eu acho importantíssimo.

Helena: tem um caso muito engraçado que na Holanda um fã de seu Dorival teve Gêmeos e colocou o nome dos filhos de um Dorival e o outro Caymmi.

A: Ele tem fãs assim, mas de qualquer maneira com a Stella Tereza que é filha da Nana, que é a filha mais velha da Nana que é biógrafa e tem feito até com meu irmão o Danilo, palestras incríveis ai em vários lugares, pela PUC com Júlio de Lins e tudo que o chefe diretor de Letras da PUC e... e aliás eles lançaram o livro dele da happy sol, muito bonito... então eles estão fazendo... ah! Também teve muita sorte porque.... com essa biografia com essa coisa toda... o papai teve muita sorte de ter três filhos artistas também, além da força, porque ele era um homem muito bom, pouco ambicioso, ele não tinha nenhuma ambição, você pode ver pra ele o que era morar

Vágna Felício: uma herança artística linda!

A: não tinha ambição, não ficou rico, não quis ficar rico, nunca se interessou por dinheiro então era um homem diferente. A Stella começou a fazer essa biografia e dessa biografia e começou.... as pessoas despertam por um interesse muito grande por o acervo dele, então foi se descobrindo coisas dele assim um bilhete do Heitor Vila Lobos, uma carta... uma coisa que ele se lamenta foi assim: Carmem Miranda foi embora não sei o que ele escreve umas linhas assim sabe...vaga e fala coisas assim de repente... uma escrita pessoal um pensamento uma agenda e tal...

Elas não estão nem aqui por enquanto, estão ai com meu irmão guardadas que ele está fazendo o levantamento pra poder fazer pro Museu da imagem do Som...

Vágna Felício: na verdade os arquivos dele estão no Instituto Tom Jobim e no Museu da Imagem do som?

A: é, agora a pessoa mais indicada ... o museu não está aberto o museu está em construção aqui na praia é um prédio enorme é aqui no posto 4 mais ou menos...

Vágna Felício E está pronto? Talvez na dissertação você faça menção a construção dele.

A: dizem que em 2015. Então a memória do papai foi muito despertada por essas entrevistas todas da minha sobrinha, que ficou martelando esse troço e ficou com ele ...

Vágna Felício: Quem é a sobrinha?

A: a Stella Tereza a filha da Nana, ela ficou com o nome de Stella Caymmi mas na realidade Stella Caymmi é a minha mãe, ela é Stella Tereza mas ai ficou Stella Caymmi e ela é muito responsável por isso nesse ponto e ela resolveu ser a biógrafa e de uma maneira foi um resultado muito bom porque agitar muito muita coisa a respeito dele essa coisa toda e começou a tirar ele do escuro, porque ele se escondia, tudo do papai foi sempre muito trancado sabe, muito muita pouca gente teve acesso.

Vágna Felício: Godofredo era assim também, essa gente dessa época... era fechado no seu mundo assim.

A: Ele não fazia muita questão...

Vágna Felício: E a Bahia é muito cruel, se ele não tivesse saído da Bahia talvez ficasse fechado.

A: Ah! Ele não seria ninguém, se ele não tivesse saído da Bahia ou então se ele possivelmente tivesse um Trio elétrico, aí podia ser. Aí se ele tivesse um trio elétrico... engraçado que falando disso, o Osmar que teve a dupla com Dodô, esse Dodô foi do primeiro conjunto do papai em Salvador antes dele vir pro Rio e esse Dodô é que inventou essa guitarra do trio elétrico, e era do grupo do meu pai, eles eram parceiros em Salvador e tal, se apresentaram até em rádio juntos e experimentaram um programa de rádio lá com conjunto e tal, tinha um conjunto chamado três e meio parece.

Agora esse arquivo, essa coisa toda começou a ser desencavada.

Vágna Felício: A seleção desses documentos, você sabe como foi a seleção desses documentos pra compor esse arquivo? Quem fez a seleção?

A: É, houve uma reunião aqui com o museu de Imagem, é Danilo com Paulinho Jobim, filho do Tom, que começaram então a pegar umas pessoas e fotos e é... artigos, informações... tudo sobre meu pai foi sendo levado para o Instituto Tom Jobim. E houve

até uma exposição maravilhosa que fizeram durante um tempo no próprio instituto no Jardim Botânico, muito bonito e aí... fizeram uma exposição nessa época aí a respeito de todo o trabalho dele quem era Dorival Caymmi coisa e tal... e agora é o lugar mais documentado, são duas coisas que a gente sabe a respeito do papai são: os livros que a Stella escreve ou principalmente esse da Biografia e esses arquivos todos que estão fazendo aqui... eles levaram coisas que tinham aqui. Aqui tinham arquivos que vieram do Instituto Tom Jobim, que foram digitalizados todos e foram pro Museu da Imagem e Som e eles estão guardados lá esperando então... aí haver salas... porque o Museu não vai ter espaço pra todo mundo, a verdade é essa... eu gostaria muito pro violão assinado dele, que houvesse espaço pros quadros que ele pintou... eu fui falar isso na Bahia e... é um dos defeitos dos jornalistas, eu fui falar isso na Bahia dizendo assim: meu sonho, eu usei a palavra sonho... e há testemunhas e foi gravado eu disse assim, meu sonho é que houvesse um lugarzinho na Bahia em Salvador em que ele pudesse ter o violão assinado, um memorial dele, exato ... o cara botou no jornal Dori Caymmi cobra

É essa distorção que acompanhou meu pai a vida inteira com relação a Bahia, houve sempre um cara invejoso, atravessando...

Você ver por exemplo os caras mais enraizados, até 1900 e na década de 60 ninguém poderia fazer sucesso se não viesse pro Rio de Janeiro, então eu sou amigo do Gil, do Caetano, da Betânia, da Gal todos eles vieram pra cá pra ser alguém. Eu sou produtor do primeiro disco do Gilberto Gil eu sou produtor do disco do Mingo e arranjador do Mingo ... Gal Costa Caetano Veloso, então eu sou testemunha ocular da história e auditiva, ninguém vinha, quando o trio elétrico começou a funcionar com o carnaval na Bahia e através do prêmio Dorival Caymmi de Música...apareceu Ivete Sangalo, apareceu Daniela Mercury, Carlinhos Brown todo mundo vem daí desse prêmio e o Tuca Moraes foi quem pediu a papai pra licenciar o nome do troféu e essa coisa toda, o tuca tem uma importância... não deixa de ser importantíssimo o que ele fez... depois ele perdeu o rumo da ... perdeu patrocínio, perdeu tudo né? Agora então...

Vágna Felício:foi um pouco parecido com o ... não tão parecido, mas uma história o Brasil tem essas coisas, o caos imperial né que depois perde tudo.

A: Agora o imperial ele viu o Rock Roll na cabeça dele, ele tinha uma frase muito importante, importante pra ele, ele dizia assim: eu prefiro ser vaiado do Mercury Cougar do que ser aplaudido no ônibus, se referindo a nos artistas novos do Brasil porque ele

tinha Mercuri kugan ele tinha dinheiro ele lançou Erasmo Carlos, Roberto Carlos, Vanderleia.... hoje é dia de Rock, Jair Rodrigues... todo mundo saiu do programa dele Jorge Bem, Tim Maia... todo mundo, agora depois se perdeu também né, as pessoas se perdem, agora infelizmente até o ponto em que a Bahia passa a funcionar independente de qualquer relação com Rio São Paulo, ai é o trio elétrico ai é o Carnaval, o carnaval da Bahia torna a Bahia independente dessas outras coisas então você começa a ver Daniela Mercury, Ivete Sangalo, Carlinhos Brown... já começa com Sarajane e aquele outro rapaz, Durval Leles, não tem um pioneiro o Luiz Caldas, esse também, eliminaram esse cara... essa coisa que não perde, existe um provincianismo no Brasil muito grande as pessoas querem que o Ceará seja melhor que Alagoas que seja melhor que Sergipe... não sei o que.... é tudo muito Barrista, o Nordeste está perdido nesse Bairrismo ai.

Pra mim a reação da Bahia com elação o papai esse ano que eu acabei de visitar, foi, depois que ele foi, e eu pedi aos médicos, e eu disse assim olhe, e com a minha mãe, eu disse ele vai a Salvador que ele quer ver a terra dele mesmo que ele esteja meio cego, meio surdo vai com médico com a família com todo mundo mais ele vai pra Salvador receber o prêmio Jorge Amado que era amigo dele e ele manifestou desejo de ir e falou comigo e então eu quero q ele vá, convenci minha mãe que eu tinha muita força com minha mãe, essa é que era o jogo duro se ela dissesse que ele não ia, seria um problema pra ele ir, ela ia fazer de tudo pra ele não ir, e ela conseguia, eu consegui que com ela eu disse ô mamãe fica fria ele tem que voltar pra terra dele ...uma última vez ele está com 93 anos ele precisa voltar pra terra dele, e ele voltou, nessa volta dele a Bahia que tem um montão de material colhido de reportagens e coisas, é impressionante, aqui eu tenho guardo ainda.. e vai pro arquivo possivelmente pra o museu, a recepção foi uma coisa assim gloriosa, a gente notava que era uma coisa assim de pinimba porque ele não vinha pra cá, Ah! Ele gosta da Bahia falou da Bahia mas não veio morar na Bahia, então tinha uma coisa assim meio... quando ele chegou na Bahia de cadeira de rodas e... foi uma comoção... foi capa de todos os jornais.. as primeiras páginas... isso em 2006, deixa eu pegar pra você ver o jornal...

Entrevista -2

Entrevistado B

Por:

Vágnia Shirlei Felício Santana Vidal

Pedagoga/gestora, Mestranda em Ciência da Informação.

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Graduada em História pela Universidade Gama Filho (2001), especialista em História Contemporânea pela Universidade Federal Fluminense (2006) e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (2012). Analista de Documentação e Informação na Escola de Ciências Sociais/CPDOC da Fundação Getúlio Vargas – RJ, onde atua ainda como Coordenadora do Programa de Arquivos Pessoais. Esta entrevista foi realizada no CPDOC, localizado na Praia de Botafogo, 190, 14º andar, Rio de Janeiro – RJ.

Vagna Felício: Poderia falar um pouco do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC).

B: O Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) é a Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Criado em 1973, tem o objetivo de abrigar conjuntos documentais relevantes para a história recente do país, desenvolver pesquisas em sua área de atuação e promover cursos de graduação e pós-graduação. Os conjuntos documentais doados ao CPDOC, que podem ser conhecidos no Guia dos Arquivos, constituem, atualmente, o mais importante acervo de arquivos pessoais de homens públicos do país, integrados por aproximadamente 200 fundos, totalizando cerca de 1,8 milhão de documentos. A organização desses arquivos e sua abertura à consulta pública, hoje totalmente informatizada por meio do sistema

Accessus³⁰, são tarefas primordiais do Centro. Os documentos desse acervo estão sendo progressivamente disponibilizados pela internet.

Vagna Felício: Qual foi o primeiro arquivo pessoal que o CPDOC organizou?

B: O acervo de Getúlio Vargas. A Celina trouxe para o CPDOC. Não compramos, a política do CPDOC é não de comprar. O Programa de Arquivos Pessoais (PAP) tem por objetivo reunir, organizar e divulgar o acervo de arquivos privados doados ao CPDOC desde 1973 até os dias atuais. Hoje, isso começou a mudar, recebemos há pouco tempo arquivo de um cientista, o Leite Lopes. Em 2005, o CPDOC ampliou sua atuação no ensino, criando a Escola Superior de Ciências Sociais, que iniciou em 2006 seu Curso de Graduação em Ciências Sociais (bacharelado). Seus alunos podem optar por uma de três ênfases: Bens Culturais, Política e Sociedade ou Relações Internacionais no Mundo Contemporâneo. Temos interesse em conjuntos documentais, verificamos todo material antes de nos comprometermos em cuidar do acervo em questão, respeitamos a lei de sigilo, lembrando que assinamos um contrato.

Vagna Felício: Há arquivistas na sua equipe?

B: Não temos arquivologista na equipe. Nosso pessoal é formado por historiadores e temos o apoio da Escola de Direito e o Jurídico da FGV.

Vagna Felício: Com relação à publicação de textos? E a família?

B: Não fechamos nada a não ser que a família queira. Referente aos textos, não temos problemas, não temos muitos escritores, não tem trabalho literário, temos cartas e as publicamos. Por exemplo: Temos o arquivo do Betinho, ele recebeu muitas cartas, tem pessoas que escreveram pra ele e nós temos o cuidado de não expor algumas dessas pessoas. As famílias geralmente doam e abrem espaço, não temos muito problema, as famílias não vieram reclamar, já temos 206 fundos e, organizados, em torno de cento e oitenta, temos um número de arquivos significativo e organizado, disponível também *on-line*.

³⁰³⁰ Accessus é uma base de dados constituída com o objetivo de propiciar um acesso mais rápido e eficiente às informações existentes no acervo documental do CPDOC. Composto de manuscritos, impressos, fotos, discos, filmes e fitas, esse acervo está estimado em um milhão e trezentos mil documentos, dos quais cerca de um milhão encontram-se referenciados na base Accessus.

Vagna Felício: Todos os arquivos são organizados na mesma linha de processo arquivístico? É levado em consideração a descrição?

B: Hoje, conforme nós começamos a digitalizar, algumas informações passaram a ser importantes, antes nós nos preocupávamos muito com número de documento e de folha ou número de pastas, com a descrição. O que acontece é que nós descrevemos /fazemos o fundo, então criamos o arranjo, fazemos as séries e subséries. Antes, quando o CPDOC começou muitos arquivos eram organizados e chegava ao item documental, hoje em dia é praticamente impossível chegarmos ao item documental, porque pra conseguirmos organizar e liberar pra consulta demoraria muito, só conseguimos chegar até o dossiê, geralmente faz os dossiês com o que são os conjuntos sobre os mesmos assuntos, dentro daquela série ou subsérie e faz aqueles conjuntos, faz uma descrição que geralmente já vem dizendo no início quais são os tipos de documentos principais que têm naquele dossiê, e já fala sobre o assunto, às vezes no final da descrição faz uma relação dos principais documentos “que tem no dossiê”, claro que isso é tendencioso, sabemos, porque quem vai descrever é que está julgando quais os principais documentos. Eu posso achar que aquele são os principais documentos X, na minha visão, e um outro pesquisador achar que são outros documentos X. É questão de escola que temos que fazer ao longo do tempo.

A nossa preocupação hoje é de mudar e publicar uma metodologia nova, porque essa metodologia que nós temos publicada está totalmente defasada, ainda fala em ficha, não cita o Accessus, que é a ferramenta principal desde 2000, é a nossa base de dados, tudo é organizado dentro dessa base, nele constam as planilhas a serem preenchidas para colocar separado o manuscrito, o manuscrito textual fica junto, são os dossiês, as fotos são organizadas separadas, também recebemos os livros, ficamos com os livros, não com a biblioteca do titular do fundo, os livros principais que são produzidos por ele, e os que falam da vida dele. Jornal nós não ficamos, só os alternativos, algo raro. Vale destacar que explicamos pras famílias: não ficamos com recorte de jornais – é caro pra armazenar – não ficamos com cópias, se a família não a quer, nós descartamos.

Vagna Felício: Todos os itens documentais são digitalizados?

B: Todos os itens documentais são digitalizados, os usuários do nosso sistema enxergam o documento até certo ponto, não descrevemos item a item, um documento que você pode consultar em um ano, se for fazer item a item vai ser feito em cinco anos.

Uma preocupação grande do CPDOC é de fazer com que os arquivos que nós temos aqui na casa cheguem para os pesquisadores, essa é uma constante preocupação, e mesmo assim achamos que demora. Hoje nós atendemos os pesquisadores da casa, eles têm ansiedade em ter acesso, então os pesquisadores fazem o projeto e vêm conosco organizar. O nosso critério de organização é quem chegou primeiro, acontece que quando “fura a fila” é que algum pesquisador faz um projeto, capta recurso para fazer a organização de um acervo X e então nós o organizamos, pois o nosso recurso é específico para organizar x fundo. A mesma regra para a digitalização, também verificamos qual o mais consultado, observamos o portal, e sabemos o que as pessoas estão mais procurando na internet, a consulta é um termômetro pra nós.

Vagna Felício: Quanto ao estado de conservação desses documentos?

B: não tem nada desesperador, temos um acervo contemporâneo de 30 pra cá, realizamos a conservação preventiva, ou quando alguém consegue recurso direcionado para digitalizar X acervos, então digitalizamos.

Vagna Felício: Quem montou o sistema de informação do CPDOC?

B: Nós desenvolvemos, a Sueli Braga e a Adelina Novais elaboraram o Accessus, elas são funcionárias daqui, a Sueli está no Museu de Imagem e Som (MIS) – ainda em construção – e a Adelina aqui, no final dos anos 90 começaram a desenhar o Accessus com a tecnologia da informação da FGV, foi desenvolvido dentro da FGV, que é proprietária do sistema. O Accessus foi desenhado pra suprir/atender as necessidades do CPDOC.

Entrevista - 3

Entrevistado C

Por:

Vágna Shirlei Felício Santana Vidal

Pedagoga/gestora, Mestranda em Ciência da Informação

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Designer formada pela Escola Superior de Desenho Industrial (UERJ), com experiência nas áreas de design gráfico, editorial e produção cultural. Como designer do Instituto Antônio Carlos Jobim, ela gerencia, junto a Paulo Jobim, o desenvolvimento e aprimoramento do portal www.jobim.org. Esta entrevista foi realizada na Rua Jardim Botânico, 1008, Rio de Janeiro.

Vágna Felício: Como tudo começou?

C: O Tom, em maio de 2001, não somente para preservar e tornar público o seu acervo, mas com o objetivo de desenvolver projetos educativos sobre ecologia e artes em geral, criou o instituto. O acervo de Tom Jobim foi organizado e digitalizado em 2001 com a criação do Instituto Antônio Carlos Jobim (IACJ) e conta com mais de 9.000 itens catalogados. Este espaço multimídia foi desenvolvido para o público navegar através da vida e obra do maestro. Atualmente, o espaço digital do Instituto abriga os acervos de Tom Jobim, Lucio Costa, Dorival Caymmi, Chico Buarque e Gilberto Gil. Os acervos de Milton Nascimento e de Paulo Moura estão em fase de implementação. Temos uma equipe do Instituto, bastante diversificada, composta por músicos, pesquisadores, historiadores, designers e arquitetos, agregando qualidade à catalogação de cada acervo.

No nosso ambiente, é possível ouvir músicas, ver suas partituras, fotos, documentos, áudios e vídeos; além de textos sobre momentos marcantes.

Vágna Felício: Como se deu a sua inserção no IACJ?

C: Há dez anos que trabalho com a família do Tom. Na UERJ, a Jorgina foi minha professora, logo que formei me convidou pra trabalhar com ela, realizamos trabalhos de designe juntas, mas eu divido meu tempo com o Instituto, vim para coordenar.

Vágna Felício: O arquivo pessoal de Dorival Caymmi recebeu tratamento com base nos procedimentos arquivísticos?

C: Nós montamos uma equipe, esse material não é selecionado, é um fundo. A ideia de um acervo, quando você começa, é justamente dar conta de tudo aquilo que você tem e disponibiliza, que a família tem guardado, no meio do caminho vão surgindo coisas. No início fizemos uma primeira triagem, que normalmente chega caótico. A partir daí, iniciamos o trabalho. Nos inserimos em tudo que diz respeito de acervo pessoal, tudo que diz respeito ao indivíduo, o indivíduo é que nos interessa.

Vágna Felício: Você acha que o próprio Caymmi fazia a organização?

C: Não, poucos artistas pensam em separar e arquivar. O Milton, por exemplo, é muito pessoal, tem muita foto de família.

Vágna Felício: Como se deu a seleção dos documentos para compor o arquivo?

C: O acervo chegou avulso, desalinhado, sem organicidade, sem uma ligação temática, tudo foi feito aqui. Montamos a equipe e convidamos profissionais específicos para organizar todo o acervo recebido. Utilizamos um programa de acervo para todos os arquivos, mas com características diferentes, estão organizados diferentes, de acordo com a trajetória de cada um.

Vágna Felício: Qual sistema de organização que vocês utilizam?

C: Utilizamos o sistema de organização de software livre DSPACE, do qual o Paulo Jobim, que é diretor do IACJ, é colaborador, junto ao Massachusetts Institute of Technology (MIT). Usamos software pra fazer a catalogação, já as fichas é um programa Manakin, uma nova facilidade criada pela Biblioteca da Universidade do Texas A&M University. A interface pode ser extensivamente modificada pelos aspectos

e temas baseado em XSL, que nos torna independentes, otimizamos de acordo com as nossas necessidades, alteramos a estrutura, o visual. Isso foi necessário porque não lidamos só com pesquisador, e sim com o público em geral. Nesse programa temos a parte técnica, mas também as facilidades que precisamos para melhor acessibilidade. Primamos pela qualidade técnica e também pelo conforto de quem utiliza nosso site.

Vágna Felício: Como foi a participação da família nesse processo?

C: Dois dos netos dele vieram trabalhar conosco, a Juliana e o Gabriel. Foi tranquilo, sempre estamos arrumando/mexendo, não tanto quanto o que fazemos no acervo do Tom, todos que estão aqui estão por ser grandes amigos do Tom, então nossa equipe é composta por: Jorgina (arquivista), designe que sou eu, procuro pensar como passar essas informações, os pesquisadores, que são nossa base, músicos que fazem parte da rede de pesquisadores, e pessoas da família.

Vágna Felício: O acervo de Dorival está tratado e organizado?

C: Sim, está na conservação. Recebemos todo esse material bruto/físico, fazemos a limpeza, higienização, conservação preventiva, acondicionamos numa jaqueta ou em caixas, todo com material alcalino. E devolvemos todo organizado.

Vágna Felício: O material de Dorival Caymmi está com vocês?

C: Não, já foi devolvido.

Vágna Felício: Preocupamo-nos com o acervo físico.

C: Ele está organizado, não temos espaço físico para ficar com todos. Temos alguém na casa que cuidada do acervo do Tom, esse é um trabalho permanente.

Vágna Felício: Relacionado ao sigilo e confidência, o acervo do Dorival Caymmi, quando foi transferido pra vocês, foi feita uma triagem?

C: Sim, ou talvez não, trabalhamos com pessoas que acreditamos ser de confiança, quando se tem uma equipe grande temos certo cuidado. Há no site arquivos que você vê a ficha, mas não o conteúdo. As agendas de Caymmi, por exemplo, é necessário de autorização para ter acesso. A família libera, através de solicitação, logo depois nós liberamos no site, para quem solicitou, apenas, através de uma chave de segurança.

Vágna Felício: Os documentos inéditos estão com a família? Apenas as agendas estão todas bloqueadas?

C: Sim, tem coisas que estão fechadas. Fotografias de Caymmi, desconhecemos alguma fechada, agora de Tom há cartas que estão fechadas. Diariamente eu recebo solicitações para acesso, mas, com relação a imagens, liberamos nenhum direito, temos um custo por envio de imagem, um custo de 120 reais de imagem em alta, esse valor nos auxilia na manutenção do Instituto.

ANEXO A

DORIVAL CAYMMI & GODOFREDO FILHO:
COINCIDÊNCIAS DE GESTO E DE VIDA

Zeny Duarte

Escritora

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em

Ciência da Informação (mestrado e doutorado)

Universidade Federal da Bahia

Dorival Caymmi (nascimento: Salvador, 30 de abril de 1914; falecimento: 16 de agosto de 2008) e Godofredo Filho (nascimento: Feira de Santana, 26 de abril de 1904; falecimento: 22 de agosto de 1992), ambos os dois provaram do profano e do telúrico da Bahia.

Dois baianos de um século marcado pelo comportamento social conduzido pelas letras, pelas trocas de missivas e de manuscritos (do mundo *manuscriptológico*), quando também a moda e o costume mantinham parâmetros próximos e, em uma roda de samba, ou em uma mesa de mercado popular, homens elegantes e perfumados, com trajés em linho e chapéu de marca, reuniam-se para parolar sobre musas, letras, artes e canções. Naqueles anos, a vinda de numerosos imigrantes promoveu o convívio dos brasileiros com diferentes culturas de vários países e a influência no *modus vivendi* da época.

Tanto em Caymmi quanto em Godofredo Filho, encontramos o retrato de nossa gente, de nossas raízes. Na vida e na arte da escrita, um e outro nos convidam aos enunciados do sentimento mais puro, mostrando-nos a magia e os encantos da Bahia, de seu mar, dos sambas dengosos, dos sobrados históricos, das ladeiras, dos becos, da figura feminina, das cores, do cheiro e dos sabores desta terra.

Caymmi, personagem fundamental da cultura brasileira e de nossa música, soube como ninguém, exaltar o mar em poesias, continuará despertando o desejo de cá ficar. Entre tantos, escolhemos o texto “*Não consigo ir embora da Bahia*”, de Arnaldo Jabor, de férias na Bahia, a contemplar o sabor baiano de ser, transborda nosso sentimento telúrico quando diz “*Nesta época maníaca e americana, que se esvai em repouso, aqui há o ritmo do prazer, a "sábua preguiça solar" de que falou Oswald de Andrade e que Caymmi professa.* (Folha de São Paulo, 13 de fevereiro de 2001).

Godofredo Filho, por sua vez, fez valer inspirações aproximadas daquelas que Caymmi transmitia em suas canções. Conservava um grupo de amigos-escritores. Entre eles, Aloysio de Carvalho Filho deixou vários depoimentos sobre o feirense e, em um de seus manuscritos, disse: *“Godofredo Filho é da Feira de Santana e da pauta de abril. Da pauta, palavra constante e sintomática do bom escrever do poeta. Resultou obra cristalina mesmo em sua tendência lógica para arejada noturnidade. Resultou enfim o poeta alto e puro da estima e da admiração de sua e da nossa terra.”*

Com mãos criativas, em traços, as comoventes pinturas eram para eles o hábito que lhes oferecia as formas da plasticidade de suas poesias-músicas. Seus desenhos nos levam para além de suas letras, em formas leves e de suntuosidade representativa do mais íntimo de seus momentos.

Neles, haviam coincidências de gesto, escrita, leitura e o prazer pelas coisas simples da vida. Godofredo Filho cantou a Bahia colonial em prosa e verso e a importância da preservação cultural. Caymmi cantou a Bahia, em seus ritmos e apresentou a imensidão cultural e religiosa.

Os dois legaram à sociedade letras representativas de vida íntima e social, do cotidiano, moda, comportamento e costume de época, exportando a cultura da Bahia para o Brasil e também para o mundo.

Ambos assimilaram tendências artísticas e literárias do movimento de 1922 e, influenciaram a poesia modernista. Tanto Dorival Caymmi (1984) quanto Godofredo Filho (2006), foram homenageados pela Universidade Federal da Bahia, tendo sido a eles concedidos os títulos, respectivamente, de “Doutor Honoris Causa da Universidade Federal da Bahia” e “Professor Emérito da Universidade Federal da Bahia”.

ANEXO B**O CANTADOR DOS COSTUMES****Davi Salles****Cantor, compositor, arranjador e produtor musical, escritor-poeta**

Dorival Caymmi, cantor, compositor brasileiro
Da voz grave de veludo
Cantou o amor, os mistérios do mar e os apresentou ao mundo
Os nossos costumes, as tradições da Bahia
A lida dos pescadores, nossas manifestações e valores
A rotina, o dia a dia se eternizarão,
Na tônica de suas canções, na sua peculiar poesia
“O Samba da Minha Terra” a “Marina Morena” que se pintou
Mas, Caymmi não gostou
Entretanto, ele era também pintor
Dominava o pincel como o seu dom de menestrel
E no cabo da inchada, ele era coronel.

Dorival veio de um berço, um clã extremamente musical
Filho de Salvador, soteropolitano
Honrador de sua cultura regional, original
Tinha a África no seu genoma
O seu sangue era negro, afro e português
O som da cabaça, do arame, do berimbau, da capoeira colonial
A negritude e a simplicidade, eram suas virtudes
O orgulho de sua raça
A etnia escancarada, no tom de sua pele e pelo sol dourado
Devoto dos orixás.

Dorival era difusor do baianês

Tinha olhos claros, da cor de esmeraldas
Suas joias ficaram aqui, eternizadas e para serem cantadas
Interpretadas pelas vozes saudosas e agraciadas
Caymmi era do Candomblé, de Terreiro
Onde ele fincava o pé
Tinha a proteção, a benção da Mãe Menininha do Gantois
Que por ele tinha muito zelo
No vai e vem das ondas do mar
Ouvia as melodias
O canto das donas das águas, Yara, Iemanjá
Para a partitura, transferia seu toque particular
Foi caixeiro viajante e, do violão logo se tornou um amante
Criou um estilo todo seu
Caymmi e suas canções praieiras
Falavam de embarcações a jangadas
Das partidas e chegadas
Das caboclas apaixonadas
Dos quitutes, das cantigas de roda
Das lavadeiras, benzedeiros bronzeadas
Do abará, carurú, vatapá, acarajé
E o trabalho que dá pra fazer que é.

Caymmi das missangas coloridas, da maresia, das marés
Fitinhas protetoras do Nosso Senhor do Bonfim
Do mingau de carimã, do azeite de dendê
Da moqueca de mariscos
Com leite de côco, dos coqueiros de Itapoã
Sua baianidade era natural, nagô
O que é que a baiana tem?
Caymmi falou e disse.

Desmistificou muitas lendas e crendices de São Salvador
Foi recebido de braços abertos pelo Cristo Redentor
Quando ao Rio de Janeiro chegou

A música de Caymmi embala trilhas sonoras de novelas
E os sonhos de muitas cinderelas
Relatou as curvas da mais formosa Gabriela
A cravo e canela, musa do romance de Amado Jorge, escritor.

E, da árvore de Dorival brotaram frutos cantantes
Vozes como a dele, quão marcantes da música popular brasileira
Suas crias também são bandeirantes
Perpetuadores de sua herança
Dori, Nana e Danilo, também músicos trovadores
Com destino atrelado ao legado do seu mestre inspirador
Dorival hoje habita o céu
Fisicamente aqui não mais está
Sua marca é uma barca
Uma jangada que balança, pra lá e pra cá

E, jamais naufragar!

E, jamais naufragar!